



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Faculdade de Educação e Psicologia

**ENSINO PROFISSIONAL:
UM OLHAR SOBRE AS MOTIVAÇÕES E
EXPECTATIVAS DOS ALUNOS**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação

- Especialização em Administração e Organização Escolar -

Maria Adília Machado Oliveira Pereira de Brito

Porto, fevereiro de 2022



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Faculdade de Educação e Psicologia

**ENSINO PROFISSIONAL:
UM OLHAR SOBRE AS MOTIVAÇÕES E
EXPECTATIVAS DOS ALUNOS**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação

- Especialização em Administração e Organização Escolar -

Maria Adília Machado Oliveira Pereira de Brito

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Cristina Palmeirão

Porto, fevereiro de 2022

Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.

Paulo Freire, 2002

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar uma palavra de especial reconhecimento e profunda gratidão, à minha orientadora Professora Doutora Cristina Palmeirão, pela disponibilidade e apoio, pelos ensinamentos e partilha do saber, pelas sugestões críticas e valiosas contribuições ao longo deste trabalho de investigação.

A todos os docentes deste mestrado, por todos os conhecimentos partilhados e, particularmente ao Professor Doutor Matias Alves e à Professora Doutora Ilídia Cabral por me inspirarem “a ver para além dos muros”.

Às minhas amigas, colegas de profissão e de mestrado, Maggy e Nuxa, pela amizade, pelo companheirismo e pelo constante espírito de entreatajuda.

À Diretora do Agrupamento de Escolas de Pinheiro, Luísa Coelho, pela colaboração, aos alunos inquiridos e entrevistados, pelos preciosos testemunhos para o estudo e, aos colegas que colaboraram na recolha dos dados indispensáveis à realização deste trabalho, Hugo Almeida, Sónia Pinto, Sílvia Vieira, Mónica Querido, Helena Nogueira e Genoveva Correia.

Ao meu marido, Jorge, que sempre esteve a meu lado, pela paciência e incentivo, pelos conselhos preciosos, colaboração e encorajamento em todos os momentos, contribuindo para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Às minhas filhas, Sofia e Marta, pelo seu incentivo e entusiasmo e pela excelência dos seus desempenhos e valores.

A todos, o meu profundo agradecimento.

RESUMO

O Ensino Profissional foi oficialmente introduzido nas Escolas Secundárias Públicas portuguesas em 2004, no âmbito da europeização das políticas educativas nacionais. Esta medida teve como principais desígnios o aumento de mão de obra qualificada e a diversificação da oferta formativa de dupla certificação. No entanto, prevalece um estigma sobre o Ensino Profissional, tendendo a associá-lo a ideias preconceituosas como o abandono escolar precoce e o desaproveitamento escolar, contrariando os princípios que estruturam o Ensino Profissional enquanto percurso educativo possível de capacitar os alunos para um projeto de vida saudável e o prosseguimento de estudos no ensino superior.

O presente estudo assume uma abordagem de natureza mista e como instrumentos de recolha de análise de dados recorre, essencialmente a três técnicas: análise documental, inquérito por questionário e entrevistas sob a forma narrativa e tem como meta de investigação perceber as motivações e expectativas dos alunos do Agrupamento de Escolas de Pinheiro, ao optarem pelo Ensino Profissional para prosseguimento dos seus estudos de ensino secundário. Paralelamente, pretende-se aferir se a tomada de decisão de ingresso no Ensino Profissional se prende com a própria vocação, ou se a mesma decisão esteve associada a outros fatores, de ordem social e económica, ou de influência de terceiros. E, ainda, conhecer as perspetivas destes alunos face ao futuro.

O estudo incide sobre o universo dos alunos dos 10.º, 11.º e 12.º anos dos Cursos Profissionais e do 9.º ano de escolaridade do Agrupamento de Escolas de Pinheiro, num total de 175 alunos, aos quais foram aplicados inquéritos por questionário. Para complementar os dados recolhidos, aos alunos que frequentam o 12.º ano do Ensino Profissional, foi ainda aplicada uma entrevista, para através das suas experiências individuais aferir a evolução das disposições destes alunos.

Os resultados permitem perceber que se verifica, atualmente, uma maior compreensão e um maior reconhecimento pelos Cursos Profissionais. Os grupos de alunos inquiridos, reconhecem as potencialidades destes cursos e sobretudo a possibilidade de acesso a um projeto de vida mais articulado e sustentado, motivo pelo qual o Ensino Profissional, tem vindo crescentemente a ser escolhido como uma primeira opção de escolaridade, por parte de um cada vez maior número de jovens.

Palavras-chave: Ensino Profissional, Motivações, Expectativas, Futuro.

ABSTRACT

Professional education was officially introduced in Portuguese Public Secondary Schools in 2004, within the scope of the Europeanization of national educational policies. This bet had as main objectives the increase of qualified labor and the diversification of the training offer of double certification. However, a stigma prevails over professional education, tending to associate it with prejudiced ideas such as early school leaving and school failure, contradicting what professional education actually intends to be: a valid path for a profession, capable of training students for active life and even for further studies in higher education.

The present study has as research proposal to understand the motivations and expectations of the students of the Pinheiro School Group, when opting for professional education to continue their secondary education studies. It is intended to assess whether the decision to enter vocational education is related to one's vocation, or whether the same decision was associated with other factors, either a social and economic nature, or of the influence of third parties. Regarding the school and professional expectations of young people, it is sought to know their perspectives regarding the future career.

The study will focus on the universe of students from the 9th grade and the 10th, 11th and 12th years of the Professional Courses of the Grouping of Schools in Pinheiro, in a total of 175 students to whom questionnaires will be applied. To complement the data collected, an interview was also applied to students attending the 12th year of Vocational Education, to assess the evolution of these students' dispositions through their individual experiences.

The results show that there is currently greater understanding and recognition of Professional Courses. The groups of students (EP and EG) surveyed recognize the potential of these courses and, above all, the possibility of accessing a more articulated and sustained life project, which is why Vocational Education has been increasingly chosen as a first option for schooling by an increasing number of young people.

Keywords: Professional Education, Motivations, Expectations.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO.....	iii
ABSTRACT	v
ÍNDICE	vii
ÍNDICE DE QUADROS	ix
ÍNDICE DE FIGURAS	x
ÍNDICE DE GRÁFICOS	xi
LISTA DE SIGLAS	xii
INTRODUÇÃO	13
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	15
CAPÍTULO I – O ENSINO PROFISSIONAL EM PORTUGAL.....	15
1.1. Evolução do Ensino Profissional nas Escolas Públicas	15
1.2. O Ensino Profissional no Sistema Educativo Português	18
1.3. (Re)Organização dos Cursos Profissionais.....	20
CAPÍTULO II - OS NOVOS DESAFIOS DO ENSINO PROFISSIONAL.....	23
2.1. Perfis dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória/Perfis Profissionais	23
2.2. Aprendizagens Essenciais, o Referencial de Competências da Qualificação e a Educação de Qualidade	24
2.3. O Ensino Profissional como motor de inovação e crescimento.....	28
PARTE II - METODOLOGIA E RESULTADOS	33
CAPÍTULO III - OPÇÕES METODOLÓGICAS	33
3.1. Natureza do estudo: estudo de caso.....	33
3.2. Objeto, objetivos e questões de investigação	36
3.3. Técnicas de recolha e produção de dados.....	39
3.3.1. Análise documental	40
3.3.2. Inquérito por questionário.....	40
3.3.3. Entrevista sob a forma de narrativa.....	42
3.4. Caracterização do contexto e dos participantes do estudo	43
3.4.1. O Agrupamento de Escolas.....	43
3.4.2. Participantes do estudo	44

CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	47
4.1. Pesquisa Documental.....	47
4.1.1. O Projeto Educativo do Agrupamento	47
4.2. Inquérito por Questionário	49
4.2.1. Questionário aos alunos dos Cursos Profissionais	49
4.2.1.1. Caracterização dos respondentes	50
4.2.1.2. Relação com a Escola	50
4.2.1.3. Trajetória Escolar	52
4.2.1.4. Escolhas e Expectativas Escolares	53
4.2.1.5. O Curso Profissional	58
4.2.1.6. Projetos Futuros.....	63
4.2.2. Questionário aos alunos do 9.º ano do Ensino Geral	65
4.2.2.1. Caracterização dos respondentes	65
4.2.2.2. Relação com a Escola	65
4.2.2.3. Trajetória Escolar	68
4.2.2.4. Escolhas e Expectativas Escolares	69
4.2.2.5. O Ensino Profissional.....	71
4.3. Entrevista	72
4.3.1. Identificação dos participantes	73
4.3.2. Precusores da escolha.....	74
4.3.3. Caracterização do curso.....	76
4.3.4. Perspetivas para o futuro	79
CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	85
CONCLUSÕES	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
ANEXOS.....	105
Anexo 1 - Pedido de Colaboração	105
Anexo 2 - Consentimento Informado em participação num estudo de investigação - questionário	107
Anexo 3 - Consentimento Informado em participação num estudo de investigação - entrevista	109
Anexo 4 - Questionário aos Alunos do Ensino Profissional.....	111
Anexo 5 - Questionário aos Alunos do Ensino Geral.....	121
Anexo 6 - Guião da Entrevista dirigida aos alunos do Ensino Profissional.....	129

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Marcos da evolução do sistema de educação e formação (pós 1945).	16
Quadro 2 - Quadro-Síntese da Oferta Formativa do Ensino Secundário.	19
Quadro 3 - Matriz Curricular-base dos Cursos Profissionais.....	20
Quadro 4 - Mapa Concetual da Metodologia.....	35
Quadro 5 - Cursos lecionados entre os anos letivos 2007/2008 e 2020/2021	44
Quadro 6 - Participantes no Estudo	45
Quadro 7 - Relação com a Escola.....	50
Quadro 8 - Relacionamento com Professores, Colegas e Assistentes Operacionais	51
Quadro 9 - Dificuldades de aprendizagem no Ensino Geral	52
Quadro 10 - Retenções/Reprovações	52
Quadro 11 - Ano de Retenção.....	53
Quadro 12 - Expectativas Iniciais.....	57
Quadro 13 - Expectativas Atuais	57
Quadro 14 - Competências a adquirir	57
Quadro 15 - Desempenho do Aluno	62
Quadro 16 - A frequência do Curso constitui motivo de orgulho	62
Quadro 17 - Relação com a Escola.....	66
Quadro 18 - Relacionamento com Professores, Colegas e Assistentes Operacionais	66
Quadro 19 - Dificuldades de Aprendizagem.....	67
Quadro 20 - Retenções/Reprovações	68
Quadro 21 - Ano de Retenção.....	68
Quadro 22 - O Ensino Profissional	72
Quadro 23 - Caracterização dos alunos participantes nas entrevistas.....	73
Quadro 24 - Precusores da Escolha	75
Quadro 25 - Caracterização do Curso.....	79
Quadro 26 - Perspetivas para o Futuro	81

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Elementos que constituem a UC, ANQEP, 2021	26
Figura 2 - Infográfico de Osnabrück - novas ações políticas em EFP para o período de 2021-2025 (2020)	30
Figura 3 - DGEEC, Educação em Números 2020	37
Figura 4 - DGEEC, OTES, Jovens no Pós-Secundário em 2019	37
Figura 5 - Alunos matriculados no ensino secundário público: Cursos Profissionais, Pordata, 2019	38
Figura 6 - Alunos matriculados no ensino secundário: Cursos Profissionais, Pordata, 2019	39

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Disciplinas difíceis no Ensino Geral.....	52
Gráfico 2 - Opção pelo Curso Profissional	54
Gráfico 3 - Importância na Escolha Vocacional.....	55
Gráfico 4 - Momento da Escolha	55
Gráfico 5 - Motivo da escolha da área de formação.....	56
Gráfico 6 - Se não, motivo da opção	56
Gráfico 7 - Gosta do Curso que frequenta	58
Gráfico 8 - Grau de Satisfação com o Curso.....	59
Gráfico 9 - Avaliação do Curso.....	59
Gráfico 10 - Atividades preferidas	60
Gráfico 11 - Importância do Estágio	60
Gráfico 12 - Expectativas no Estágio	61
Gráfico 13 - Fatores que favorecem o Ensino Profissional	62
Gráfico 14 - Pretensões Futuras	63
Gráfico 15 - Fatores importantes na escolha de uma profissão	64
Gráfico 16 - Disciplinas mais difíceis no Ensino Geral	67
Gráfico 17 - Expectativas em relação ao Ensino Secundário.....	69
Gráfico 18 - Importância na Escolha Vocacional.....	70
Gráfico 19 - Curso pretendido no Ensino Secundário	71

LISTA DE SIGLAS

- AEP** - Agrupamento de Escolas de Pinheiro
- ANQEP** - Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional
- CEDEFOP** - Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional
- CH** - Carga Horária
- CNE** - Conselho Nacional de Educação
- CNQ** - Catálogo Nacional de Qualificações
- CP** - Cursos Profissionais
- CTeSP** - Cursos Técnicos Superiores Profissionais
- DGE** - Direção-Geral da Educação
- DGEEC** - Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência
- EFP** - Ensino e Formação Profissionais
- EG** - Ensino Geral
- EP** - Ensino Profissional
- EQAVET** - *European Quality Assurance Reference Framework for Vocational Education and Training / Quadro de Referência Europeu de Garantia da Qualidade para a Educação e Formação Profissional*
- FCT** - Formação em Contexto de Trabalho
- NUT** - Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
- OECD** - Organisation for Economic Co-operation and Development
- OCDE** - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económicos
- OTES** - Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário
- PAP** - Prova de Aptidão Profissional
- PASEO** - Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória
- PEA** - Projeto Educativo do Agrupamento
- PORDATA** - Base de Dados Portugal Contemporâneo
- QEQ** - Quadro Europeu de Qualificações
- QNQ** - Quadro Nacional de Qualificações
- RA** - Resultados de Aprendizagem
- SNQ** - Sistema de Nacional de Qualificações
- UC** - Unidade de Competência
- UFCD** - Unidade de Formação de Curta Duração

INTRODUÇÃO

Os Cursos Profissionais são ofertas de Ensino e Formação Profissionais Iniciais de nível secundário conducentes ao nível 4 do Quadro Europeu de Qualificações e fazem parte do ensino obrigatório e do sistema formal de educação e formação. Destinam-se a alunos do ensino básico com idades entre os 15 e os 18 anos que pretendem frequentar um curso prático ligado ao mercado de trabalho. Têm uma duração de três anos (de 3100 a 3440 horas). Dependendo da área de estudo, os estudantes que o concluem com sucesso recebem no mínimo 180 créditos (CEDEFOP, 2021).

A conclusão bem-sucedida de um curso profissional proporciona uma dupla certificação: uma certificação escolar (que atesta a conclusão da escolaridade obrigatória de 12 anos) e uma certificação profissional. Os diplomados podem prosseguir os seus estudos em cursos de especialização tecnológica e, desde o ano de 2020, o Ensino Superior (Decreto-Lei n.º 11/2020, de 2 de abril).

Os Cursos Profissionais visam proporcionar aos alunos uma formação profissional inicial e aprendizagens diversificadas, conforme os seus interesses, tendo em vista o prosseguimento de estudos e/ou a inserção no mercado do trabalho, procurando, através dos conhecimentos, capacidades e atitudes, alcançar as áreas de competências constantes do Perfil dos Alunos à Saída Escolaridade Obrigatória, bem como do Perfil Profissional associado à respetiva qualificação.

Na génese do Ensino Profissional está a necessidade de oferecer oportunidades diversificadas aos alunos. Todavia, a perceção que subsiste no entendimento da maioria dos diversos atores da comunidade em geral e da educativa, em particular - professores, alunos, pais/encarregados de educação - é de que o Ensino Profissional é, sobretudo, para os alunos com percursos escolares de menor sucesso e/ou que o objetivo para a frequência destes cursos é ingressar diretamente no mercado de trabalho e, assim, deixar de parte o prosseguimento de estudos, mormente o ensino superior. Neste quadro, o que nos move é identificar, caracterizar e compreender se, passados mais de trinta anos sobre a criação do Ensino Profissional, existe já uma outra perspetiva. Com este enfoque, é nossa intenção identificar, caracterizar e problematizar o que pensam os intervenientes

sobre os determinantes das suas escolhas, cursos, mais-valias e constrangimentos para a edificação de um projeto de vida positivo e de bem-estar.

Em termos estruturais, a investigação organiza-se em duas partes distintas.

Na primeira parte do trabalho, realizámos a fundamentação teórica, contextualizando o Ensino Profissional em Portugal, particularmente, a sua evolução nas Escolas Públicas, enquadramento no sistema educativo português e sua organização. Posteriormente, analisam-se os novos desafios do Ensino Profissional, procurando dar resposta às linhas de orientação traçadas, quer pelo Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e os Perfis Profissionais quer pelas Aprendizagens Essenciais e o Referencial de Competências da Qualificação, em busca de uma Educação de Qualidade. Termina-se, refletindo sobre o Ensino Profissional como motor de inovação e crescimento, conforme preconizado pela Declaração de Osnabrück (2020).

Na segunda parte, apresenta-se a metodologia, de natureza plural, descrevendo as opções metodológicas e a essência da investigação. Estrategicamente, esta investigação assenta num estudo de caso, usando as técnicas auxiliares do inquérito por questionário (alunos dos cursos profissionais e do ensino geral), da entrevista narrativa (alunos do 12.º ano do ensino profissional), da análise documental (Projeto Educativo do Agrupamento) e da observação livre.

Em seguida, são apresentados e discutidos os resultados do nosso estudo, explicitando as motivações e expectativas dos jovens na escolha pelo Ensino Profissional, identificando as razões e fatores que o influenciaram e, por fim, as suas perspetivas de/para o futuro pessoal.

Os resultados permitem perceber que, paulatinamente, apesar do reconhecimento da excelência do trabalho feito por todos aqueles que, aos mais diversos níveis, se dedicam à sua causa, as perceções pejorativas enraizadas ao longo de mais de 30 anos de Ensino Profissional, sobre a qualidade e valor desta oferta formativa, estão em processo de mudança.

Este estudo demonstra que os alunos, na sua maioria, procuram encontrar nesta oferta formativa uma forma diferente de concluir os estudos de nível secundário com garantias de qualidade e, ao mesmo tempo, um impulso para os seus projetos de vida, quer a nível de inserção no mercado de trabalho quer a nível de prosseguimento de estudos.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I – O ENSINO PROFISSIONAL EM PORTUGAL

1.1. Evolução do Ensino Profissional nas Escolas Públicas

O Ensino Profissional (EP) é uma realidade que tem vindo a crescer em Portugal, como resultado de uma evolução de políticas e práticas que remonta ao século XIX indo ao encontro do referencial europeu para as políticas educativas nacionais.

As grandes marcas das reformas políticas da educação, em termos cronológicos, sintetizadas no Quadro 1, registam-se desde a Reforma do Ensino Técnico que modela o sistema e os cursos até 1972, até à Reforma do Ensino Secundário de 2004. Estas repercutiram-se significativamente na evolução do sistema de educação e formação de nível secundário, quer porque ensaiaram uma predisposição para abrir caminho para o ensino de carácter qualificante, quer porque trouxeram inovações importantes que permitiram efetivar a sua concretização.

Marco histórico	Legislação	Designação/Teor	Objetivos
1948	Decreto-Lei n.º 37028, de 25 de agosto de 1948	Reforma do Ensino Técnico-Profissional	Determina que a Direção-Geral do Ensino Técnico Elementar e Médio passe a denominar-se Direção-Geral do Ensino Técnico Profissional, e insere disposições relativas ao Ensino Profissional industrial e comercial.
1973	Lei n.º 5/73, de 25 de julho	Reforma Veiga Simão	Aprova as bases a que deve obedecer a reforma do sistema educativo.
1975	Circular n.º 1/75, de 19 de junho	Unificação do ensino Secundário - extinção do ensino técnico-profissional	Extingue o Ensino Técnico Profissional. Abolição das diferentes vias do curso geral do ensino secundário, começando por ser criado um tronco comum para a totalidade dos alunos do ensino unificado, seguido do curso complementar dos liceus e do ensino técnico.
1983	Despacho Normativo n.º 194-A/83, de 21 de outubro	Reforma Seabra - reintrodução do ensino técnico-profissional	Cria cursos técnico-profissionais e Cursos Profissionais a ministrar após o 9.º ano de escolaridade e estabelece as normas de estruturação e funcionamento dos respetivos cursos.

1989	Lei n.º 46/86, de 14 de outubro	Reforma do Ensino Secundário: Escolas Profissionais; criação de duas vias para o ensino secundário - geral e tecnológica.	Estabelece o quadro de referência da reforma do sistema educativo, decorrendo a definição dos planos curriculares dos ensinos básico e secundário.
2004	Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março	Reforma do Ensino Secundário / Revisão Curricular do Ensino Profissional.	Estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular, bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário de educação
2014	Decreto-Lei n.º 92/2014, de 20 de junho	Regime jurídico das escolas profissionais privadas e públicas	Estabelece o regime jurídico das escolas profissionais privadas e públicas, no âmbito do ensino não superior, regulando a sua criação, organização e funcionamento, bem como a tutela e fiscalização do Estado sobre as mesmas.

Quadro 1 - Marcos da evolução do sistema de educação e formação (pós 1945). Adaptado a partir de Cardim (1999) e de Cerqueira & Martins (2011)

O Decreto-Lei n.º 26/89, de 21 de janeiro, cria as escolas profissionais do ensino não superior, de iniciativa predominantemente particular, mas apoiadas financeiramente pelo estado, através de protocolos, e com recurso aos fundos comunitários. Estas escolas foram, durante vários anos, as únicas a lecionarem Cursos Profissionais, estando sob a tutela partilhada do Ministério da Educação e do Ministério do Emprego e Segurança Social e servindo um perfil de alunos que não encontravam nas escolas públicas uma modalidade de educação ou formação à sua medida. Outra medida de política implementada em consonância com a anterior e no âmbito da reforma descrita, foi a criação dos cursos tecnológicos (Decreto-Lei 286/89, de 29 de agosto). Estes afiguravam-se como uma alternativa aos cursos gerais, direcionando os alunos, primordialmente, para os politécnicos.

A atual Lei de Bases do Sistema Educativo, Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março, estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular, bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário de educação.

As prioridades desse normativo eram qualificar os jovens, combater o insucesso e o abandono escolares. Por isso, diversificaram-se as ofertas formativas, a relação entre cursos, a aposta nas novas tecnologias de informação e comunicação e o reforço da autonomia das escolas. Esse Diploma, firmado pela Portaria n.º 550-C/2004, de 21 de maio, (que aprova o regime de criação, organização e gestão do currículo, bem como a avaliação e certificação das aprendizagens dos Cursos Profissionais de nível secundário), abre às escolas

secundárias do ensino público a possibilidade de oferecerem cursos do Ensino Profissional.

Esta reforma teve como grande desígnio promover a diversificação da oferta de dupla certificação, permitindo que os Cursos Profissionais, até então desenvolvidos quase exclusivamente em escolas profissionais, pudessem funcionar, a par da restante oferta educativa de nível secundário, nas escolas secundárias públicas. O Ensino Profissional tornou-se, assim, uma realidade em expansão. Na base deste crescimento estão subjacentes, em particular, dois fatores: a necessidade (como atrás já foi referido) de dotar o mercado de trabalho de mão-de-obra mais qualificada (Azevedo, 2014) face às rápidas transformações tecnológicas que hoje têm lugar nas empresas e a lógica de mercado (dissimulada) na gestão do sistema educativo.

Atualmente, a Portaria n.º 235-A/2018, de 23 de agosto, veio regulamentar a oferta dos Cursos Profissionais, concretizando a execução dos princípios enunciados no Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, que estabelece o currículo dos ensino básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens, definindo as regras e procedimentos de operacionalização do currículo, bem como da avaliação e certificação das aprendizagens, visando proporcionar aos alunos uma formação profissional inicial e aprendizagens diversificadas, de acordo com os seus interesses, com vista ao prosseguimento de estudos e ou à inserção no mercado de trabalho.

A introdução e generalização dos Cursos Profissionais nas escolas públicas permitiu uma maior diversidade da oferta educativa do ensino secundário. Os Cursos Profissionais deixaram de ser uma oferta educativa exclusiva de um conjunto de escolas particulares, alargando-se às escolas públicas, o que permitiu o acesso a um maior número de alunos, alargando o leque de oportunidades e diversificando os públicos do ensino secundário.

Perceber até que ponto esta aposta no Ensino Profissional na escola pública pode ser considerada uma mais-valia, remete-nos para as razões que estão na sua origem bem como para as características deste tipo de ensino.

1.2. O Ensino Profissional no Sistema Educativo Português

O Sistema Educativo Português está dividido em quatro níveis de ensino sequenciais¹. Tem início na Educação Pré-escolar, com um ciclo de frequência opcional dos 3 aos 6 anos de idade. Continua com o Ensino Básico, que compreende três ciclos sequenciais: o 1.º ciclo de 4 anos; o 2.º ciclo de 2 anos e um 3.º ciclo com uma duração de 3 anos.

Segue-se o Ensino Secundário, que corresponde a um ciclo de três anos e inclui os seguintes tipos de cursos: Científico-Humanísticos, Profissionais, Artísticos Especializados, com Planos Próprios, Vocacionais e Ensino Secundário na Modalidade de Ensino Recorrente.

O Ensino Secundário visa proporcionar uma formação e aprendizagens diversificadas (Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 julho). Assim, são disponibilizadas um conjunto de tipologias de ofertas formativas (Quadro 2) que visam proporcionar a todos os estudantes, opções diversificadas e adequadas às suas expectativas, tendo em conta a formação integral do indivíduo, orientadas quer para o prosseguimento de estudos superiores, quer para a qualificação profissional e a sua inserção no mercado de trabalho.

Quadro—Síntese da Oferta Formativa do Ensino Secundário

Tipologias	Requisitos de Ingresso		Duração	Orientação do Percurso		Estágio ou FCT	Nível Q	Exames nacionais conclusão do Ensino Secundário
	Habilitações	Idade		Mercado de Trabalho	Ensino Superior			
Cursos Científico-Humanísticos	9.º ano ou equivalente	n.a.	3 anos letivos		X		3	X
Cursos Profissionais	9.º ano ou equivalente	n.a.	3 anos letivos	X	X	X	4	
Ensino Artístico Especializado	9.º ano ou equivalente	n.a.	3 anos letivos	X			3 ou 4	X
Cursos com Planos Próprios	9.º ano ou equivalente	n.a.	3 anos letivos	X	X	X	4	
Cursos de Aprendizagem	9.º ano ou equivalente	n.a.	3 anos letivos	X		X	4	
Cursos de Educação e Formação de Adultos	9.º ano ou equivalente	18 a 23	315 a 2045 horas	X			3 ou 4	

¹ Ver em: https://eacea.ec.europa.eu/national-policies/eurydice/content/portugal_pt-pt

Ensino Secundário Recorrente	9.º ano ou equivalente	18	Variável	X	X	3 ou 4
Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências	9.º ano ou equivalente	18	150 a 300 horas	X		4
Formações Modulares Certificadas	9.º ano ou equivalente	18	25 a 600 horas	X		4

Quadro 2 - Quadro-Síntese da Oferta Formativa do Ensino Secundário, Adaptado de ANQEP e DGE

Os Cursos Profissionais, integrados no Sistema Nacional de Qualificações (SNQ), fazem parte das ofertas formativas do nível secundário de educação e formação, atribuindo o nível 4 de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações e permitem uma dupla certificação – escolar e profissional.

São da responsabilidade conjunta do Ministério da Educação e do Ministério do Trabalho, Solidariedade, e Segurança Social e podem funcionar em estabelecimentos de ensino público, do ensino particular e cooperativo e nas escolas profissionais públicas e privadas.

Caracterizam-se por uma forte ligação ao mundo profissional, valorizando o desenvolvimento de competências para o exercício de uma profissão, em articulação com o setor empresarial local, permitindo também o prosseguimento de estudos e/ou formação no ensino pós-secundário ou superior.

Dependendo do tipo de oferta formativa, o ensino secundário nas modalidades de formação de dupla certificação é ministrado em diferentes estabelecimentos de ensino da rede pública, privada e cooperativa, incluindo escolas profissionais, públicas e privadas, com apoio financeiro do Fundo Social Europeu, atualmente ligado ao Programa Operacional Capital Humano, procurando, através dos conhecimentos, capacidades e atitudes trabalhados nas diferentes componentes de formação, alcançar as áreas de competências constantes do Perfil dos Alunos à Saída Escolaridade Obrigatória.

Por fim, o Ensino Superior que está estruturado de acordo com os princípios de Bolonha e é direcionado aos alunos que completaram com sucesso o Ensino Secundário ou que possuem uma qualificação legalmente equivalente.

1.3. (Re)Organização dos Cursos Profissionais

O Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, define a matriz curricular dos Cursos Profissionais, regulamentados pela Portaria n.º 235-A/2018, de 23 de agosto, que integra as componentes de formação sociocultural, científica e tecnológica (anteriormente designada por técnica) e a componente de Formação em Contexto de Trabalho (FCT).

Componentes de Formação	Carga horária Ciclo de formação (horas)
Sociocultural:	
Português	320
Língua Estrangeira I, II ou III	220
Área de Integração	220
Tecnologias de Informação e Comunicação/Oferta de Escola	100
Educação Física	140
Subtotal	1000
Científica:	
Duas a três disciplinas	500
Tecnológica:	
UFCD	1000 a 1300
Formação em Contexto de Trabalho	600 a 840
Educação Moral e Religiosa	(81)
Total	3100 a 3440

Quadro 3 - Matriz Curricular-base dos Cursos Profissionais, Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

Os cursos têm uma estrutura curricular organizada por disciplinas e Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD), com uma carga horária (CH) total de 3100 a 3440 horas, a distribuir ao longo dos 3 anos do ciclo de formação, não devendo exceder as 35 horas por semana e as 7 horas por dia.

A componente de formação sociocultural (CH total de 1000 horas) visa contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural dos alunos.

A componente de formação científica, que integra 2 a 3 disciplinas (CH total de 500 horas), visa proporcionar uma formação científica consistente com o perfil profissional associado à respetiva qualificação.

A componente de formação tecnológica visa a aquisição e desenvolvimento de um conjunto de aprendizagens, conhecimentos, aptidões e competências técnicas definidas para o perfil profissional associado à respetiva qualificação, seguindo os referenciais de formação das qualificações do Catálogo Nacional de

Qualificações (CNQ). Esta componente tem uma duração total que varia entre as 1000 e as 1300 horas, de modo a respeitar o determinado em cada referencial de formação.

Os Cursos Profissionais incluem, ainda, uma componente de Formação em Contexto de Trabalho, com uma duração entre 600 a 840 horas, com vista à aquisição e ao desenvolvimento de competências técnicas, relacionais e organizacionais relevantes para a qualificação profissional.

A carga horária total dos Cursos Profissionais não está compartimentada pelos três anos do ciclo de formação, sendo gerida pela escola no âmbito da sua autonomia pedagógica, acautelando o equilíbrio da carga horária anual de forma a otimizar a gestão modular e a formação em contexto de trabalho, que varia entre 3100 a 3440 horas.

A matriz curricular-base dos Cursos Profissionais passou a integrar a componente de Cidadania e Desenvolvimento, constituindo-se como uma área de trabalho transversal com uma abordagem interdisciplinar, mobilizando para tal os contributos de diferentes componentes de formação, áreas disciplinares, disciplinas ou UFCD.

A matriz inscreve, igualmente, a disciplina de Educação Moral e Religiosa de frequência facultativa, com uma carga horária de 81 horas, a distribuir pelos três anos do ciclo de formação, cujo tempo acresce ao total da matriz.

Estes cursos culminam com a apresentação de um projeto, designado por Prova de Aptidão Profissional (PAP), no qual o aluno demonstrará as competências e os saberes que desenvolveu ao longo da formação.

A Portaria 235-A/2018, de 23 de agosto, regulamenta a oferta dos Cursos Profissionais, concretizando a execução dos princípios enunciados no Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, definindo as regras e procedimentos de operacionalização do currículo, bem como da avaliação e certificação das aprendizagens, visando proporcionar aos alunos uma formação profissional inicial e aprendizagens diversificadas, de acordo com os seus interesses, com vista ao prosseguimento de estudos e/ou à inserção no mercado de trabalho.

Esta Portaria caracteriza as responsabilidades de coordenação pedagógica da oferta dos Cursos Profissionais, permitindo discernir algumas orientações, designadamente:

- articulação pedagógica entre as diferentes disciplinas e componentes de formação do curso;
- orientação e acompanhamento dos alunos na elaboração da PAP;
- articulação entre a escola e as entidades de acolhimento da FCT, na preparação de protocolos, elaboração do plano de trabalho e contratos de formação, e no acompanhamento dos alunos nesta etapa;
- promoção da capacidade de aquisição e de aplicação de conhecimentos, de iniciativa, de autonomia, de criatividade, de comunicação, de trabalho em equipa e de cooperação, de articulação com o meio envolvente e de concretização de projetos;
- identificação das dificuldades na aprendizagem do aluno, e desenvolvimento de atividades de recuperação e/ou enriquecimento.

Este percurso tem, ao longo dos anos, dado respostas alternativas aos jovens que não se revêm no Ensino Geral e segundo Azevedo (2019) este percurso que conta com mais de 30 anos de Ensino Profissional valeu a pena e trouxe respostas para muitos jovens:

A trajetória inicial foi corrigida em alguns aspetos, mas a política pública prosseguiu ao longo do tempo e, hoje frequentam o Ensino Profissional 35% dos jovens portugueses que prosseguem estudos após o 9.º ano; nestes trinta anos, centenas de milhar de jovens portugueses tiveram a oportunidade de seguir a sua formação numa modalidade de aprendizagem mais prática e experimental, mais integrada entre teoria e prática, escola e trabalho, disciplina e projeto, uma formação mais ligada aos contextos de vida, qualificação essa que nunca impediu o prosseguimento de estudos para aqueles que o desejassem realizar. (p.17)

Alves (2019) enfatiza a necessidade de uma ação de valorização do Ensino Profissional assente num conjunto de linhas orientadoras, que determinam particularmente o seu reconhecimento pela organização do trabalho, para mobilizar 50% dos alunos que frequentam o ensino secundário para esta oferta formativa, indo ao encontro de uma vontade política, que conta com mais de 20 anos.

CAPÍTULO II - OS NOVOS DESAFIOS DO ENSINO PROFISSIONAL

2.1. Perfis dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória/Perfis Profissionais

A Escola do século XXI apela a uma prática docente sustentada em pressupostos de criatividade, flexibilidade e interdisciplinaridade.

Os Cursos Profissionais são um dos percursos do nível secundário de educação, caracterizado por uma forte ligação com o mundo profissional que cumprem vários objetivos:

- contribuem para o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais para o exercício de uma profissão;
- privilegiam as ofertas formativas que correspondem às necessidades de trabalho locais e regionais;
- preparam o aluno para aceder a formações pós-secundárias ou ao ensino superior, se for essa a sua vontade.

Homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho, o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) afirma-se como referencial para as decisões a adotar por decisores e atores educativos ao nível dos estabelecimentos de ensino e dos organismos responsáveis pelas políticas educativas. Constitui-se como matriz comum para todas as escolas e ofertas educativas no âmbito da escolaridade obrigatória, designadamente ao nível curricular, no planeamento, na realização e na avaliação interna e externa do ensino e da aprendizagem.

Este documento assume uma natureza necessariamente abrangente, transversal e recursiva. A abrangência do Perfil dos Alunos respeita o carácter inclusivo e multifacetado da escola, assegurando que, independentemente dos percursos escolares realizados, todos os saberes são orientados por princípios, por valores e por uma visão explícitos, resultantes de consenso social (Martins et al., 2017).

O modelo curricular dos Cursos Profissionais assenta na formação para um perfil profissional, constituindo os programas das disciplinas uma referência de partida. É indispensável explorar os programas através de metodologias baseadas em atividades, sem cair na tentação de aprofundar muito mais do que o necessário para a concretização de um dado perfil profissional, à saída do curso, isto é, adquirir

competências e conhecimentos no âmbito do respetivo curso para o desempenho adequado das tarefas exigidas e para enfrentar eficazmente o mercado de trabalho (Esteves & Branco, 2018).

Neste contexto, o Ensino Profissional de estrutura modular impõe que a planificação e a didática se devam centrar na aquisição, pelo aluno, de competências gerais que o mesmo deverá mobilizar (base da integração do sujeito nas dinâmicas variáveis de organização do mundo do trabalho), proporcionando, ao longo dos três anos de formação, variadas experiências de aprendizagem, gradualmente mais exigentes e responsabilizadoras, em que se cruzem conhecimentos, capacidades e atitudes que o aluno seja capaz de mobilizar a cada nova situação com que se depara, assumindo-se assim como principal responsável pela sua atualização permanente (Gonçalves & Martins, 2008). Embora os conhecimentos profissionais sejam intrínsecos a cada um dos cursos, há capacidades e atitudes que são transversais a todas as áreas de atividade, daí que seja indispensável que o aluno termine o curso dominando esse tipo de competências.

2.2. Aprendizagens Essenciais, o Referencial de Competências da Qualificação e a Educação de Qualidade

As Aprendizagens Essenciais são a base comum de referência para a aprendizagem de todos os alunos, isto é, o denominador curricular comum.

As Aprendizagens Essenciais dos Cursos Profissionais foram construídas e apresentam as ações estratégicas de ensino orientadas para o PASEO em articulação com associações de professores, sociedades científicas, e outras entidades. Foram identificadas aprendizagens essenciais para os Cursos Profissionais, que permitissem uma flexibilização e gestão curriculares, tendo em conta as especificidades de cada oferta educativa e formativa e tornando-se referenciais de base ao desenvolvimento curricular das disciplinas das componentes de formação destes cursos.

Articulam-se, com os conhecimentos, aptidões e atitudes identificados no Perfil Profissional ou no Referencial de Competências associado à respetiva qualificação do Catálogo Nacional de Qualificações.

A necessidade da atualização dos documentos curriculares relativos às componentes de formação sociocultural e científica revelava-se um entrave à

consolidação de aprendizagens, ao aprofundamento do conhecimento essencial de cada disciplina, ao desenvolvimento de competências de nível mais elevado, bem como um obstáculo à inclusão de alunos com necessidades específicas, dificultando práticas de diferenciação pedagógica.

A criação do Quadro Nacional de Qualificações (QNQ), realizada no âmbito do processo de reforma da formação profissional e da criação do Sistema Nacional de Qualificações, teve por base um conjunto de premissas:

- A necessidade de integrar e articular as qualificações obtidas no âmbito dos diferentes subsistemas de educação e formação (educação, formação profissional, ensino superior), num quadro único;
- A importância de valorizar e considerar as competências adquiridas em contextos não formais e informais;
- A melhoria da legibilidade, transparência e a comparabilidade das qualificações;
- A valorização da dupla certificação associada sobretudo às qualificações de nível secundário;
- A necessidade de garantir a articulação com o Quadro Europeu de Qualificações (QEQ), designadamente na sua utilização como um instrumento de referência para comparar os níveis de qualificações dos diferentes sistemas de qualificações na perspetiva da aprendizagem ao longo da vida.

O Catálogo Nacional de Qualificações – CNQ (Despacho n.º 13456/2008, de 14 de maio; Portaria n.º 781/2009, de 23 de julho) é o instrumento de gestão estratégica das qualificações de nível não superior, que tem como objetivos regular, estruturar e articular as diferentes ofertas educativas e formativas de dupla certificação, providenciando as competências necessárias ao desenvolvimento económico do país, tendo em conta a sua relevância e adequação às necessidades das empresas e do mercado de trabalho.

Está organizado numa lógica de dupla certificação, integrando, para cada qualificação, um conjunto de referenciais de âmbito escolar e profissional, de acordo com os níveis do Quadro Nacional de Qualificações – QNQ: o perfil profissional, o referencial de formação e o referencial de competências.

O Referencial de Formação para a Qualificação consiste no “conjunto da informação que orienta a organização e desenvolvimento da formação, em função

do perfil profissional ou do referencial de competências associado” e o Referencial de Competências consiste no “Conjunto de competências exigidas para a obtenção de uma qualificação” (Decreto-Lei n.º 396/2007, de 31 de dezembro).

Uma das noções mais abrangentes de competência é a que se refere a um reportório de saberes, a uma combinação de conhecimentos, aptidões e atitudes adequadas ao contexto (Perrenoud, 2001). Este autor define competência como a capacidade que o indivíduo demonstra em articular, mobilizar e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessários ao desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho. Trata-se de um conceito de competência que valoriza aspetos cognitivos – “conhecimentos/saber-saber” –, afetivos – “atitudes/saber-ser/saber-estar” – e práticos – “aptidão/saber-fazer” –, colocados em ação na resolução de uma tarefa num determinado contexto.

No âmbito da educação é comum a utilização do conceito de competência como princípio de organização curricular. Trata-se de um conceito com origem no meio empresarial e introduzido na escola, principalmente na formação profissional, influenciado por interesses económicos e pressões do mercado de trabalho (Roldão, 2003). É um conceito com múltiplos significados que tem variado ao longo do tempo, consoante o contexto, mas que representa uma viragem na forma de relação com o conhecimento no sentido de uma perspetiva utilitária (Young, 2010), uma vez que valoriza os conhecimentos que são úteis na e para a prática.

A Unidade de Competência (UC) consiste numa combinação coerente de resultados de aprendizagem, passível de avaliação e validação autónoma com valor para o mercado de trabalho (Figura. 1).

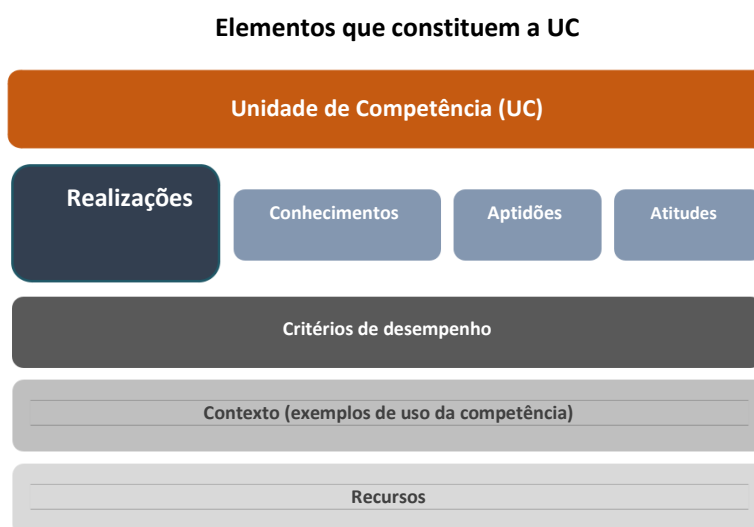


Figura 1 - Elementos que constituem a UC, ANQEP, 2021

As UC descrevem os Resultados de Aprendizagem (RA), ou seja, “o que um aprendiz conhece, compreende e é capaz de fazer aquando da conclusão de um processo de aprendizagem, descrito em termos de conhecimentos, aptidões e competência” (Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho para a implementação do QEQ, abril 2008), os critérios de desempenho, o contexto (exemplos de uso da competência) e os recursos.

As realizações referem-se às ações através das quais o indivíduo evidencia o domínio da UC. Ou seja, é a decomposição da UC em ações profissionais diretamente observáveis que permitam demonstrar que o indivíduo age com competência.

Os Critérios de desempenho consistem no conjunto de requisitos de qualidade da UC associados ao desempenho. Ou seja, definem e especificam o patamar que o indivíduo deve alcançar para demonstrar que a ação foi realizada.

O Contexto de uso da competência está associado à UC, concretizando o resultado de aprendizagem num dado contexto.

E, os Recursos referem-se ao conjunto de meios/recursos disponíveis no contexto em que o indivíduo se insere que auxiliam no desenvolvimento ou a demonstração da UC.

A avaliação dos alunos dos Cursos Profissionais obedece a critérios que têm em conta, designadamente:

- O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória;
- As Aprendizagens Essenciais, quando definidas;
- Os perfis profissionais e referenciais de formação associados às respetivas qualificações constantes no CNQ;
- Os demais documentos curriculares respeitantes a cada curso profissional, visando, quando aplicável, a consolidação, aprofundamento e enriquecimento das Aprendizagens Essenciais.

Dada a importância estratégica da garantia de qualidade no Ensino e Formação Profissionais (EFP), a ANQEP definiu um modelo para alinhar os sistemas de garantia de qualidade com o Quadro de Referência Europeu de Garantia da Qualidade para o Ensino e a Formação Profissional (EQAVET). Este Quadro, instituído pela Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho de 18 de junho de 2009, foi concebido para melhorar a educação e formação profissional no espaço europeu, colocando à disposição das autoridades e dos

operadores ferramentas comuns para a gestão da qualidade, a aplicar no âmbito da legislação e das práticas nacionais. Na prática, é um instrumento para ajudar os Estados Membros e os operadores de EFP a promover e monitorizar a melhoria contínua dos seus sistemas de EFP, com base em referências europeias comuns.

O Decreto-Lei n.º 92/2014, de 20 de junho, estabelece que as Escolas com Ensino Profissional devem implementar sistemas de garantia de qualidade dos processos formativos e dos resultados obtidos pelos seus alunos, sendo que estes sistemas devem estar articulados com o Quadro EQAVET (artigo 60.º).

O processo de alinhamento dos sistemas de garantia da qualidade a implementar pelos operadores EFP com o Quadro EQAVET tem como objetivo genérico assegurar a qualidade e a atratividade da EFP, através do desenvolvimento de uma cultura organizacional de melhoria contínua da EFP (Guia para o Processo de Alinhamento com o Quadro EQAVET, p.7) e reforçar a confiança nas modalidades de dupla certificação do Sistema.

2.3. O Ensino Profissional como motor de inovação e crescimento

O ensino e a formação profissional podem desempenhar um papel central na preparação dos jovens para o trabalho e na resposta às necessidades da economia do mercado de trabalho. Embora muitas vezes negligenciado, um número crescente de países está a reconhecer que a educação e a formação profissional de alta qualidade podem dar uma contribuição importante para a competitividade económica. Num futuro imprevisível, em que os empregos irão desaparecer ou transformar-se, a educação e formação profissional juntamente com a aprendizagem no trabalho, podem responder a este desafio, oferecendo uma excelente oportunidade para desenvolver as competências de que os empregadores requerem (OECD, 2019).

Azevedo (2020) enfatiza que este novo século está a requerer outros perfis, porque as nossas sociedades mudaram muito. Já não há empregos para a vida, as pessoas têm de possuir competências gerais importantes, como boa capacidade de comunicação e de cooperação com os demais, de trabalho em equipa, espírito crítico e criativo, capacidade de resolução de problemas, autonomia e capacidade de serviço à comunidade, além de uma boa formação inicial numa dada área técnica e profissional. Estas competências têm de ser desenvolvidas em contexto escolar/formativo, recorrendo a novas metodologias, como a aprendizagem

baseada em projetos e problemas, além de que, as empresas e as instituições sociais devem participar mais, cooperando na construção dos perfis de formação oferecendo estágios, e os jovens podem e devem ser preparados para criarem as suas oportunidades de emprego, recorrendo a módulos de capacitação para tal.

Por sua vez, Joaquim Bernardo (2020), presidente do Programa Operacional Capital Humano, afirma que numa economia global em rápida evolução, as competências de uma população determinam a competitividade e a capacidade de gerar inovação, bem como são fundamentais para uma maior coesão social e territorial dos países, referindo-se a uma população com níveis de qualificação mais elevados e com competências mais ajustadas às novas exigências do mercado de trabalho e da nossa sociedade, em particular aquelas que respondem a desafios como a transição verde e digital. Ao mesmo tempo, a aprendizagem ao longo da vida terá de passar a ser a norma, respondendo à evolução de requisitos do mercado.

A Declaração de Osnabrück sobre a educação e formação profissional https://www.cedefop.europa.eu/files/osnabrueck_declaration_eu2020.pdf, enquanto facilitadora da recuperação e de uma transição justa para as economias digital e verde, estabelece um novo conjunto de ações políticas em matéria de educação e formação profissional para o período de 2021-25.

Na Declaração, os ministros prometem contribuir para a recuperação pós-COVID e desenvolver a área europeia de educação e formação através de sistemas inovadores, orientados para o futuro, para apoiar as transições digital e verde e melhorar a empregabilidade e a competitividade, estimulando a economia e o crescimento. Nela se enfatiza a importância do estabelecimento de uma relação forte com os parceiros sociais, considerada vital para alcançar os objetivos e resultados estabelecidos. As empresas, como locais de aprendizagem, são cruciais para um Ensino e Formação Profissional moderno e de excelência. Um Ensino e Formação Profissional de qualidade e inclusivo precisa de estabelecer com os cidadãos oportunidades iguais de formação, independentemente do seu contexto pessoal, económico ou local de residência.

Tendo presente a proposta do Conselho Europeu no que respeita à educação e formação profissional para uma economia sustentável, socialmente justa e resiliente, bem como a atualização da Agenda Europeia para as Competências, esta declaração inscreve quatro áreas principais (Figura 2):

1. Resiliência e excelência através de um EFP de qualidade, inclusivo e flexível;
2. Estabelecimento de uma nova cultura de aprendizagem ao longo da vida - dando mais relevância ao EFP contínuo e à digitalização;
3. Sustentabilidade - um elo verde no EFP;
4. Espaço europeu de educação e formação e EFP internacional.

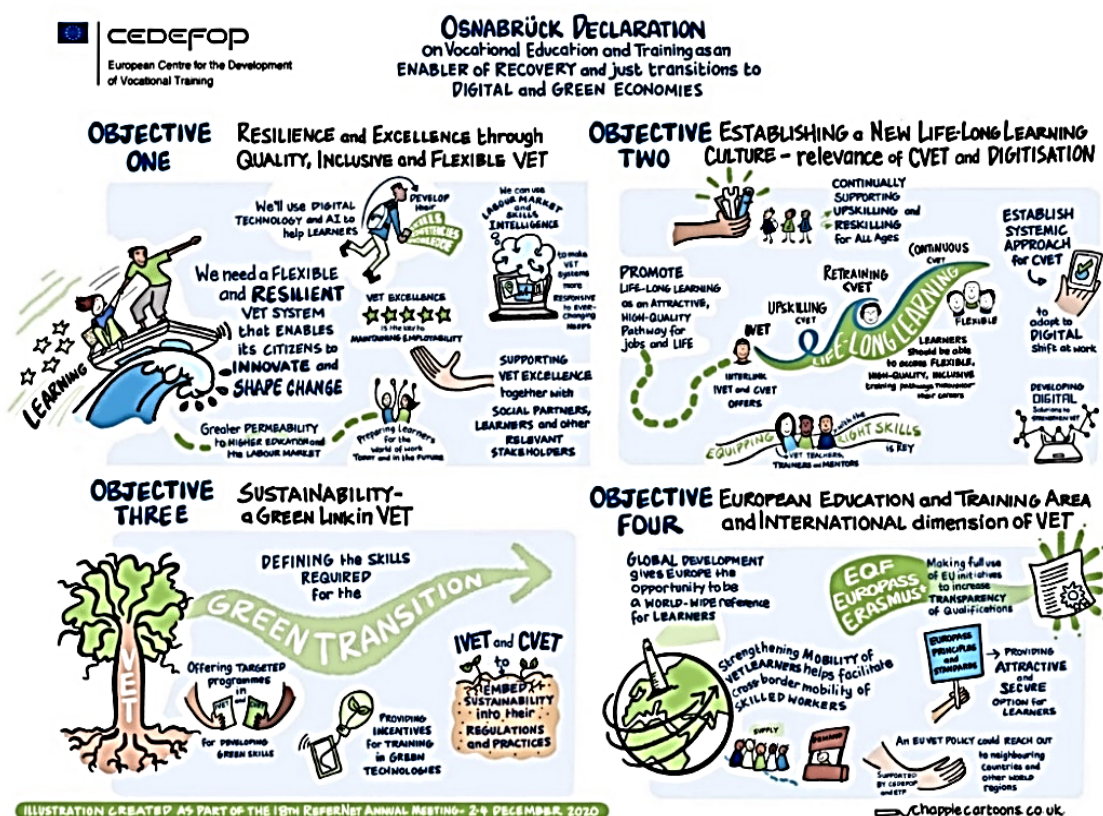


Figura 2 - Infográfico de Osnabrück - novas ações políticas em EFP para o período de 2021-2025 (2020)

Neste contexto, os temas prioritários da agenda política são, em matéria de Educação e Formação Profissional: aumentar a participação na aprendizagem ao longo da vida; modernizar a oferta de Educação e Formação Profissional através da introdução de novos métodos de ensino e de cursos de Educação e Formação Profissional diversificados que proporcionem qualificações baseadas em competências; alinhar o EFP com as necessidades do mercado de trabalho; e requalificar e melhorar as competências dos grupos vulneráveis (incluindo aqueles que não concluíram o ensino secundário). Embora tendo diminuído significativamente desde 2010, o abandono precoce da educação e da formação

continua a ser uma prioridade. Portugal está particularmente atento às profundas transformações que têm ocorrido no mercado de trabalho como consequência da digitalização da economia. Ao melhorar as competências digitais, o país visa promover a empregabilidade, aumentar as qualificações da população e apoiar o desenvolvimento da economia (CEDEFOP, 2021).

PARTE II - METODOLOGIA E RESULTADOS

CAPÍTULO III - OPÇÕES METODOLÓGICAS

3.1. Natureza do estudo: estudo de caso

A natureza de uma pesquisa pode ser qualitativa, quantitativa ou mista (Creswell, 2009). A pesquisa adotada no presente estudo é a do tipo mista, uma vez que se expressa não no sentido de integrar as duas formas de inquérito, mas no sentido de utilizar características associadas a cada uma dessas formas. Por exemplo, Tashakkori e Teddlie (1998) fazem referência a estudos em que as técnicas quantitativas e qualitativas são usadas sequencialmente ou paralelamente, assumem um estatuto igual ou diferencial quando se definem as questões de investigação e são usadas na mesma fase ou em fases distintas de um único estudo. Estes investigadores descrevem como é que a análise quantitativa permite identificar sujeitos para um estudo qualitativo, como é que entrevistas qualitativas podem fornecer elementos adicionais a processos identificados através de análise quantitativa, como é que a análise qualitativa pode gerar hipóteses para estudos quantitativos e como é que se pode recolher simultaneamente dados quantitativos e qualitativos.

Existem vários métodos para efetuar a investigação em ciências da educação, não existindo limites rígidos entre eles, pelo que poderá haver sempre alguma sobreposição. O estudo de caso, segundo Yin (2001), será o preferido quando se pretende responder a questões de tipo “como?” ou “porquê?”, quando o investigador não controla o desenrolar dos acontecimentos e quando o estudo se focaliza sobre fenómenos no contexto da vida real.

Tratando-se de uma pesquisa circunscrita a uma escola mostrou-se adequado enquadrar a pesquisa como sendo um estudo de caso, porquanto nos permite estudar um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real (Afonso, 2014), utilizando para o efeito múltiplas fontes de evidência (qualitativas e quantitativas).

Nessa lógica, trata-se de uma estratégia poderosa para entrecruzar um complexo conjunto de variáveis. A propósito, Pardal e Correia (1995), explicita que “o estudo de caso permite compreender naquela situação o particular na sua

complexidade, ao mesmo tempo que pode abrir caminho, sob condições muito limitadas, a algumas generalizações empíricas, de validade transitória.” (p.22). Mais, o estudo de caso tem como eleição descobrir, compreender ou interpretar o significado de uma dada realidade, mais do que comprovar hipóteses, a sua lógica enquadra-se melhor numa perspetiva de investigação qualitativa, embora isso não signifique que se excluam os métodos e técnicas de cariz quantitativo (Serrano, 2004). Paralelamente, o estudo de caso, enquanto abordagem abrangente, permite a inclusão de diferentes técnicas de recolha e análise de dados (e.g. observação, entrevistas, questionários, análise de documentos).

O estudo de caso configura-se como a opção metodológica mais completa, ao estabelecer sinergias entre práticas da metodologia qualitativa e quantitativa refletidas nas técnicas que serão utilizadas e o tipo de dados que serão recolhidos.

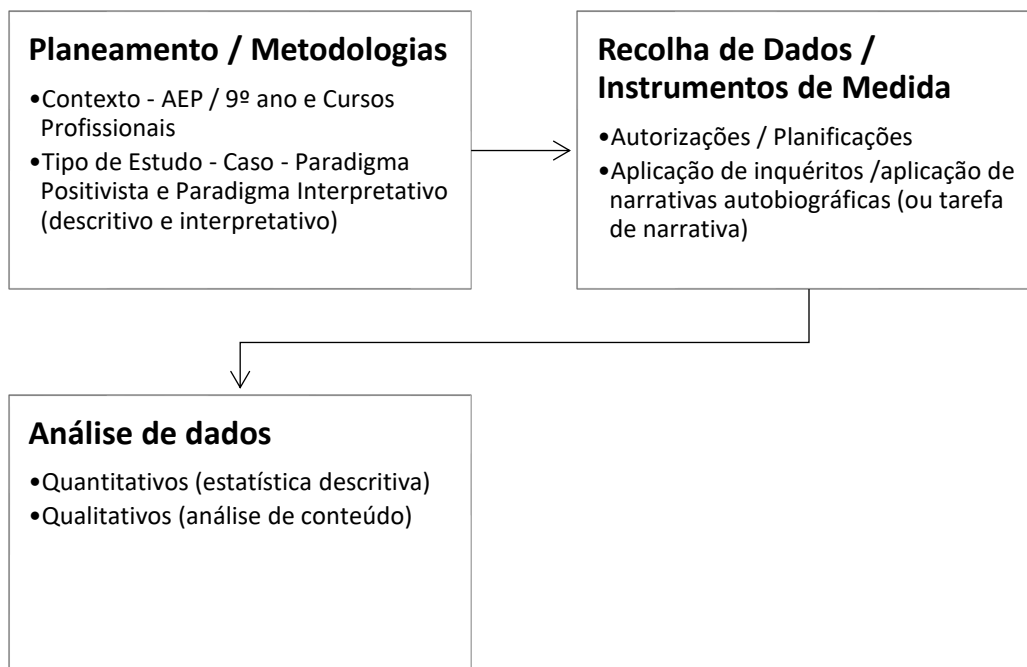
Os estudos de caso podem ser sistematicamente divididos em quatro categorias, de acordo com os diferentes propósitos a que se destinam, podendo ser: (1) descritivos; (2) interpretativos; (3) geradores de hipóteses (heurísticos); e (4) avaliadores de teorias.

Os descritivos são caracterizados pela descrição sistemática do fenómeno sem, contudo, possuírem aspirações teóricas em relação a ele. Os estudos de caso interpretativos apoiam-se num quadro teórico para explicar casos específicos, o que pode resultar em avaliação ou refinamento de teorias, enquanto os heurísticos objetivam gerar hipóteses de forma indutiva e/ou aprimorar as já existentes, oferecendo possibilidades para a análise, por meio de mecanismos causais alternativos e esclarecimento de determinadas variáveis. Por fim, os estudos de caso enquadrados na última categoria são empregues para avaliar se as teorias já existentes abarcam, e são suficientes, para analisar os processos e resultados dos fenómenos selecionados para análise (Vennesson, 2008).

Neste caso, optámos pelo estudo de caso heurístico, o que significa que conduz à compreensão do fenómeno estudado (Freixo, 2011, p.112) propiciando a descoberta de novas relações e significados.

O trabalho teórico-empírico adota uma abordagem de estudo de caso heurístico, cujo propósito é o gradual e contínuo refinamento dos construtos teóricos e o mapeamento das respetivas interações causais através do estudo de múltiplos casos em sequência.

Com o propósito de melhor compreender as motivações e expectativas que justificam a opção pelo Ensino Profissional, a nossa opção de investigação recai sobre o paradigma metodológico misto (Quadro 4).



Quadro 4 - Mapa Conceitual da Metodologia, adaptado a partir de Abreu, 2017

De acordo com Creswell (2009) esta estratégia caracteriza-se pela recolha e análise de dados quantitativos, seguida pela recolha e análise de dados qualitativos. De facto, o objetivo crucial consiste em usar os resultados qualitativos para auxiliar na explicação e na interpretação de determinadas questões que o método quantitativo, por si só, não foi capaz de explicar. Este paradigma consiste numa abordagem que envolve a combinação de dados quantitativos e qualitativos, integrando as duas formas de dados e usando desenhos de pesquisa distintos cujo pressuposto central é que a combinação de abordagens qualitativas e quantitativas fornece uma compreensão mais completa de um problema de pesquisa do que qualquer uma das abordagens isoladamente (Creswell, 2014).

A opção pela utilização dos dois métodos, em detrimento de uma abordagem de ordem meramente quantitativa, deve-se ao facto de a investigação quantitativa poder ser limitadora quanto às suas conclusões (Afonso, 2014). A utilização da metodologia predominantemente qualitativa prende-se, com o facto de não se partir para a investigação com a formulação de hipóteses concretas, mas pelo contrário com interrogações sobre determinada realidade educativa, pelo que serão

utilizadas pesquisas com recurso a entrevistas sob a forma de narrativas, questionários e análise documental (Guerra, 2006). O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela (Passeggi et al., 2016).

3.2. Objeto, objetivos e questões de investigação

Os Cursos Profissionais visam proporcionar aos alunos, no plano das orientações normativas, uma formação profissional inicial e aprendizagens diversificadas, de acordo com os seus interesses, com vista ao prosseguimento de estudos e/ou à inserção no mercado do trabalho, procurando, através dos conhecimentos, capacidades e atitudes trabalhados nas diferentes componentes de formação, alcançar as áreas de competências constantes do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Portaria n.º 235-A/2018, de 23 de agosto).

Segundo Teresa Damásio (2019) embaixadora portuguesa da Semana Europeia da Formação Profissional, o Ensino Profissional "é uma das melhores formas de qualificação num futuro incerto."

No entanto, as motivações e expectativas que levam os alunos a optar por esta via, podem ser diversas e importa conhecê-las. Compreender os seus interesses e pretensões futuras é um passo importante para uma atuação dirigida.

Nesta perspetiva, o problema de investigação em estudo prende-se com o facto de o Ensino Profissional ter começado e, ainda ser, muitas vezes, considerado uma oferta de "segunda oportunidade, como escolha resignada depois de um período anterior de insucesso ou dificuldade no ensino regular" (A. Silva, 2002).

Desde que o Ensino Profissional nasceu nos anos de 1980, que tem estado envolto em preconceitos. Foi criado para alunos que queriam ingressar no mercado de trabalho após o ensino secundário, trabalhando especificamente numa vocação. Procurado por jovens marcados pelo insucesso escolar, sentindo uma forte desmotivação pela escola, são empurrados pelos professores e pelas famílias para percursos formativos socialmente desconsiderados e, como modalidade de ensino subsidiada, por parte de jovens que pertencem a estratos sociais desfavorecidos (Fernandes, 2009; Duarte, 2012; Vieira et al., 2018).

Infelizmente, verificamos que o Ensino Profissional acaba por ser socialmente estigmatizado, dado que é visto por muitos como a alternativa capaz de fazer permanecer os “maus alunos” na escola até aos dezoito anos, já que essa é a exigência do sistema educacional (N. Rodrigues, 2019).

No entanto, Costa (2019), contrapõe afirmando que o preconceito como o conhecíamos não tem explicação e que face às estatísticas (Figuras 3 e 4) e ao bom desempenho destes estudantes, não há razão para desconfiar do Ensino Profissional.

Taxa de conclusão no ensino secundário, por oferta de educação e formação
[Portugal – 2000/01 a 2018/2019]



Figura 3 - DGEEC, Educação em Números 2020

Situação dos jovens um ano após a conclusão do ensino secundário,
por oferta de formação [%]

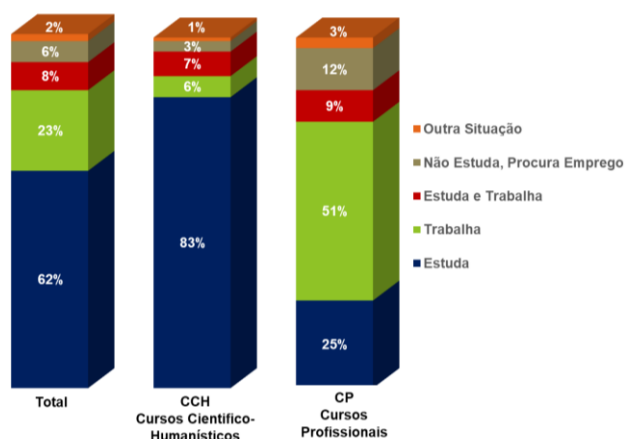


Figura 4 - DGEEC, OTES, Jovens no Pós-Secundário em 2019

Com efeito, de acordo com os dados apurados no relatório "Education at a Glance 2020", divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), 57% dos estudantes portugueses concluem, dentro do tempo previsto, o ensino secundário. Esta taxa de conclusão é a mesma para estudantes do Ensino Profissional e dos cursos científico-humanísticos. <https://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/>

Defendendo a necessidade de valorizar o Ensino Profissional, Tiago Brandão Rodrigues (2021a) sublinhou que esta via de ensino “nunca pode ser como, durante muito tempo foi entendida, um depósito de insucessos precoces nem uma estrada secundária que vai seguindo em diagonal face à autoestrada para onde todos acabavam por olhar. Temos de olhar para todas as estradas da mesma forma”. Sendo crescente a procura de jovens a frequentar os Cursos Profissionais (Pordata, 2019) – Figuras 5 e 6, questiona-se, pois, se o Ensino Profissional cumpre o seu propósito, isto é, constituir-se como uma escolha efetiva que se adequa ao perfil de quem o procura, que prepara para o mercado de trabalho e com a possibilidade de ingresso no ensino superior ou, se se apresenta, apenas, como uma segunda oportunidade, para a conclusão do ensino secundário, resolvendo problemas de abandono e insucesso escolar.

Alunos matriculados no ensino secundário público: total e por modalidade de ensino

Quantos estudantes frequentam, nas escolas públicas, o secundário dos cursos gerais, profissionais ou outras vias?

Indicador

Cursos Profissionais

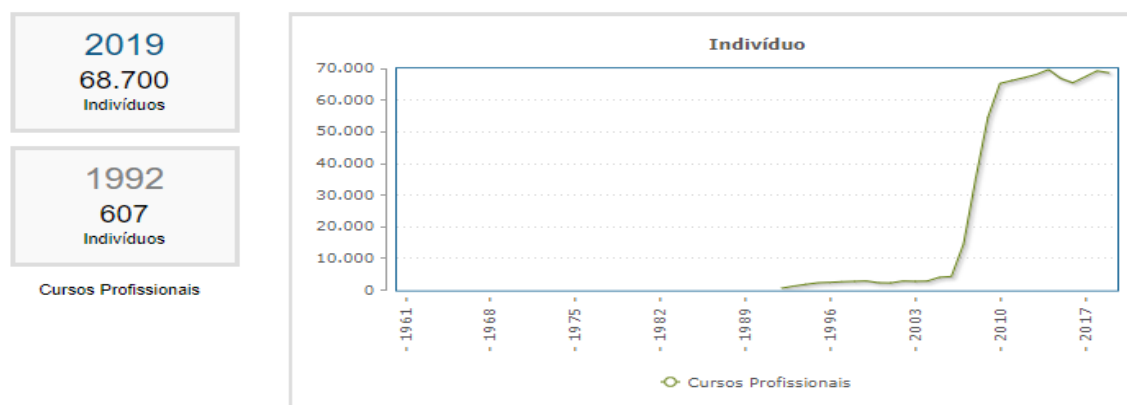


Figura 5 - Alunos matriculados no ensino secundário público: Cursos Profissionais, Pordata, 2019 <https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+secund%C3%A1rio+p%C3%BAblico+total+e+por+modalidade+de+ensino-1015-8132>

Alunos matriculados no ensino secundário: total e por modalidade de ensino

Quantos estudantes frequentam o secundário dos cursos gerais, profissionais ou outras vias?

Indicador

Cursos Profissionais

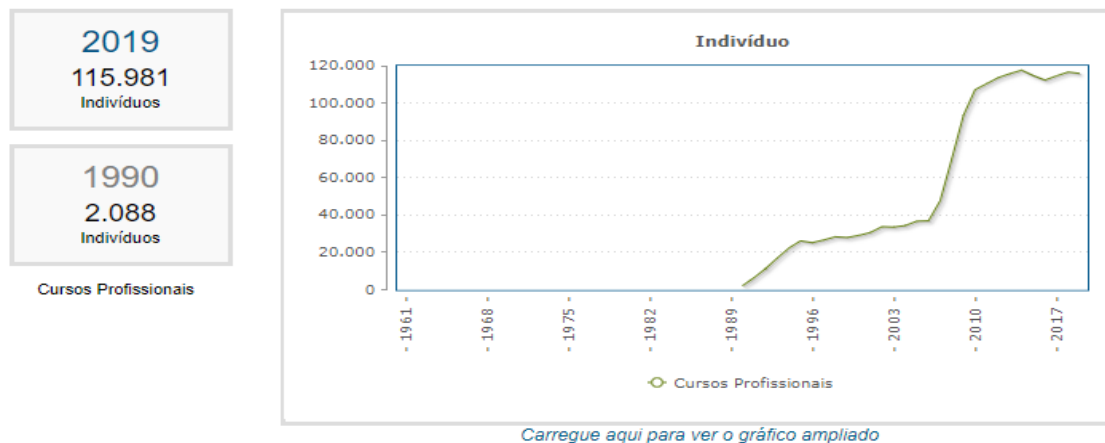


Figura 6 - Alunos matriculados no ensino secundário: Cursos Profissionais, Pordata, 2019

<https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+secund%C3%A1rio+total+e+por+modalidade+de+ensino-1042-8431>

A partir da questão de investigação – as motivações e expectativas que levam os alunos a optar pela frequência do Ensino Profissional – delineamos um conjunto de subquestões:

1. Quais são as razões que justificam a opção pelo Ensino Profissional? A oferta local condiciona a escolha do curso? Quais as suas expectativas?
2. Em que momento da vida escolar efetuou a escolha pelo Ensino Profissional? Houve orientação? De quem?
3. Quais os aspetos mais valorizados pelos alunos na frequência de um Curso Profissional? Quais as dificuldades sentidas?
4. Quais as perspetivas futuras dos jovens do Ensino Profissional após a conclusão do curso?

3.3. Técnicas de recolha e produção de dados

A investigação é de natureza mista e recorre, essencialmente a três técnicas: Análise Documental, Inquérito por questionário e Entrevista sob a forma narrativa.

3.3.1. Análise documental

A análise documental consiste em identificar, verificar e apreciar os documentos com uma finalidade específica e, nesse caso, preconiza-se a utilização de uma fonte paralela e simultânea de informação para complementar os dados e permitir a contextualização das informações contidas nos documentos. A análise documental deve extrair um reflexo objetivo da fonte original, permitir a localização, identificação, organização e avaliação das informações contidas no documento, além da contextualização dos fatos em determinados momentos (S. Moreira, 2005).

A análise documental envolve procedimentos diversificados, dada a multiplicidade de documentos suscetíveis de fornecer elementos válidos para a pesquisa. Tendo em conta o objeto de estudo da presente investigação, a análise documental recaiu sobre dois níveis distintos: por um lado, o acervo que permitiu fazer a revisão da literatura e, por outro, os documentos normativos e os documentos institucionais norteadores da vida organizacional das Escolas.

De acordo com C. Moreira (2007), a recolha de dados a partir da análise documental apresenta como principais vantagens a grande utilidade nas investigações primárias (a revisão bibliográfica ajuda à formulação do problema, à definição de hipóteses e da população de estudo e à seleção da metodologia a usar) e a não reatividade (os documentos podem ser produzidos em contextos naturais de interação social ao contrário da informação obtida diretamente pelo investigador mediante técnicas de observação ou inquéritos).

Em termos de procedimentos, um dos documentos analisados foi o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA), cuja análise visava identificar e caracterizar a missão, a visão e o plano de ação estratégica, tendo em atenção o território, a população e a dinâmica do agrupamento; cumulativamente foram, também, analisados os principais normativos produzidos e relativos ao Ensino Profissional.

3.3.2. Inquérito por questionário

O inquérito é uma técnica de investigação que permite a recolha de informação diretamente de um interveniente na investigação através de um conjunto de questões organizadas segundo uma determinada ordem. Estas, podem ser apresentadas ao respondente de forma escrita ou oral. É uma das técnicas mais utilizadas, pois permite obter informação, sobre determinado fenómeno, através da formulação de questões que refletem atitudes, opiniões, perceções, interesses e

comportamentos de um conjunto de indivíduos (Tuckman, 2000, p.517). A técnica de inquérito consubstancia a técnica de inquérito por questionário e a técnica de inquérito por entrevista, caracterizadas essencialmente pelo tipo de instrumento que lhes é adjacente, questionário e guião de entrevista, respetivamente.

Os questionários consistem em conjuntos de questões escritas a que se responde, também, por escrito. Na construção de questionários, o objetivo principal consiste em converter a informação obtida dos respondentes em dados pré-formatados, facilitando o acesso a um número elevado de sujeitos e a contextos diferenciados (Afonso, 2014).

O inquérito por questionário distingue-se da entrevista, porque a aplicação do inquérito exclui, em alguns casos, a relação de comunicação oral entre inquiridor e inquirido (entrevistado), característica da situação de entrevista – é o que se passa nos questionários de administração direta (ou autoadministrados), em que o próprio inquirido regista as suas respostas. Só nos inquéritos de administração indireta, nos quais é o inquiridor quem formula as perguntas e regista as respostas do inquirido, se estará numa situação semelhante à da entrevista (Almeida & Pinto, 1981).

Esta técnica é adequada ao estudo extensivo de grandes conjuntos de indivíduos (normalmente através da medida de certos atributos de uma sua amostra representativa), mas tem importantes limitações quanto ao grau de profundidade da informação recolhida.

Neste estudo, aplicamos dois inquéritos por questionário a um total de 175 alunos:

- o primeiro, dirigido aos alunos dos Cursos Profissionais (CP), 60 alunos, estruturado em 6 partes: (1) Caracterização Pessoal; (2) Relação com a Escola; (3) Trajetória Escolar; (4) Escolhas e Expectativas Escolares; (5) O Curso Profissional; (6) Projetos Futuros, com um total de 49 questões (Anexo 4);
- o segundo, aos alunos do 9.º Ano de escolaridade do Ensino Geral (EG), 115 alunos, estruturado em 5 partes: (1) Caracterização Pessoal; (2) Relação com a Escola; (3) Trajetória Escolar; (4) Escolhas e Expectativas Escolares; (5) O Ensino Profissional, com um total de 28 questões (Anexo 5).

A sua elaboração resulta da revisão da literatura e da combinação de questionários já existentes (Pacheco, 2014; Marques, 2017).

3.3.3. Entrevista sob a forma de narrativa

Para melhorar a compreensão de realidades complexas, contrapõe-se a perspectiva qualitativa de pesquisa que tem como objetivo a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações num dado contexto. Nesta abordagem, pretende-se interpretar em vez de mensurar e procura-se compreender a realidade tal como ela é, experienciada pelos sujeitos ou grupos a partir do que pensam e como agem (seus valores, representações, crenças, opiniões, atitudes, hábitos). A investigação centrada no estudo das vivências e experiências individuais constitui o domínio das narrativas autobiográficas e das histórias de vida (Afonso, 2014, p. 81).

As narrativas são consideradas representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio histórico (Jovchelovich, 2002). Não se tem acesso direto às experiências dos outros, lida-se com representações dessas experiências ao interpretá-las a partir da interação estabelecida (Galvão, 2005). Muylaert (2014), citando Schraiber, afirma que a narrativa é a objetivação do pensamento, dado que o pensamento externalizado é apreendido na sua forma de relato oral. As narrativas, assim, são ferramentas bastante apropriadas para o estudo qualitativo em que se objetiva investigar representações da realidade do entrevistado.

A opção pelas narrativas e histórias de vida implica geralmente uma concentração do dispositivo empírico na realização de entrevistas aprofundadas com os biografados. O núcleo central da investigação é, portanto, o discurso do biografado, direta e especificamente produzido no contexto da pesquisa. Em muitos casos trata-se de entrevistas não estruturadas em que o investigador se assume como catalisador da produção do discurso autobiográfico (Afonso, 2014, p. 82). A fim de procedermos à sua realização, foi elaborado um guião orientador da entrevista, constituído por 4 blocos: (1) Precusores da Escolha; (2) Caracterização do Curso; (3) Perspetivas para o futuro; (4) Outras questões/assuntos não abordados (Anexo 6), tendo sido auscultados 12 alunos do 12.º ano dos Cursos Profissionais.

3.4. Caracterização do contexto e dos participantes do estudo

3.4.1. O Agrupamento de Escolas

O Agrupamento de Escolas de Pinheiro (AEP) foi criado por despacho do Diretor Regional de Educação do Norte, em 20 de junho de 2003. Localiza-se na zona sul do Concelho de Penafiel, que integra a NUT III do Tâmega e Sousa. Os Alunos são oriundos das freguesias de Oldrões, Valpedre, Canelas, Eja, Rio Mau, Sebolido e Termas de São Vicente. É composto por sete Escolas Básicas, com oferta educativa da educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico e a Escola Básica e Secundária de Pinheiro (sede do Agrupamento de Escolas), com 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Profissionais. Esta entidade é, também, promotora do Centro de Qualificação do Agrupamento de Escolas de Pinheiro. De referir que os diferentes estabelecimentos de educação e ensino que compõem o Agrupamento se encontram dispersos, chegando alguns a distar cerca de 15 km da escola sede.

No que concerne às áreas de atividade económica, constata-se que é no setor secundário que se concentra a maior parte da estrutura económica do concelho, com particular destaque para as áreas da construção civil, extração de granitos, indústria transformadora (têxtil e madeira) e da produção de vinhos verdes. No entanto, tem-se vindo a assistir a um aumento bastante significativo do setor terciário, com o aparecimento de um grande número de empresas dedicadas à prestação de serviços.

Neste cenário, em 2012/2013, o AEP foi integrado no Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritário (TEIP), circunstância que lhe tem vindo a permitir um processo de melhoria da qualidade da aprendizagem traduzida no sucesso dos alunos, de combate ao abandono escolar e às saídas precoces do sistema educativo, de criar condições que favoreçam a orientação educativa e a transição qualificada da Escola para a vida ativa e o desenvolvimento de múltiplas parcerias e protocolos com instituições e empresas locais, nacionais e internacionais.

Em termos globais, o AEP acolhe um universo de 1344 alunos; 133 professores, 6 técnicos e 86 elementos de pessoal não docente.

Foi no ano letivo 2007/08 que o agrupamento iniciou o seu percurso com os Cursos Profissionais, nomeadamente com o Curso de Técnico de Comércio. A

opção por este Curso, Nível III, fundamentou-se no facto de a Escola estar implementada numa zona rural onde se previa a expansão da área comercial, nomeadamente com a construção de centros comerciais que, à data, davam a garantia da formação em contexto real de trabalho dos Alunos e da possível absorção dos diplomados e também para dar resposta ao Curso de Educação e Formação (CEF) de Práticas Técnico Comerciais. A partir deste ano muitos outros Cursos foram sendo aprovados, sempre acordados em rede e procurando ir ao encontro do tecido empresarial da região (Quadro 5).

2007/10	Técnico de Comércio
2008/11	Técnico de Termalismo
2009/12	Técnico de Organização de Eventos
2010/13	Técnico de Comércio
2011/14	Técnico de Turismo
	Técnico de Apoio à Gestão Desportiva
2012/15	Técnico de Restauração
2013/16	Técnico de Comércio
2014/17	Técnico de Comércio
2015/18	Técnico de Restauração
2016/19	Técnico de Restauração
2017/20	Técnico de Comércio
	Técnico de Restauração
2018/21	Técnico de Comércio e Técnico de Restauração (turma agregada)
2019/22	Técnico de Restauração
2020/23	Técnico de Restauração

Quadro 5 - Cursos lecionados entre os anos letivos 2007/2008 e 2020/2021

A nível de Recursos Humanos, encontram-se afetados aos Cursos Profissionais, 19 docentes: 9 para a Componente Sociocultural; 3 para a Componente Científica; 5 para a Componente Tecnológica e 2 no âmbito da Educação Especial. Os Cursos Profissionais contam, ainda, com o apoio e colaboração dos Serviços de Psicologia e Orientação.

Para o presente estudo, contamos com as turmas do último triénio, isto é, Técnico de Comércio e Técnico de Restauração - turma agregada (2018/2021); Técnico de Restauração (2019/22) e Técnico de Restauração (2020/23).

3.4.2. Participantes do estudo

O estudo incidirá sobre o universo dos alunos dos CP (n=60) - 10.º (n=24), 11.º (n=11) e 12.º (n=25) e ao universo dos alunos do 9.º ano do EG (n=115), num total de 175 participantes (Quadro 6), aos quais foram aplicados inquéritos por

questionário.

Turma	N.º de alunos	Média de Idades
9A	21	14 anos
9B	22	14 anos
9C	27	14 anos
9D	24	14 anos
9E	21	14 anos
10C – Técnico de Restauração	24	16 anos
11C - Técnico de Restauração	11	16 anos
12C – Turma Agregada Comércio e Restauração	25	18 anos
Total de Alunos	175	

Quadro 6 - Participantes no Estudo

Entrevistamos, também, 12 alunos do 12.º dos CP, que se evidenciaram pelas observações escritas nos questionários, situação que resultou na necessidade de, através de entrevista, complementar alguns dados.

Com a recolha e produção de dados pretendemos:

1. no caso dos alunos do 9.º ano, conhecer a imagem e perceções que têm relativamente aos Cursos Profissionais e quais os motivos que poderão conduzir, ou não, a esta escolha, se o local condicionou a decisão, quando ocorreu e por influência de quem (subquestões de investigação 1, 2);
2. no caso dos alunos dos Cursos Profissionais (10.º, 11.º e 12.º anos), aferir questões relacionadas com a evolução das suas expectativas e motivações ao longo da frequência do curso e suas perspetivas após a conclusão do mesmo (subquestões de investigação 1, 2, 3, 4);
3. relativamente aos alunos que frequentam o 12.º ano do Ensino Profissional, ainda, aferir a evolução nas suas disposições a propósito da frequência do curso profissional.

CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Como já referido, esta investigação enquadra-se num estudo de caso, porquanto nos permite um estudo da realidade social e também o recurso a diferentes técnicas de recolha e análise de dados. O objetivo é estabelecer sinergias entre práticas quantitativa e qualitativa e assim uma abordagem plural. Com este propósito, foram aplicados, inquéritos por questionário (via *google forms*), entrevistas e pesquisa documental, cujo processo decorreu durante os meses de junho e julho de 2021, após receção do consentimento informado da direção do AEP e pais/encarregados de educação dos alunos participantes (Anexos 1, 2 e 3), cumprindo-se, assim, cuidados éticos explicitados no Código de Ética e de Conduta da Universidade Católica (UCP, 2015), bem como respeitados, integralmente, os três pilares da investigação científica: Verdade; Ética e Responsabilidade Social, plasmados no mesmo documento.

O inquérito por questionário foi anónimo e os dados recolhidos mantidos confidenciais, respeitando os princípios deontológicos da investigação em Ciências Sociais e o estipulado na Lei da Proteção de Dados Pessoais (Lei n.º 58/19, de 8 de agosto).

No caso dos alunos do 9.º ano, o inquérito foi aplicado, com a colaboração do Diretor de Turma, pelo professor de Cidadania e Desenvolvimento, presencialmente (durante o tempo letivo), demorando cerca de 10/15 minutos no seu preenchimento.

No que respeita aos alunos dos Cursos Profissionais, o inquérito foi aplicado, à distância, sob orientação do Diretor de Turma.

Quanto às entrevistas, sob a forma de narrativa, também realizadas pela investigadora, serviram para clarificar e abordar questões ou assuntos não previstos no guião.

4.1. Pesquisa Documental

4.1.1. O Projeto Educativo do Agrupamento

Da leitura e análise do Projeto Educativo do Agrupamento, identificamos que a sua máxima é constituir uma comunidade humana de aprendizagem profissional, centrada na pessoa, onde todos aprendem com todos, onde todos estão ao serviço de todos, das aprendizagens cognitivas, afetivas, sociais e emocionais e onde a

realização pessoal e profissional de todos seja uma realidade. Enquanto comunidade aprendente visa valorizar a cultura, a ciência, o conhecimento, a arte, o desporto e a tecnologia.

Com este propósito, o Agrupamento coloca a aprendizagem no centro de toda a sua atividade, reconhece como mais-valia a diversidade dos seus alunos, adequando os processos de ensino às características e condições individuais de cada aluno, mobilizando os meios de que dispõe para que todos aprendam e participem na vida da comunidade educativa e desenvolvam um projeto de vida saudável. A intenção é gerar ambientes de aprendizagem agradáveis, de confiança e abertura, um clima de colaboração e entreajuda, ordenado e seguro, que aspira a critérios de sucesso partilhados, em que o aluno é o ator principal de todo o processo educativo. Paralelamente, adota o princípio da autonomia e gestão flexível do currículo, em ordem a reforçar as aprendizagens que se pretendem integradas, articuladas e significativas.

Importante é capacitar o aluno para a consolidação e ampliação dos seus conhecimentos qualquer que seja a área ou dimensão e, nessa linha, criar condições para que cada aluno seja uma pessoa reflexiva, criativa, assertiva, argumentativa e, fundamentalmente, ousada, com um conhecimento sólido, com saberes e valores capazes de contribuir para um mundo mais justo e solidário. Nessa base, todo o ensino é como uma edificação, em que os saberes se vão construindo continuamente ao longo da vida.

A escola (Agrupamento) que aprende é aquela (aquele) que valoriza a participação cívica dos seus alunos como um processo individual e coletivo, que apela à reflexão-para-a-ação. Efetivamente, o exercício da cidadania implica por parte de cada indivíduo e daqueles com quem interage uma tomada de consciência, cuja evolução acompanha as dinâmicas de intervenção e transformação social. A cidadania traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social. A parceria Família-Escola pretende, também, valorizar e incentivar desde a mais tenra idade e, portanto, desde a educação pré-escolar.

O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e as Aprendizagens Essenciais, bem como os Perfis Profissionais e os Referenciais de Competências da Qualificação, no caso dos Cursos Profissionais afirmam-se, nestes

pressupostos, como documentos de referência para uma tomada de decisão, contribuindo para a ligação e a articulação das decisões inerentes às várias dimensões do desenvolvimento curricular: organização e gestão curriculares; definição de estratégias; metodologias e procedimentos pedagógico-didáticos a utilizar na prática letiva.

Assumindo o AEP o desafio de conciliar a qualidade e a equidade da educação na região do Tâmega e Sousa, a mais pobre do país e uma das mais pobres da Europa, é fundamental estruturar percursos de formação diversificados e que possibilitem o desenvolvimento das competências académicas, profissionais e sociais, geradoras de mais cidadania e inclusão.

Ora, com a implementação da Reforma do Ensino Secundário (Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março), o Ensino Profissional deixou de ser uma modalidade especial de educação, ministrada exclusivamente em escolas profissionais, passando a integrar o nível secundário de educação e a ser, também, ministrado em escolas secundárias públicas. Em 2006/2007, ocorre uma generalização dos Cursos Profissionais nas escolas secundárias públicas e a partir daí, também o AEP, encontrou na oferta de Cursos Profissionais de dupla certificação uma alternativa para os jovens que não se revêm no Ensino Geral, circunstância indispensável para aumentar a confiança e a motivação e assim combater o abandono e o insucesso escolar.

4.2. Inquérito por Questionário

O processo de aplicação dos questionários decorreu durante dois meses (junho e julho de 2021) e todos os procedimentos são da responsabilidade da autora, nomeadamente a sua aplicação via *google forms*, conforme pedido de colaboração à Diretora do Agrupamento de Escolas, consentimento informado da direção AEP e dos pais/encarregados de educação dos alunos participantes (Anexos 1, 2 e 3).

Do total dos questionários enviados, 175 (60-CP e 115-EG), recebemos 153 (56-CP e 97-EG).

4.2.1. Questionário aos alunos dos Cursos Profissionais

O inquérito por questionário aplicado aos alunos dos Cursos Profissionais, 60 alunos, seguiu a seguinte estrutura: Caracterização Pessoal; Relação com a

Escola; Trajetória Escolar; Escolhas e Expectativas Escolares; O Curso Profissional; Projetos Futuros. Do total dos questionários enviados, rececionámos 56 respostas.

4.2.1.1. Caracterização dos respondentes

Dos 56 respondentes (identificados com a letra A), 35 são do sexo masculino e 21 do sexo feminino; com uma média de idades de 17 anos, num intervalo de 15 a 19 anos; 92,9% (n=52) dos alunos inquiridos são naturais do concelho de Penafiel; 12 alunos frequentam o Curso Profissional de Técnico de Comércio, 44 alunos, o Curso Profissional de Técnico de Restauração e distribuem-se pelas seguintes turmas: 10.ºC (n=20), 11.ºC (n=11), 12.ºC (n=25).

4.2.1.2. Relação com a Escola

Nesta categoria, pretende-se conhecer a relação do aluno com a escola; a participação dos pais/familiares/encarregados de educação na sua vida escolar; a sua opinião sobre a turma que integra; o seu relacionamento com professores, colegas e assistentes operacionais; o seu comportamento; a opinião sobre os alunos que frequentam os cursos profissionais; eventuais dificuldades de aprendizagem e, ainda, as disciplinas consideradas mais difíceis durante a frequência do Ensino Geral. As respostas assumem diferentes indicadores.

Assim, à questão “*como é a tua relação com a escola*” (Quadro7), as respostas foram:

Questão	Sim	M	F
Gosto de estudar	30,4% (n=17)	7	10
Não gosto de estudar	53,6% (n=30)	22	8
Tenho dificuldades na aprendizagem	8,9% (n=5)	3	2
O que aprendo na escola não tem utilidade	1,8% (n=1)	1	-
Ns/Nr	5,4% (n=3)	3	-

Quadro 7 - Relação com a Escola

À questão, “em casa é incentivado pelos pais/familiares/ encarregados de educação”, as respostas são maioritariamente positivas 89,3% (n=50). Os restantes 10,7% (n=6), respondem que não.

“Consideras que a tua turma tem uma atitude que proporciona um clima de aprendizagem em sala de aula”, a resposta é positiva, 71,4% (n=40). Os restantes alunos, 28,6% (n=16), consideram que não “porque não respeitam os que querem estar atentos”; “são bastante conversadores e chatos”; “em algumas das aulas, estão constantemente a fazer intervenções”; “não levam as coisas a sério e acabam por perturbar com comentários ou ações desnecessárias constantes”.

O “relacionamento com os Professores” é considerado Muito Bom por 42,9% (n=24) dos alunos, o “com os Colegas” é considerado Bom por 50,0% dos alunos (n=28) e “com os Assistentes Operacionais”, Bom, por 39,3% (n=22) dos alunos (quadro 8).

Questão	Muito Mau	Mau	Razoável	Bom	Muito Bom	Ns/Nr
Professores	1,8% (n=1)	----	21,4% (n=12)	33,9% (n=19)	42,9% (n=24)	----
Colegas	1,8% (n=1)	----	10,7% (n=6)	50,0% (n=28)	35,7% (n=20)	1,8% (n=1)
Assistentes Operacionais	1,8% (n=1)	----	16,1% (n=9)	39,3% (n=22)	39,3% (n=22)	1,8% (n=1)

Quadro 8 - Relacionamento com Professores, Colegas e Assistentes Operacionais

No que respeita ao “comportamento na escola”, 96,4% (n=54) dos alunos, considera ter um comportamento adequado na escola. Os restantes alunos não respondem (n=1) ou respondem que não (n=1) porque “N goste de estar la por isso n faço o que me mandaram”² (A39).

À questão “Achas que os alunos que frequentam os Cursos Profissionais são mais indisciplinados?” 83,9% (n=47) responde que não e 16,1% (n=9) responde afirmativamente.

Quanto a “dificuldades em aprender aquando da frequência do Ensino Geral” (Quadro 9), 85,7% (n=48) dos inquiridos responde que não, 12,5% (n=7) responde que sim e 1 aluno não responde. Os alunos que respondem que sim apontam como motivos “Mais dificuldade na matéria, obrigava a mais estudo e mais empenho” (A6); “Porque era muita coisa” (A20); “Desatento” (A29) e “Mau comportamento,

² Transcrição ipsis Litteris.

muitas dificuldades de aprendizagem e a convivência com os meus colegas” (A36).

Questão	Sim	Não	M	F
Dificuldades de aprendizagem no Ensino Geral	----	85,7% (n=48)	28	20
	12,5% (n=7)	----	6	1

Quadro 9 - Dificuldades de aprendizagem no Ensino Geral

As “disciplinas que consideraram mais difíceis no Ensino Geral” foram Matemática, 55,4% (n=31); Físico-Química 51,8% (n=29) e Inglês, 48,2% (n=27), conforme registado no Gráfico 1.

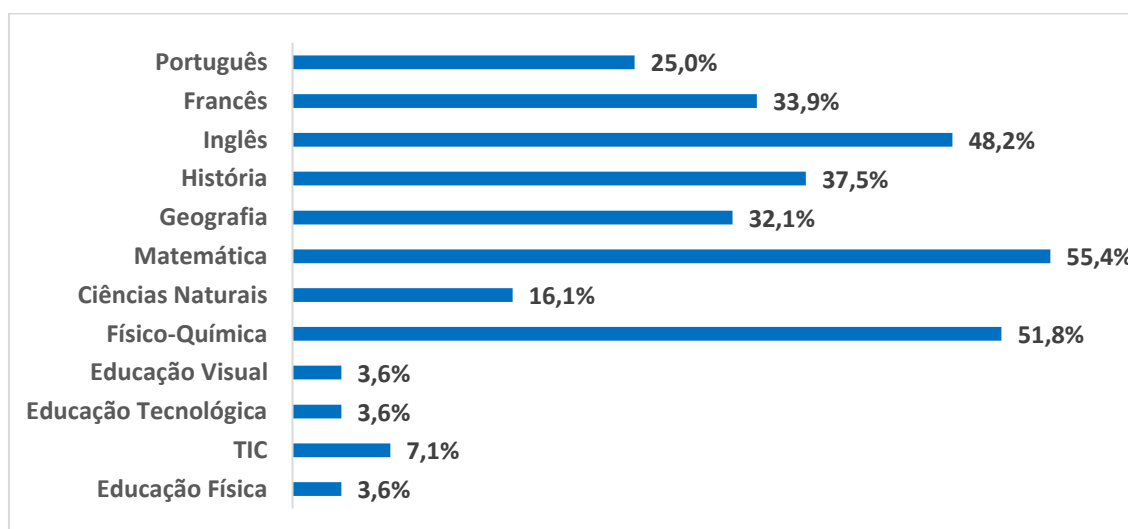


Gráfico 1 - Disciplinas difíceis no Ensino Geral

4.2.1.3. Trajetória Escolar

Na categoria “Trajetória Escolar” pretendemos conhecer eventuais retenções/reprovações e suas razões; possíveis interrupções e motivos para o regresso à escola.

Assim, apurámos que 71,4% (n=40) dos alunos respondentes nunca ficaram retidos (Quadro 10).

Questão	Sim	Não	M	F
Retenções/reprovações	----	71,4% (n=40)	22	18
	26,8% (n=15)	----	13	2

Quadro 10 - Retenções/Reprovações

Todavia, 26,8% (n=15) registam ter já sido no 1.º ciclo, especificamente: 4, no 2.º ano e 1 no 3.º ano (Quadro 11). De notar que, dois dos alunos acumularam duas retenções, num dos casos em ciclos diferentes (2.º e 5.º ano) e no outro, no mesmo ciclo (8.º e 9.º ano). Os motivos, são sobretudo (1) “faltava muito às aulas”, 46,6% (n=7); (2) “não estudava”, 46,6% (n=7) e (3) “não gostava de andar na escola”, 40,0% (n=6).

Questão - Ano de retenção	M	F
2.º ano	4	--
3.º ano	1	--
5.º ano	1	--
6.º ano	--	1
8.º ano	5	--
9.º ano	--	2
10.º ano	1	2

Quadro 11 - Ano de Retenção

Ao longo do seu percurso escolar, 92,9% (n=52) dos alunos nunca interrompeu os seus estudos, 5,4% (n=3) afirma que sim e 1 aluno não responde. Um dos alunos que responde afirmativamente aponta como justificação “faltar”, e a razão apontada para o regresso à escola é “ter futuro” (A33).

4.2.1.4. Escolhas e Expectativas Escolares

No domínio “Escolhas e Expectativas Escolares”, são 9 as questões abordadas, visando saber as razões da escolha de um Curso Profissional; quem participou nessa escolha; em que momento do seu percurso profissional foi feita; se esta foi a sua primeira opção; se sim, porquê, se não, porquê; se pudesse escolher outro curso profissional qual escolheria; se o curso frequentado está a corresponder as suas expectativas iniciais; em que medida e, ainda, se quando iniciou o curso conhecia as competências que devia adquirir ao longo da frequência do mesmo.

No gráfico 2, constatámos que as “razões apontadas para a opção por um curso profissional” são: (1) Aprendo uma profissão, 50,9% (n=28); (2) É uma forma mais fácil de fazer o 12.º ano, 47,3% (n=26); (3) Fico melhor preparado para ingressar no mundo de trabalho, 43,6% (n=24); (4) Arranjo emprego com mais facilidade, 38,2 % (n=21); (5) Permite a ligação da escola ao mercado de trabalho através dos estágios, 32,7% (n=18); (6) Gosto da área profissional do Curso, 30,9% (n=17); (7) É uma formação de carácter mais prático, 10,9% (n=6); (8) Os meus pais incentivaram-me, 5,5% (n=3); (9) Fico melhor preparado para ingressar no Ensino Superior, 5,5% (n=3); (10) Fui aconselhado pelos Serviços de Psicologia e Orientação, 3,6% (n=2), e (11) Reprovi muitas vezes, 1,8% (n=1).

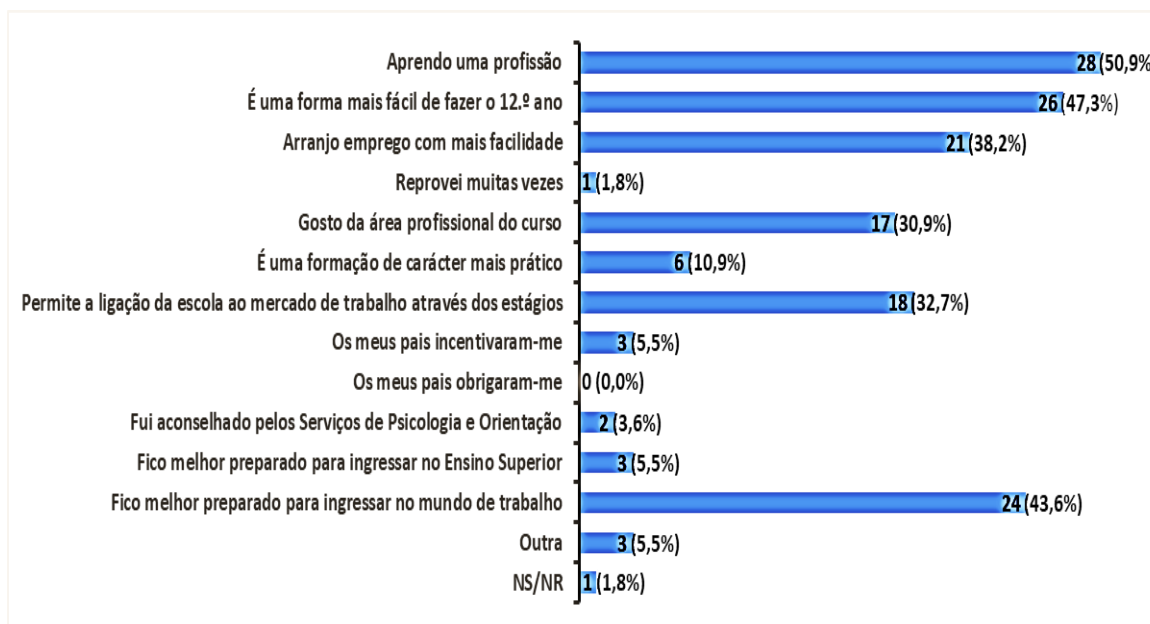


Gráfico 2 - Opção pelo Curso Profissional

Na questão “qual a importância dos pais, irmãos, outros familiares, amigos/colegas, professores, diretor de turma ou psicólogo/a da escola nesta escolha?”, os alunos evidenciam, por ordem decrescente, Pais, 51,8% (n=29), Irmão/s, 39,3% (n=22), Diretor/a de Turma, 30,4% (n=17), Professores, 28,6% (n=16), Outros familiares, 23,2% (n=13), Psicólogo/a, 17,9% (n=10) e, por último, os Amigos/Colegas 16,1% (n=9), conforme se constata no Gráfico 3.

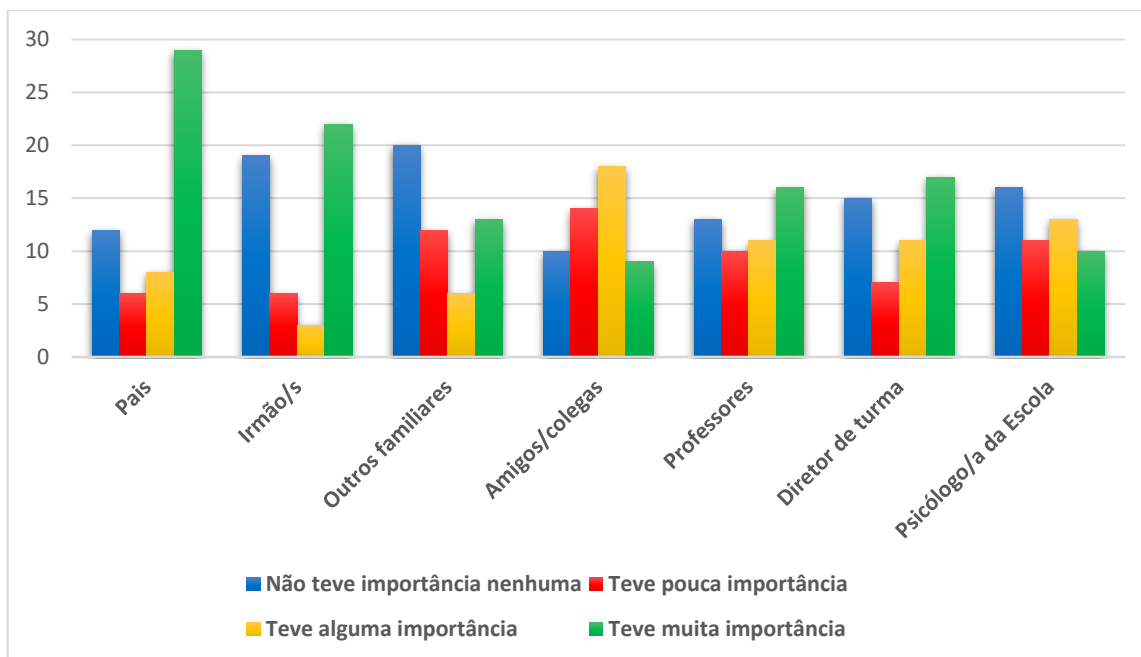


Gráfico 3 - Importância na Escolha Vocacional

À questão “Em que momento do teu percurso escolar fizeste a escolha pelo Ensino Profissional?” (Gráfico 4), 10,7% dos alunos antes do 9.º ano (n=6); 23,2% durante a frequência do 9.º ano (n=13); 41,1% no final do 9.º ano (n=23), e 25,0% já durante a frequência do Ensino Secundário (n=14).

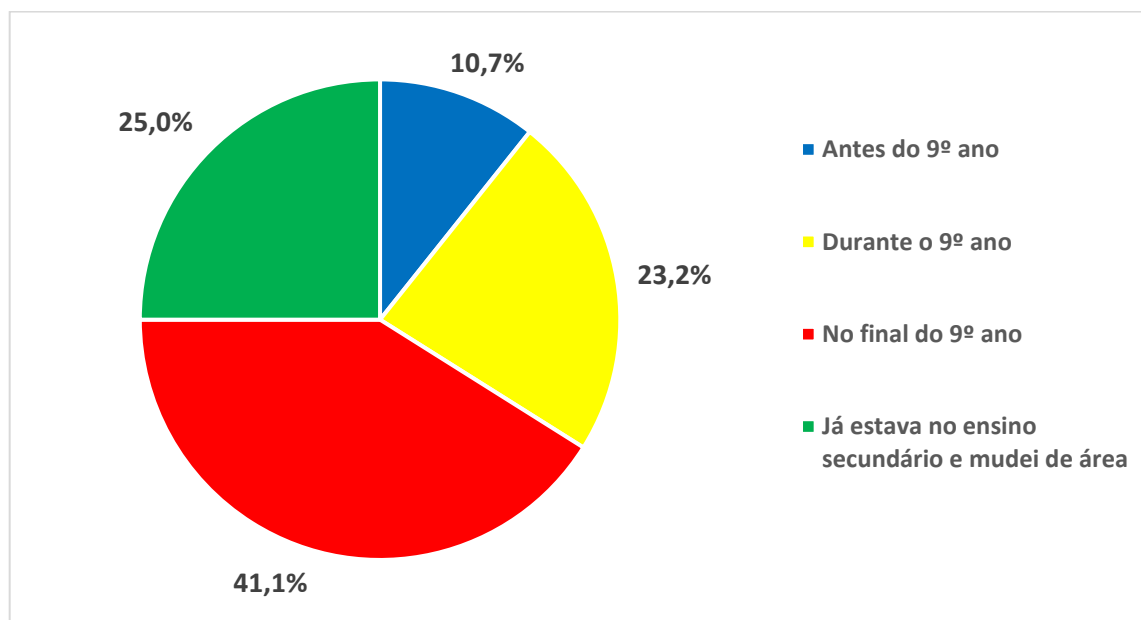


Gráfico 4 - Momento da Escolha

À questão “O Curso Profissional que estás a frequentar é a tua primeira opção?”, a maioria, 60,7% (n=34), refere que a escolha do curso frequentado não é de facto a sua primeira opção. Os restantes, 39,3% (n=22), respondem que sim.

Os alunos, para os quais o curso que se encontram a frequentar foram a sua primeira escolha (Gráfico 5), apontam que (1) “tem mais saídas profissionais”, 45,5% (n=10); (2) “É a área de que mais gosto”, 36,4% (n=8); (3) “Não existiam outras opções na escola”, 9,1% (n=2); (4) “Querida estudar nesta escola independentemente do Curso, 4,5% (n=1) e 1 aluno respondeu “porque eu queria não ia ser se calhar tão bom em termos de saídas e dinheiro”.

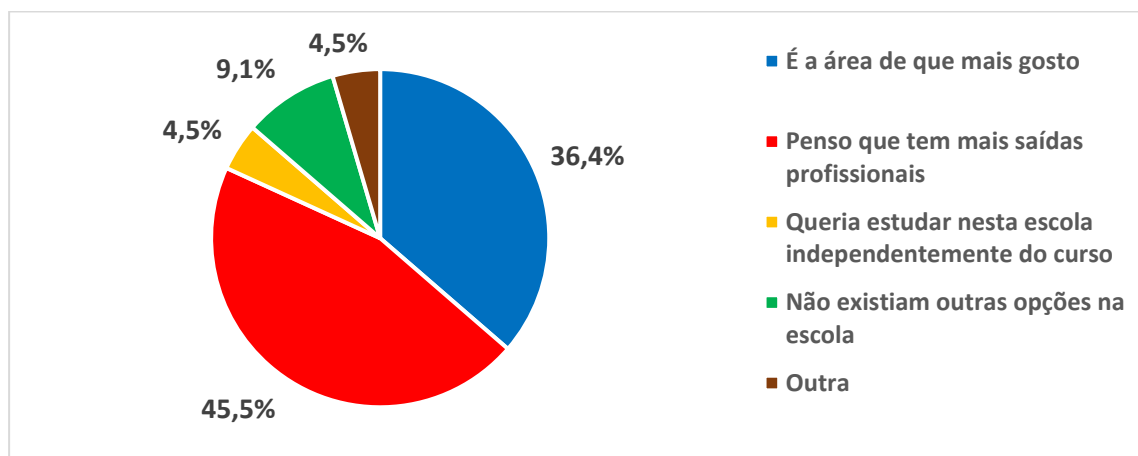


Gráfico 5- Motivo da escolha da área de formação

Para os alunos em que a escolha não é a sua primeira opção (Gráfico 6), a sua frequência resulta do facto de: (1) O curso que eu queria não existe na zona” 35,3% (n=12); (2) “Não existiam outras opções na escola” 26,5% (n=9); (3) Já não tinha vaga 17,6% (n=6); (4) “Querida estudar nesta escola independentemente do curso” 14,7% (n=5). 1 aluno não responde e 1 aluno refere que “minha opção era humanidades no início da escola, mas antes disso já tinha estado em Restauração e vi que foi o que mais me adaptei e gostei.”

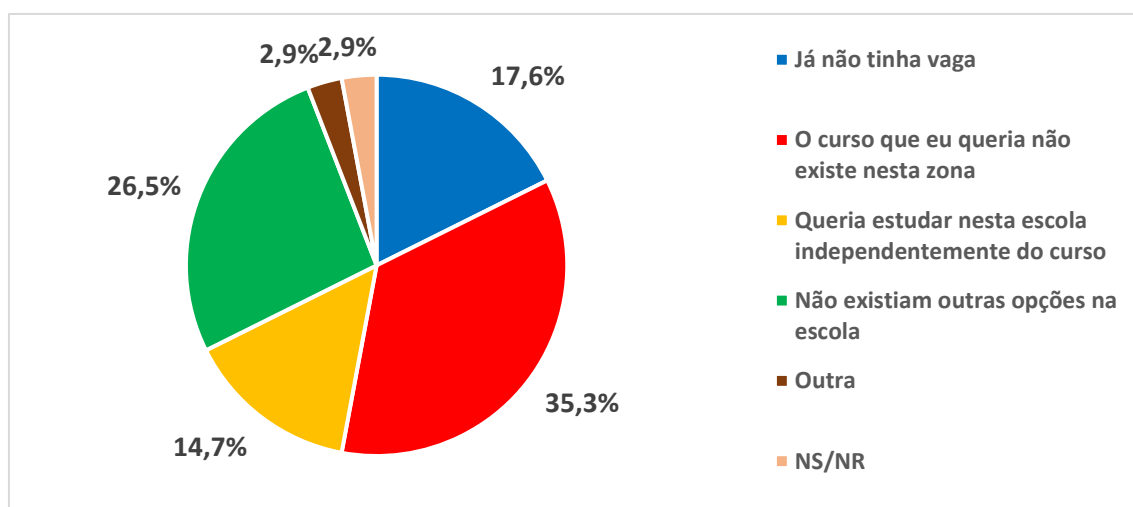


Gráfico 6 - Se não, motivo da opção

Se pudessem escolher outro curso profissional escolheriam: Informática (n=8), Desporto (n=7), Mecânica (n=7) e Comércio (n=5).

À questão “*Como classificas as tuas expectativas quando entraste para o curso?*” (Quadro 12), a maior parte dos alunos tinha poucas expectativas, 51,8% (n=29); 28,6% (n=16) tinha expectativas elevadas; 14,3% (n=8) não tinha expectativas e, apenas, 5,4% (n=3) tinha expectativas muito elevadas.

Questão	Não tinha	Pouco elevadas	Elevadas	Muito elevadas
Expectativas iniciais	14,3% (n=8)	51,8% (n=29)	28,6% (n=16)	5,4% (n=3)

Quadro 12 - Expectativas Iniciais

O “*curso está a corresponder às expectativas iniciais*” (Quadro 13): “Alguns coisa” para 53,6% (n=30) dos alunos; “Muito” para 28,6% (n=16); “Pouco” para 12,5% (n=7) e “Nada” para 5,4% (n=3).

Questão	Nada	Pouco	Alguns coisa	Muito
Expectativas atuais	5,5% (n=3)	12,5% (n=7)	53,6% (n=30)	28,6% (n=16)

Quadro 13 - Expectativas Atuais

À questão “*Quando iniciaste o curso conhecias as competências que devias adquirir durante a formação?*” (Quadro 14) a grande parte dos alunos responde “Mais ou menos”, 76,8% (n=43); 16,1% (n=9) afirma que conhecia “Bem” e 7,1% (n=4) “Desconhecia”.

Questão	Mais ou menos	Bem	Desconhecia
Competências	76,8% (n=43)	16,1% (n=9)	7,1% (n=4)

Quadro 14 - Competências a adquirir

4.2.1.5. O Curso Profissional

Nesta categoria, inquiriu-se a satisfação dos alunos com o curso que frequentam; a importância atribuída às diferentes componentes e atividades; as vantagens comparativamente ao Ensino Geral; se as suas notas melhoraram e se a frequência do curso constitui motivo de orgulho.

Os alunos responderam à pergunta “Gostas do curso que frequentas?” (Gráfico 7), “Mais ou Menos”, 32,1% (n=18); “Bastante”, 25,0% (n=14); “Muito”, 21,4% (n=12); “Pouco”, 8,9% (n=5), “Nada”, 7,1% (n=4) e “Não respondem”, 5,4% (n=3).

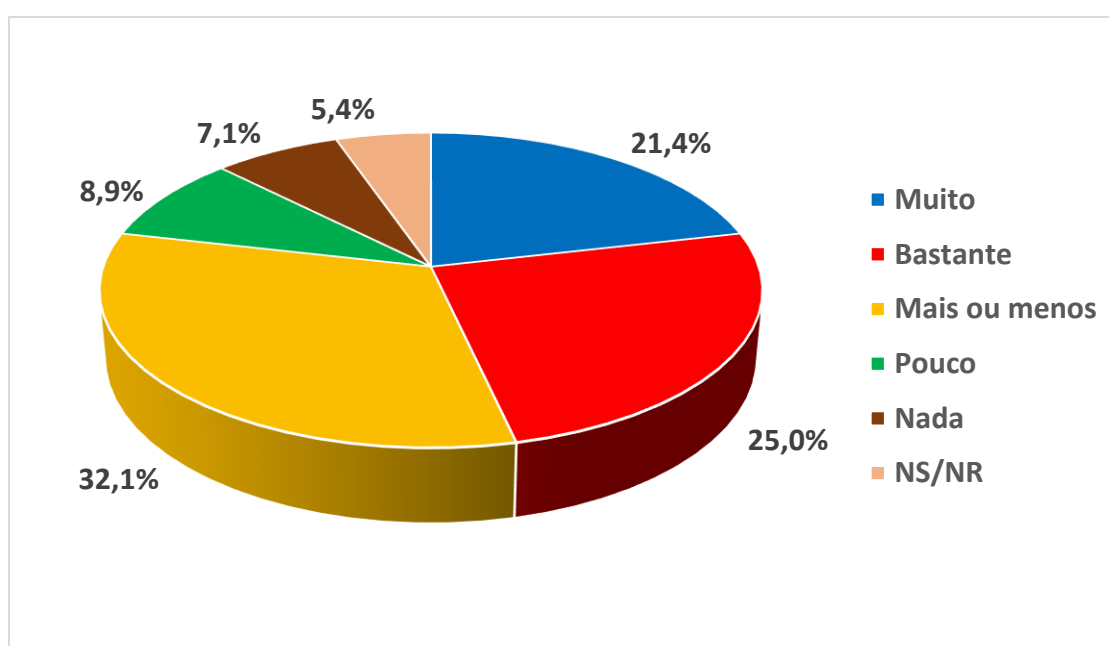


Gráfico 7 - Gosta do Curso que frequenta

No que concerne “o grau de satisfação com o Curso” (Gráfico 8), a maior parte dos alunos aponta um grau de satisfação “Bom” com o horário semanal, 48,2% (n=27); com as salas de aula, 51,8%, (n=29) e com os espaços para as aulas práticas, 35,7% (n=20). Com os equipamentos das salas de aula a apreciação divide-se entre o “Suficiente”, 39,3% (n=22) e “Bom”, 39,3% (n=22).

Relativamente às Componentes de Formação Sociocultural, 50,0% (n=28), Científica, 48,2% (n=27), Tecnológica, 44,6% (n=25) e de Contexto de Trabalho, 48,2% (n=27), também o seu grau de satisfação é maioritariamente, “Bom”.

Quanto ao grau de satisfação com os professores e com os colegas, também aqui é predominantemente “Bom”, 50,0% (n=28) e 53,6% (n=30) respetivamente.

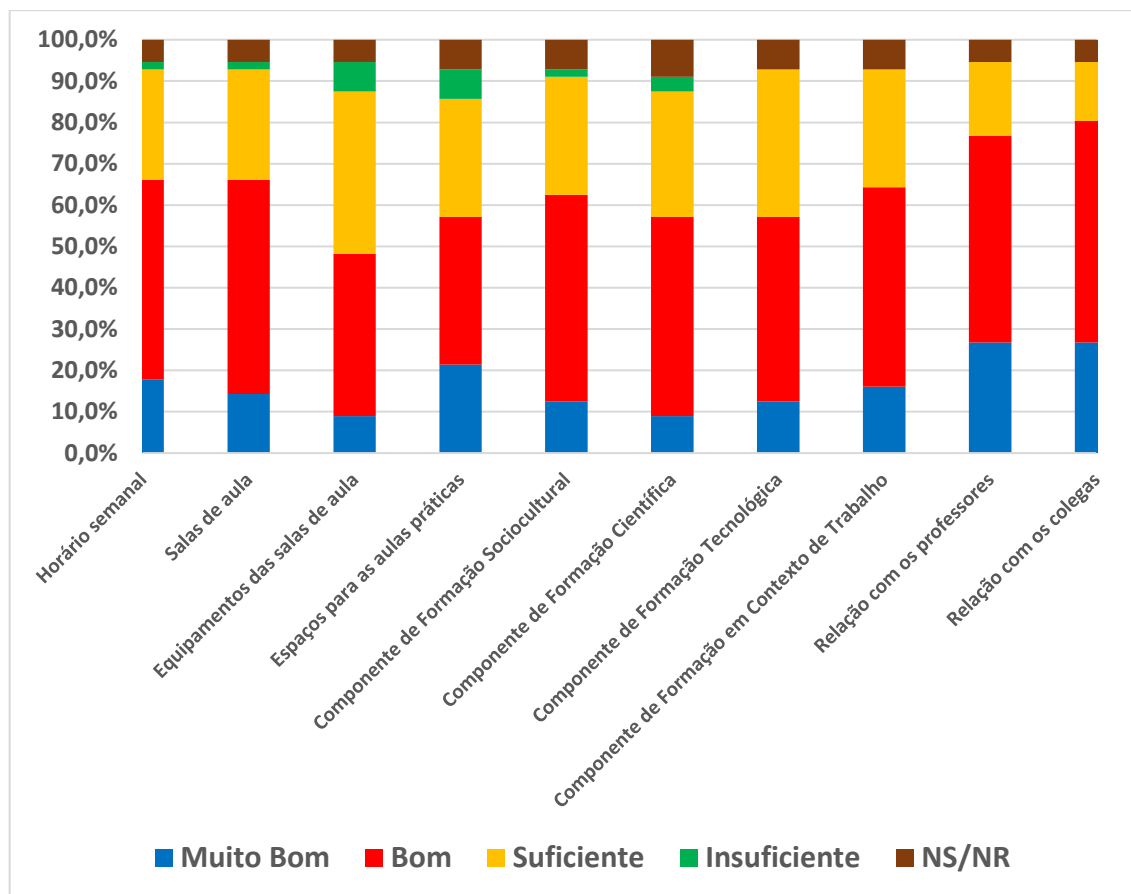


Gráfico 8 - Grau de Satisfação com o Curso

No que se refere à “avaliação do curso que se encontra a frequentar” (Gráfico 9), a maior parte dos alunos avalia com “Bom”, os diversos parâmetros: o interesse dos conteúdos tratados 39,3% (n=22); os conhecimentos de cultura geral, 48,2% (n=27); os conhecimentos teóricos obtidos, 53,6% (n=30); os conhecimentos práticos obtidos, 46,4% (n=26), a preparação para a vida profissional, 50,0% (n=28) e a preparação para o prosseguimento de estudos, 39,3% (n=22).

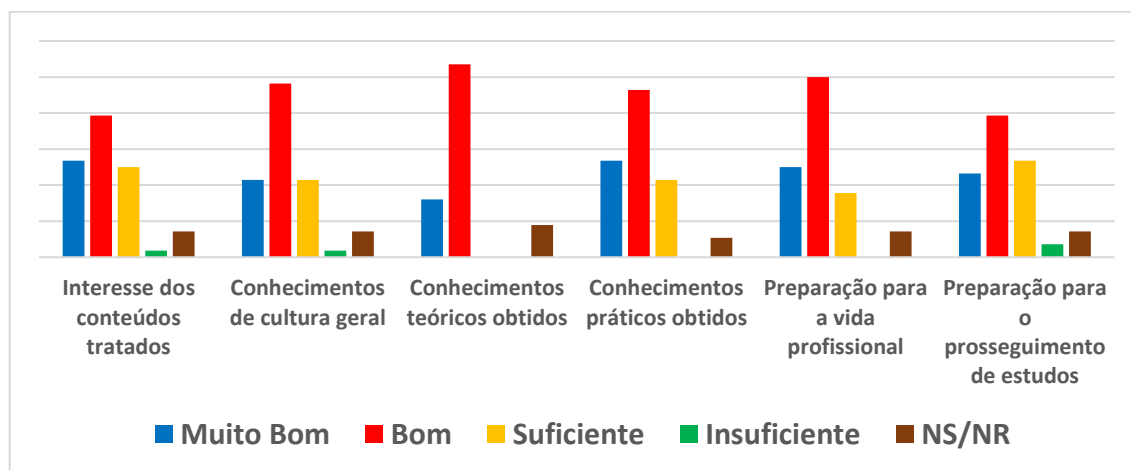


Gráfico 9 - Avaliação do Curso

Como “*atividades preferidas*” (Gráfico 10) os alunos, por ordem decrescente, referem gostar mais de: (1) visitas de estudo, 48,2% (n=27); (2) trabalhos de projeto, 42,93% (n=24); (3) campanhas de solidariedade e voluntariado, 35,7% (n=20); (4) prática simulada, 32,1% (n=18), (5) intercâmbio com outras escolas, 32,1% (n=18); (6) atividades desportivas, 30,4% (n=17); (7) atividades culturais, 28,6% (n=16); (8) Workshops/Seminários/Palestras, 28,6% (n=16), (9) apoio especializado a outras atividades, 21,4% (n=12), e (10) mostras à comunidade, 21,4% (n=12).

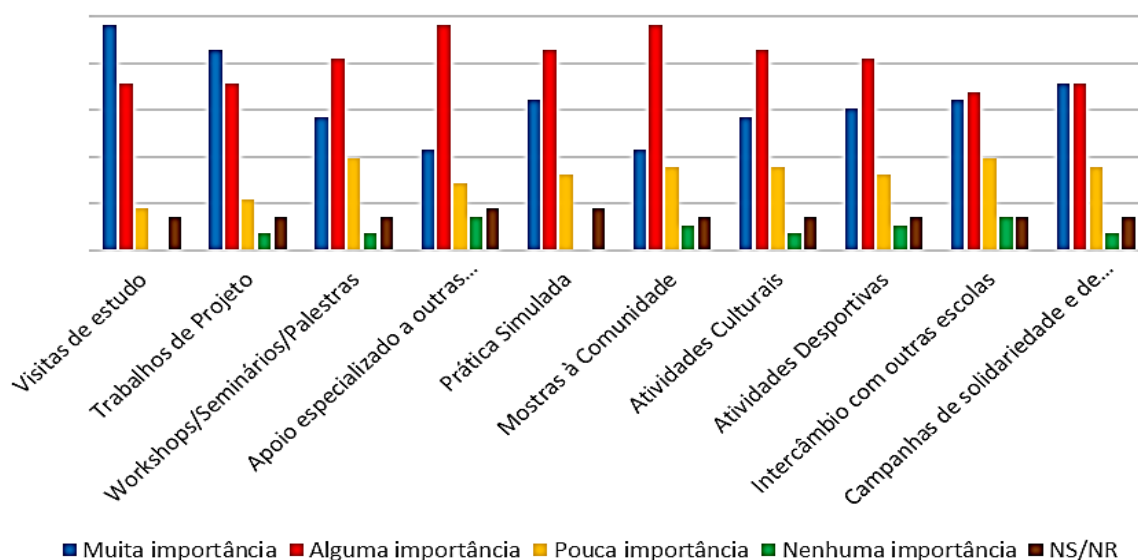


Gráfico 10 - Atividades preferidas

O “*Estágio*” é considerado por 60,7% (n=34) dos alunos como muito importante; por 30,4% (n=17) como importante, 1,8% (n=1) pouco importante, 1,8% (n=1) nada importante e 5,4% (n=3) não respondem (Gráfico 11).

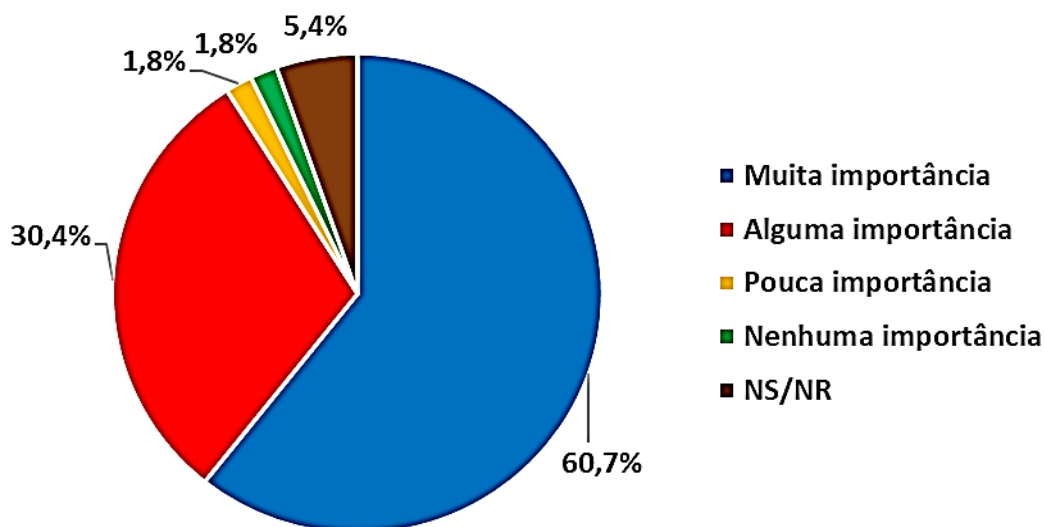


Gráfico 11 - Importância do Estágio

Questionados sobre “o que esperam adquirir com o Estágio” (Gráfico 12), os alunos respondem de forma perentória (1) uma melhor preparação para o mundo de trabalho, 44,6% (n=25), e ainda (2) aquisição de novas competências, 16,1% (n=9); (3) aprender a trabalhar em equipa e melhorar os conhecimentos práticos sobre o que aprendeu, 10,7% (n= 6); (4) nada, 7,1% (n=4); (5) melhorar o relacionamento com os outros, 1,8% (n=1).

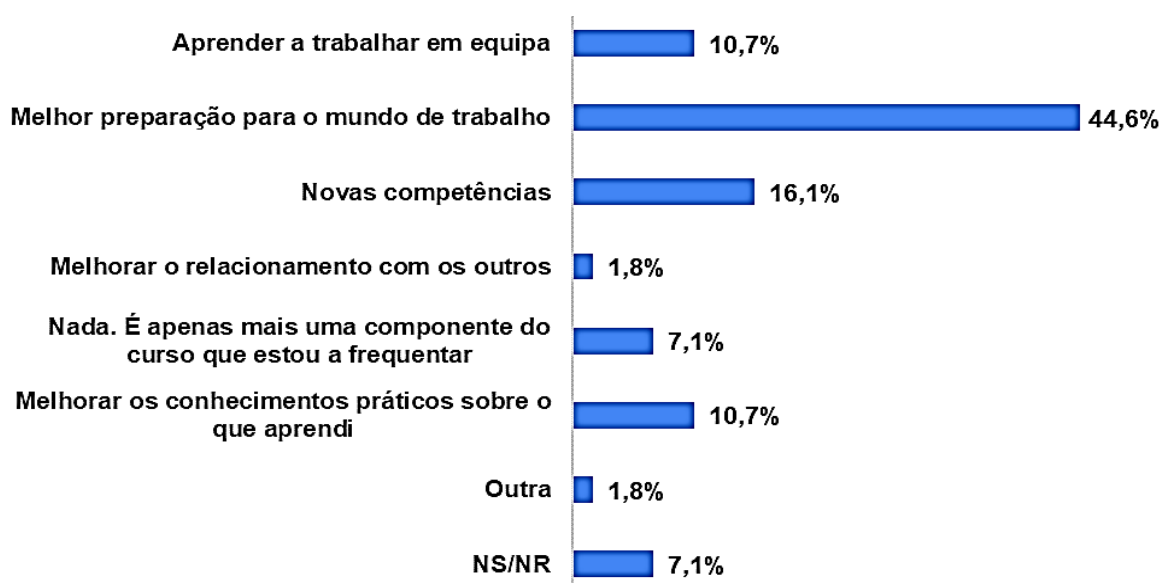


Gráfico 12 - Expectativas no Estágio

No parecer dos alunos inquiridos os “*fatores que favorecem o Ensino Profissional relativamente ao Ensino Geral*” (Gráfico 13), são sobretudo os aspetos relacionados com: (1) a orientação para o mundo de trabalho, 91,1% (n=51); (2) os conteúdos das aulas são mais práticos e direcionados para uma profissão, 80,4% (n=45); (3) os professores ajudam mais quando há dificuldades e são mais acessíveis, 78,6% (n=44); (4) há uma maior aproximação à comunidade e às instituições, 73,2% (n=41); (5) as aulas são mais interessantes, 64,3% (n=36); (6) desenvolvem-se mais atividades lúdicas e pedagógicas, 64,3% (n=36); (7) as disciplinas são mais fáceis, 57,1% (n=32); (8) os professores são menos exigentes, 55,4% (n=31).

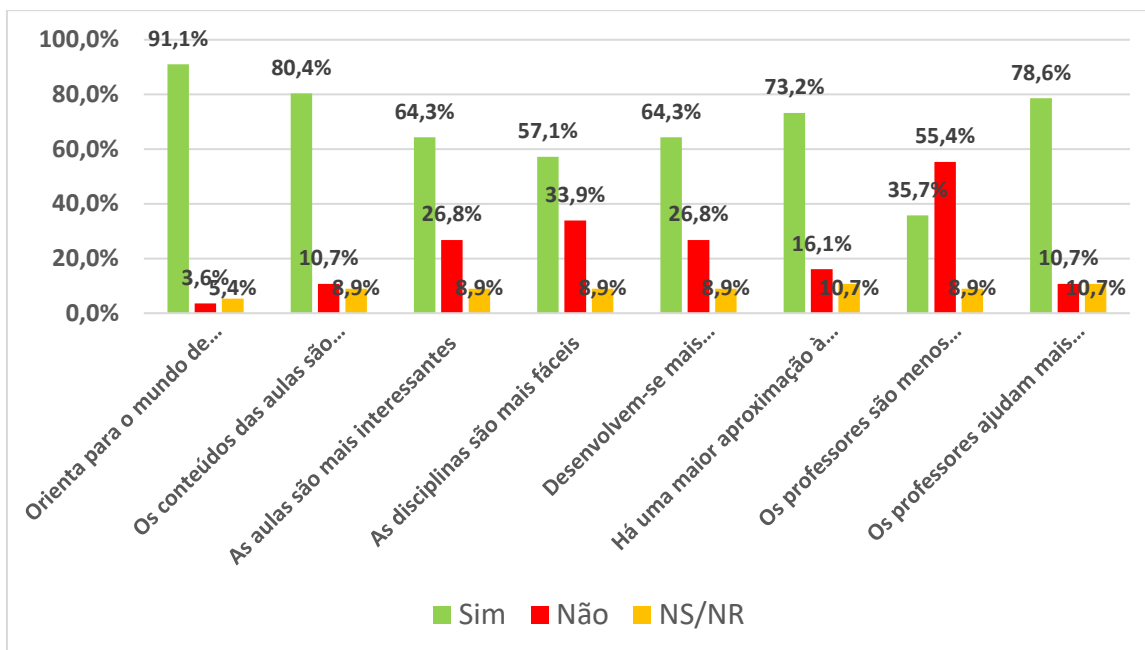


Gráfico 13 - Fatores que favorecem o Ensino Profissional

As “notas melhoraram desde que frequentam o Ensino Profissional” (Quadro 15) para 78,6% (n=44) dos alunos, 16,1% (n=9) respondem que não, e 5,4% (n=3) não respondem.

Questão	Sim	Não	NS/NR
Desempenho	78,6% (n=44)	16,1% (n=9)	5,4% (n=3)

Quadro 15 - Desempenho do Aluno

A “frequência do curso profissional constitui motivo de orgulho” (Quadro 16) inteiramente para 30,4% (n=17) dos alunos e parcialmente para 48,2% (27) dos alunos. Não constitui motivo de orgulho para 16,1% (n=9) dos alunos. 3 alunos não respondem.

Questão	Inteiramente	Parcialmente	Não	ns/nr
Motivo de orgulho	30,4% (n=17)	48,2% (27)	16,1% (n=9)	5,4% (n=3)

Quadro 16 - A frequência do Curso constitui motivo de orgulho

4.2.1.6. Projetos Futuros

Nesta categoria os alunos responderam a questões relacionadas com as suas intenções futuras; utilidade do Curso Profissional frequentado; área de estudos a seguir; profissão pretendida; fatores importantes na escolha de uma profissão, importância do curso para aceder a essa profissão.

Quando “concluírem o curso profissional” (Quadro 14) os alunos pretendem: (1) arranjar um emprego na sua área de formação, 28,6% (n=16); (2) arranjar emprego numa área diferente da sua área de formação, 23,2% (n=13); (3) fazer outra formação numa área diferente, 23,2% (n=13); (4) ingressar no ensino superior e trabalhar em simultâneo, 8,9% (n=5); (5) ingressar num CTeSP e depois começar a trabalhar, 5,4% (n=3); (6) ingressar no ensino superior como estudante a tempo inteiro, 3,6% (n=2) e (7) ingressar num CTeSP e depois ingressar na Licenciatura 1,8% (n=1). 3 alunos não sabem ou não respondem a esta questão.

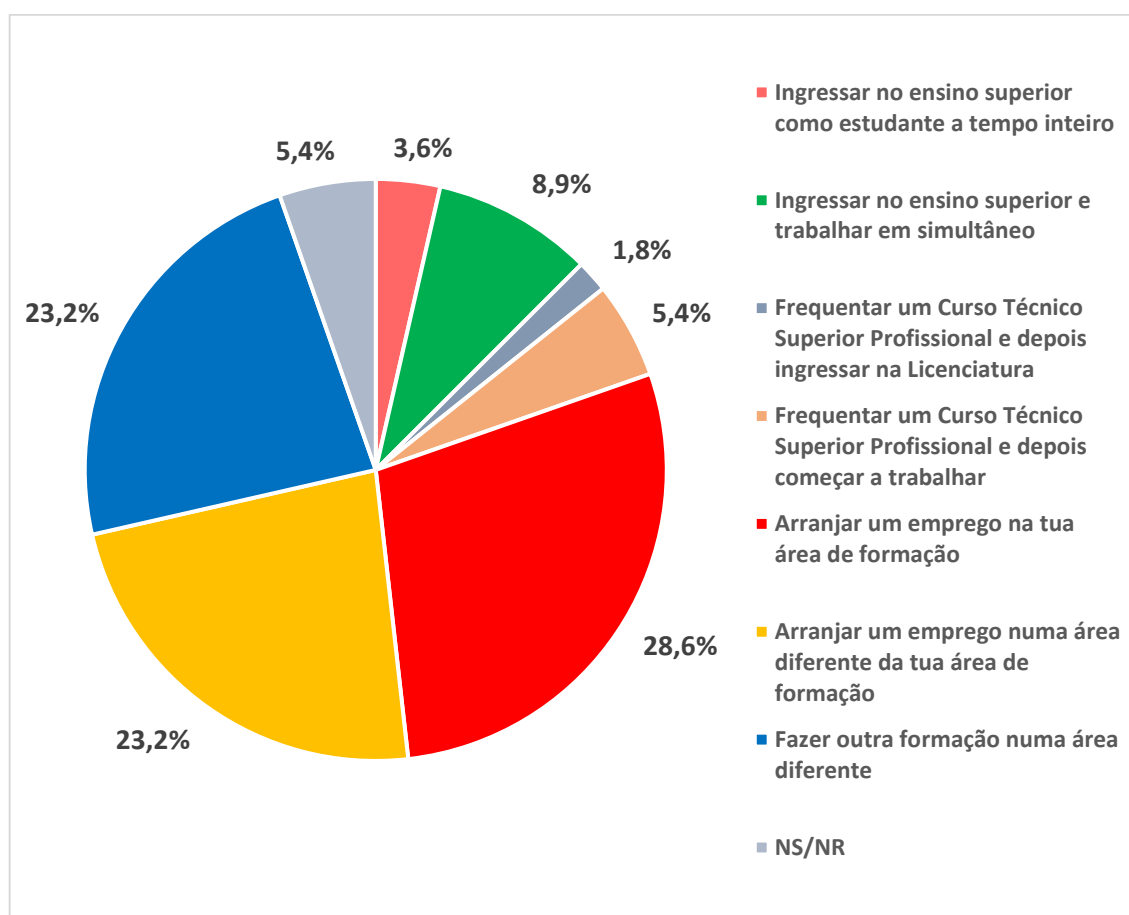


Gráfico 14 - Pretensões Futuras

O “curso que frequenta vai ser útil no seu futuro profissional”, para 73,2% (n=41), dos alunos porque adquirem novas competências e experiências além de ajudar na inserção no mundo de trabalho. Os que responderam negativamente, 21,4% (n=12), dizem pretendem seguir outras áreas. 5,4% (n=3) não respondem.

Se “optar por prosseguir estudos”, 67,9% (n=38) dos inquiridos indica como áreas preferenciais a Hotelaria, o Desporto, a Informática e Cabeleireiro/Estética.

Como “profissão desejada”, 75,0% (n=42) dos inquiridos, aponta atividades relacionadas, principalmente, com as áreas de: Restauração (A13, A23, A32, A47, A54, A55, A56), Forças Armadas/de Segurança (A18, A33, A36, A42, A45, A48, A51), Mecânica (A6, A39, A50) e Cuidados Pessoais (A10, A12, A25).

Os “dois fatores mais importantes para escolher uma profissão” (Gráfico 15) são (1) a Realização pessoal, 42,9% (n=24); (2) a Possibilidade de ganhar o suficiente para ter uma vida estável, 41,1% (n=23); seguidos pela (3) Segurança e estabilidade, 37,5% (n=21). Apontam, ainda, (4) a Concretização de projetos e ideias inovadoras, 25,0% (n=14); (5) a Boa remuneração, 21,4% (n=12); (6) Alcançar prestígio e reconhecimento social, e (7) a Flexibilidade de horário, 16,1% (n=9); (8) a Possibilidade de atingir cargos de chefia ou direção, 14,3% (n=8); (9) Ter muito tempo livre, 8,9% (n=5); (10) a Facilidade de promoção na carreira; 7,1% (n=4) e (11) Contribuir para a modernização do país, 3,6% (n=2). 5 alunos não sabem ou não respondem.

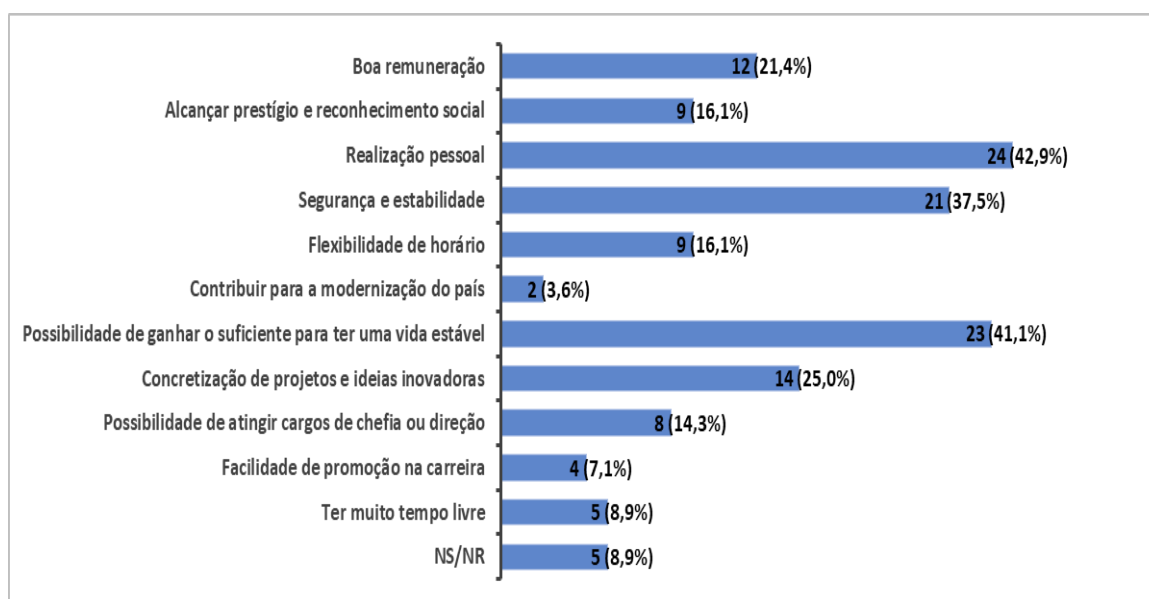


Gráfico 15 - Fatores importantes na escolha de uma profissão

Os resultados obtidos indicam-nos que os alunos pretendem prosseguir estudos em áreas diversas da área de formação frequentada, bem como pretendem ingressar em profissões, também, diversificadas. Apesar disso, um número significativo afirma que o curso lhe vai ser útil no futuro, 51,8% (n=29) e que os vai ajudar a ter essa profissão, porque prepara para a área que pretendem seguir no futuro.

Os restantes consideram que não, 39,3% (n=22), ou não respondem à questão 8, 9% (n=5), os primeiros alegam que não se identificam com o curso e que este não corresponde à área em que pretendem trabalhar no futuro (A8, A10, A14, A19, A21, A28, A36, A39, A41, A50, A51).

4.2.2. Questionário aos alunos do 9.º ano do Ensino Geral

O inquérito por questionário aplicado aos alunos do 9.º ano de escolaridade do Ensino Geral, 115 alunos, seguiu a mesma estrutura do aplicado aos alunos do curso profissional. Fizeram-se, contudo, alguns reajustes, nomeadamente: Caracterização Pessoal; Relação com a Escola; Trajetória Escolar; Escolhas e Expectativas Escolares e o Ensino Profissional. Do total dos questionários enviados, rececionámos 97 respostas.

4.2.2.1. Caracterização dos respondentes

Dos 97 respondentes (identificados com a letra C), 53 correspondem a alunos do sexo feminino e 44 do sexo masculino, tendo uma média de idades de 14 anos, com um intervalo de 12 a 17 anos, sendo maioritariamente, 95%, naturais do concelho de Penafiel.

4.2.2.2. Relação com a Escola

Nesta categoria, pretende-se conhecer a relação do aluno com a escola; a participação dos pais/familiares/encarregados de educação na sua vida escolar; a sua opinião sobre a turma que integra; o seu relacionamento com professores, colegas e assistentes operacionais; o seu comportamento; eventuais dificuldades de aprendizagem e, ainda, as disciplinas consideradas mais difíceis durante a frequência do Ensino Geral.

Nesta categoria as respostas assumem diferentes indicadores. Assim, à questão “*como é a tua relação com a escola?*”, as respostas foram:

Questão	Sim	M	F
Gosto de estudar	36,1% (n=35)	14	21
Não gosto de estudar	35,1% (n=34)	17	17
Tenho dificuldades na aprendizagem	9,3% (n=9)	4	5
O que aprendo na escola não tem utilidade	2,1% (n=2)	2	--
Outra	15,5% (n=15)	6	9
NS/NR	2,1% (n=2)	1	1

Quadro 17 - Relação com a Escola

À questão, “*em casa és incentivado pelos teus pais/familiares/ encarregados de educação?*”, as respostas são maioritariamente positivas, 91,8% (n=89). Os restantes 8,2% (n=8), respondem que não.

“*Consideras que a tua turma tem uma atitude que proporciona um clima de aprendizagem em sala de aula?*”, a resposta é positiva, 85,6% (n=83) diz que sim. Os restantes alunos, 14,4% (n=14), consideram que não, porque os colegas “fazem muito barulho” (C24, C54, C78, C88, C91), “portam-se demasiado mal, perturbam a aula e não cooperam para o decorrer da aula corretamente” (C92), “porque as professoras estão a explicar e eles a falar por cima delas” (C9) e “porque há alunos que interrompem o professor constantemente” (C64).

O “*relacionamento com os Professores*” é considerado “Bom” por 46,4% (n=45) dos alunos, “*com os Colegas*” é considerado “Muito Bom” por 55,7% (n=54) dos alunos e “*com os Assistentes Operacionais*”, “Bom”, por 48,5% (n=47) dos alunos. (Quadro 18)

Questão	Muito Mau	Mau	Razoável	Bom	Muito Bom	Ns/Nr
Professores	1,0% (n=1)	1,0% (n=1)	20,6% (n=20)	46,4% (n=45)	30,9% (n=30)	----
Colegas	1,0% (n=1)	----	10,3% (n=10)	33,0% (n=32)	55,7% (n=54)	----
Assistentes Operacionais	2,1% (n=2)	----	11,3% (n=11)	48,5% (n=47)	35,1% (n=34)	3,1% (n=3)

Quadro 18 - Relacionamento com Professores, Colegas e Assistentes Operacionais

No que respeita ao “*comportamento na escola*”, 96,9% (n=94) dos alunos, consideram ter um comportamento adequado na escola. Os restantes alunos respondem que não, 3,1% (n=3) porque “Eu respondi não, porque tenho consciência que deveria chegar mais a tempo as aulas” (C53), “porque sinto me revoltado sem razão como se os professores tivessem culpa alguma” (C55) e “estar mais atento e concentrado” (C85).

Quanto a “*dificuldades em aprender*” (Quadro 19), 79,4% (n=77) dos inquiridos responde que não, 20,6% (n=20) responde que sim. Os alunos que respondem que sim apontam como motivos “Às vezes por certas dificuldades pessoais” (C14); “Em algumas matérias tenho dificuldades principalmente matemática” (C18), “Porque quando tenho dúvidas não as digo” (C29); “Desisto facilmente se sentir algum tipo de dificuldade ou dúvida” (C43).

Questão	Sim	Não	M	F
Dificuldades de aprendizagem	----	79,4% (n=77)	38	39
	20,6% (n=20)	----	6	14

Quadro 19 - Dificuldades de Aprendizagem

As “*disciplinas que consideram mais difíceis*” são Matemática, 53,6% (n=52); Físico-Química 51,5% (n=50) e História 41,2% (n=40), conforme registado no Gráfico 16.

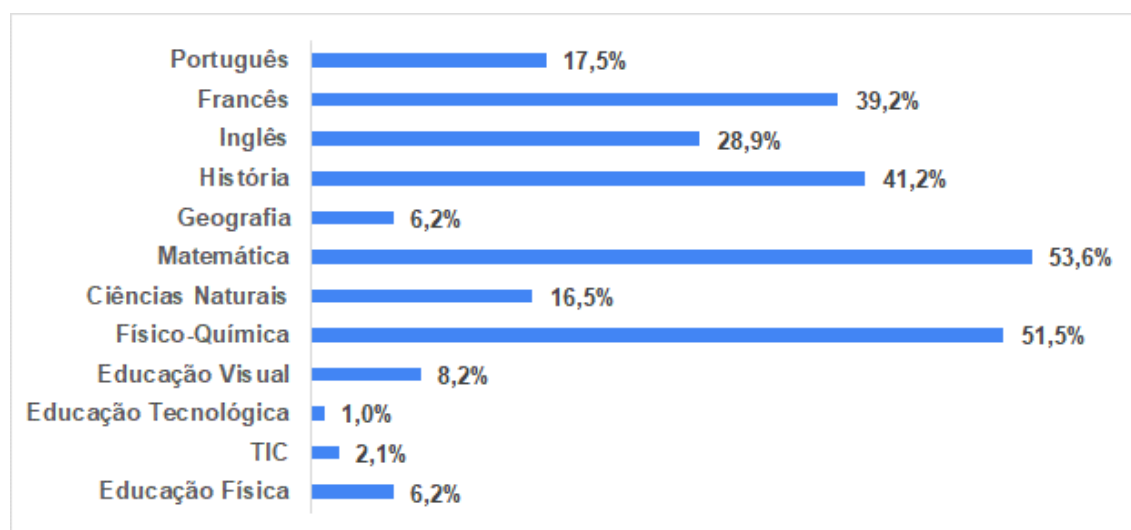


Gráfico 16 - Disciplinas mais difíceis no Ensino Geral

4.2.2.3. Trajetória Escolar

Na categoria “Trajetória Escolar” pretendemos conhecer eventuais retenções/reprovações e suas razões; possíveis interrupções e motivos para o regresso à escola.

Então, apurámos que 94,8% (n=92) dos alunos respondentes nunca ficaram retidos (Quadro 20).

Questão	Sim	Não	M	F
Retenções/reprovações	----	94,8% (n=92)	41	51
	5,2% (n=5)	----	3	2

Quadro 20 - Retenções/Reprovações

As retenções (Quadro 21), 5,2% (n=5) ocorreram durante a frequência do 1.º ciclo do ensino básico (um aluno no 1.º ano, dois alunos no 2.º ano, um aluno no 3.º e outro no 4.º ano).

Os motivos, são sobretudo (1) “não gostava dos professores”; (2) “não gostava de andar na escola”; (3) “tinha problemas familiares”; e (4) não tinha “amigos”.

Questão - Ano de retenção	M	F
1.º ano	--	1
2.º ano	2	--
3.º ano	1	--
4.º ano	--	1

Quadro 21 - Ano de Retenção

Ao longo do seu percurso escolar, 99,0% (n=96) dos alunos nunca interrompeu os seus estudos e 1 aluno não responde.

4.2.2.4. Escolhas e Expectativas Escolares

No domínio “Escolhas e Expectativas Escolares”, visamos saber as suas expectativas em relação ao ensino secundário; em relação à escola; intervenientes na sua escolha vocacional; tipologia de ensino que pretende prosseguir no 10.º ano, área/curso desejada e, ainda, no caso dos alunos que pretendem optar pelo ensino profissional se consideram mudar de estabelecimento de ensino, caso a escola não disponha do curso pretendido.

No Gráfico 17, constatámos que as “*principais expectativas em relação ao ensino secundário*” são: (1) Aprender sobre temas do meu interesse, 21,6% (n=63); (2) Adquirir novos conhecimentos e competências, 21,6% (n=63); (3) Ter boas qualificações para entrar no ensino superior 18,9% (n=55); e (4) Ser bem preparado para entrar no mercado de trabalho 15,8% (n=46); (5) Conhecer novos colegas, 11,0% (n=32); (6) Obter boas qualificações nos exames nacionais, 7,9% (n=23); (7) Conhecer novos professores 2,1% (n=6) e (8) Não tenho expectativas 1,0% (n=3).

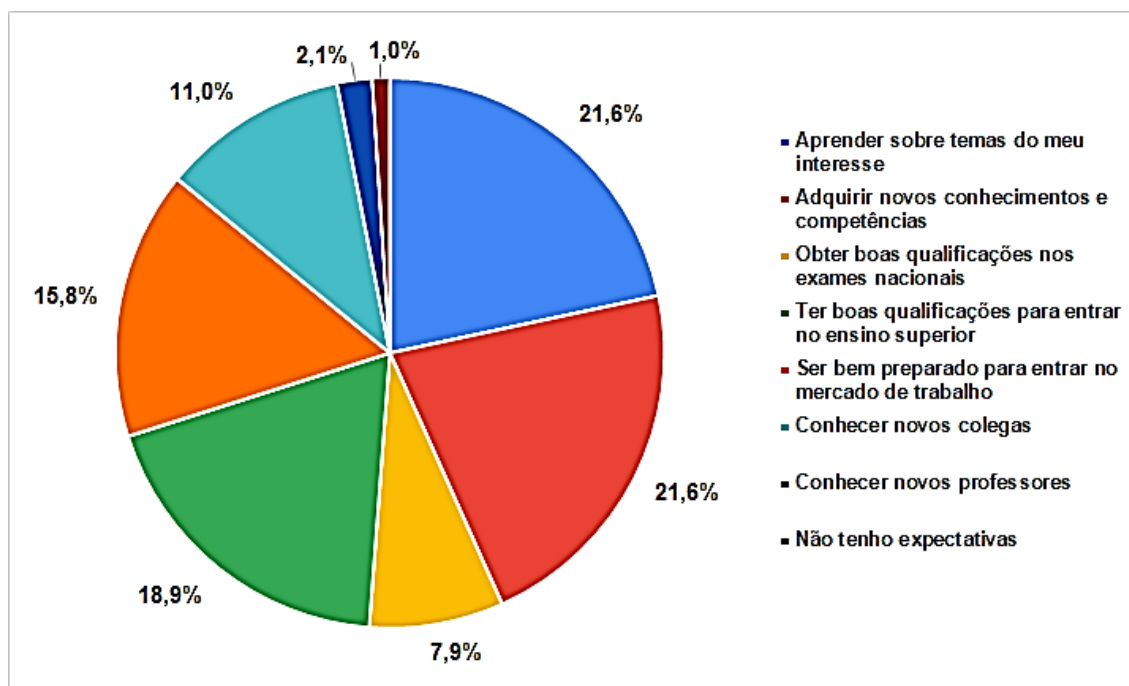


Gráfico 17 - Expectativas em relação ao Ensino Secundário

49,5% (n=48) dos alunos pretende continuar a frequentar a mesma escola. Dos 50,5% (n=49), que não pretendem fazê-lo, 22 apontam o facto de a escola não disponibilizar o curso pretendido e 24 apontam motivos diversos, como “buscar um ensino mais exigente” (C92), “um ambiente diferente” (C31, C40, C46, C66) ou, simplesmente, “pretender a mudança pela mudança” (C26, C28, C29, C64).

Na questão “qual a importância dos pais, irmãos, outros familiares, amigos/colegas, professores, diretor de turma ou psicólogo/a da escola nesta escolha?”, os alunos evidenciam, por ordem decrescente, Pais (n=65) e Irmãos (n=43), com muita importância; Professores (n=46), Diretor/a de Turma (n=46), Psicólogo/a (n=44), Amigos/Colegas (n=40), com alguma importância, conforme se constata no Gráfico 18.

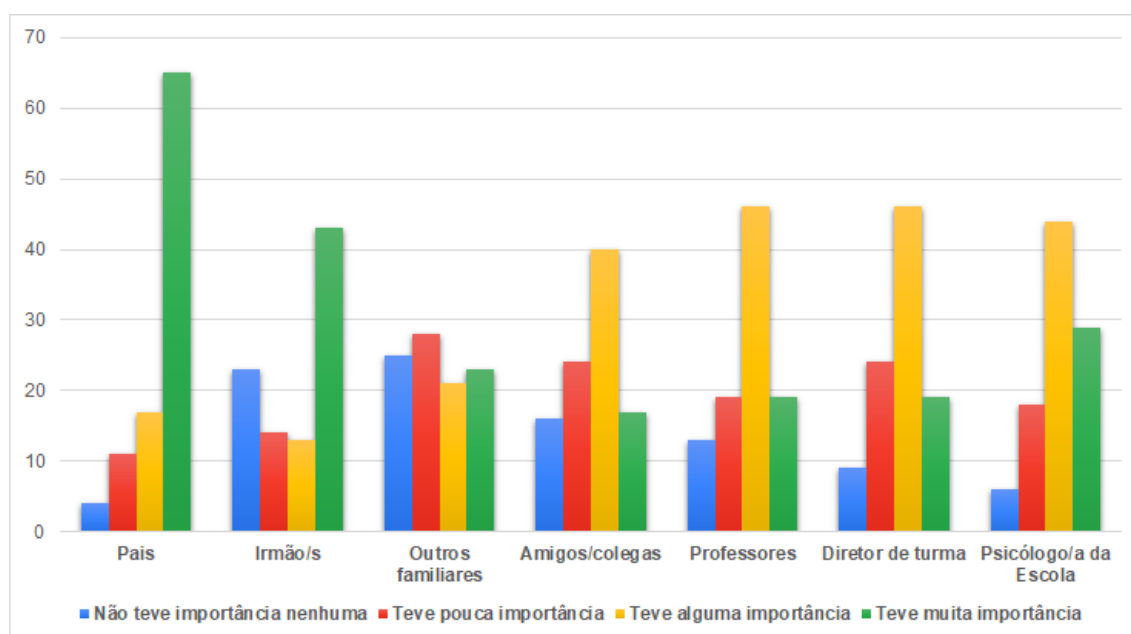


Gráfico 18 - Importância na Escolha Vocacional

Quanto à “tipologia de ensino pretendida para o Ensino Secundário” (Gráfico 19), 69,1% (n=67) dos alunos inquiridos pretende seguir os Cursos Científico-Humanísticos, 26,8% (n=26) pretende ingressar num Curso Profissional e os restantes ainda não sabem. No primeiro caso, 58,2% (n=39) dos alunos pretendem aceder ao Curso de Ciências e Tecnologias, 28,4% (n=19) ao Curso de Línguas e Humanidades, 7,5% (n=5) ao Curso de Artes Visuais, 4,5% (n=3) ao Curso de Ciências Socioeconómicas e 1 aluno não responde.

Os alunos que pretendem ingressar num Curso Profissional, mencionam como preferenciais a área da Saúde (C4, C8, C27, C47, C57, C82, C88, C91), da Mecatrónica (C18, C67, C79, C84, C85) e da Informática/Multimédia (C12, C77, C86, C95).

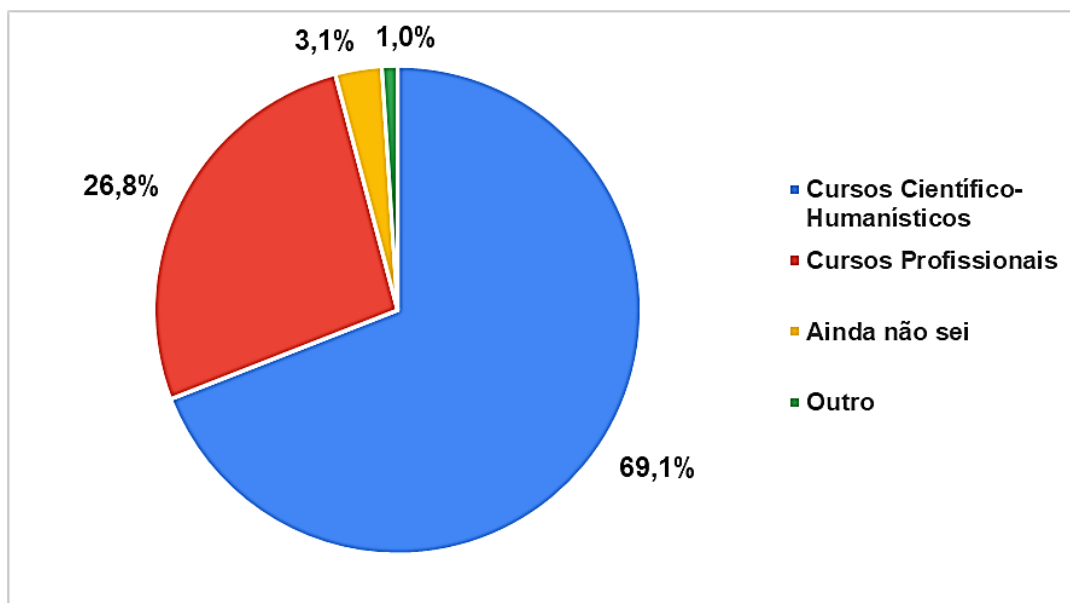


Gráfico 19 - Curso pretendido no Ensino Secundário

Se a escola não tiver o curso profissional pretendido, dos 26 alunos que pretendem seguir esta oferta formativa, 92,3% (n=24) considera mudar de estabelecimento de ensino. Os restantes não pretendem mudar.

4.2.2.5. O Ensino Profissional

Nesta categoria, foi pedido aos alunos que assinalassem o seu grau de concordância com um conjunto de afirmações relativas ao Ensino Profissional.

	DT %	D %	TD %	C %	CT %
Acho que os alunos dos cursos científicos-humanísticos têm mais oportunidades na entrada para o ensino superior.	5	8	20	46	21
Penso que o nível de exigência dos Cursos Profissionais é mais baixo que o dos cursos científicos-humanísticos.	7	28	25	27	13
Acredito que os alunos dos Cursos Profissionais têm mais facilidade em entrar no mercado de trabalho.	3	18	36	34	9
Acredito que os alunos dos cursos científicos-humanísticos ficam melhor preparados para a realização dos exames nacionais.	6	6	18	47	23

Penso que os alunos dos Cursos Profissionais estão mais motivados para estudar.	12	28	41	15	3
Penso que os alunos dos Cursos Profissionais estão mais motivados para começar a trabalhar.	2	10	36	39	12
A matéria que os alunos dos cursos científicos-humanísticos aprendem é mais útil para o futuro.	7	11	39	27	15
Os alunos dos Cursos Profissionais obtêm média mais elevada no final do ensino secundário.	6	25	52	11	6
Os estudantes dos cursos científicos-humanísticos ingressam neste tipo de ensino porque têm menos capacidades para estudar do que os alunos dos Cursos Profissionais.	33	31	31	3	2
Penso que os Cursos Profissionais têm um horário mais leve do que os cursos científico-humanísticos.	10	18	44	25	3
Penso que os cursos científicos-humanísticos têm um programa mais extenso e difícil do que os Cursos Profissionais.	4	13	28	42	12
Os alunos dos Cursos Profissionais conseguem melhores médias de secundário do que os dos cursos científico-humanísticos.	5	28	49	13	4
Os estudantes dos Cursos Profissionais foram mais apoiados na sua tomada de decisão pela escola.	13	28	43	13	12
Os estudantes dos cursos científico-humanísticos, em geral, tiveram menos reprovações no ensino básico do que os alunos dos Cursos Profissionais.	7	21	36	31	5
Os estudantes dos cursos científico-humanísticos são mais valorizados por parte dos familiares e amigos.	11	25	36	21	7
O nível de satisfação dos alunos dos Cursos Profissionais é mais elevado do que os dos cursos científico-humanísticos.	6	21	55	13	5
O sentimento de responsabilidade e autonomia é superior nos Cursos Profissionais.	9	20	37	30	4
As expectativas de futuro são mais negativas nos estudantes dos Cursos Profissionais.	12	35	33	18	2
Os conteúdos lecionados são mais específicos e úteis nos Cursos Profissionais.	6	18	42	25	9
Os alunos dos Cursos Profissionais escolheram este tipo de ensino porque não têm interesse em prosseguir os estudos.	9	16	32	31	11
Penso que os alunos dos Cursos Profissionais têm mais vantagens na procura de emprego depois do ensino secundário.	6	26	37	22	9

(DT - Discordo Totalmente; D – Discordo; TD – Tenho Dúvidas; C – Concordo; CT – Concordo Totalmente)

Quadro 22 - O Ensino Profissional

4.3. Entrevista

Nos pontos seguintes analisaremos, a partir do guião elaborado para este efeito (Anexo 6), cada uma das respostas obtidas, numa entrevista dirigida a um conjunto de 12 alunos, para cada uma das subquestões, nomeadamente: (1) Precusores da Escolha; (2) Caracterização do Curso; (3) Perspetivas para o Futuro e (4) Outras questões/assuntos não abordados.

4.3.1. Identificação dos participantes

Os alunos participantes (identificados pela letra B) encontravam-se a frequentar o 12.º ano dos Cursos Profissionais – 4 alunos do Técnico de Comércio e 8 alunos do Técnico de Restauração; 6 do sexo masculino e 6 do feminino, com idades entre os 17 e os 19 anos; 3 alunos já tiveram retenções/reprovações em algum momento do seu percurso escolar; 1 aluno tem aproveitamento “Muito Bom”; 7 tem “Bom” e 4 “Suficiente”; destes, 3 pretendem prosseguir estudos (Quadro 23).

Aluno	Sexo		Retenções	
	Masculino	Feminino	Sim	Não
B1		x		x
B2		x		x
B3		x		x
B4	x		x	
B5	x		x	
B6	x		x	
B7	x			x
B8		x		x
B9		x		x
B10	x			x
B11		x		x
B12	x			x

Quadro 23 - Caracterização dos alunos participantes nas entrevistas

4.3.2. Precursores da escolha

A categoria “Precursores da Escolha” prende-se com os fatores que influenciaram a opção por esta oferta formativa e visa conhecer as razões, os intervenientes, os momentos e as opiniões que conduziram a esta decisão.

	Operacionalização/questões	Respostas
PRECURSORES DA ESCOLHA	Quais foram as razões que determinaram a escolha de um curso de natureza profissional	<p>“era mais fácil para ter um emprego pois já tinha mais experiência, e para acabar o 12 ano.” B1</p> <p>“tentar obter melhor média do que em curso normal.” B2</p> <p>“a possibilidade de ter experiência de trabalho e a aquisição de novas competências.” B3</p> <p>“simplesmente porque achei que seria uma maneira mais facilitada de concluir o 12 ano.” B4</p> <p>“Eu queria o curso de informática, mas não tinha por isso decidi ir para restauração.” B5</p> <p>“Era uma profissão que eu gostava e que pretendia seguir então optei por entrar no curso profissional”. B6</p> <p>“Era para fazer o 12 ano.” B7</p> <p>“Para conseguir entrar na área de trabalho.” B8</p> <p>“ser mais fácil de entrar no mundo do trabalho e ter também mais oferta.” B9</p> <p>“para saber como funciona o mundo do trabalho.” B10</p> <p>“querer-me manter na mesma escola e das duas opções possíveis foi a que mais me cativou e também me dá possibilidade para a entrada no mundo de trabalho através dos estágios compatíveis.” B11</p> <p>“Foi pela conselheira escolar, que aconselhou a seguir o curso profissional de restauração.” B12</p>
	Quem foram os principais intervenientes que participaram na escolha. Quando ocorreu esta decisão?	<p>“o meu irmão sempre disse que gostou do curso profissional dele.” “No final do 9 ano.” B1</p> <p>“Foi um professor, ele contou me casos pessoais da sua família que seguiram Cursos Profissionais e depois prosseguiram os estudos” “No final do 1 período do 10 ano.” B2</p> <p>“Não tive nenhuma influência para a minha escola, tomei-a sozinha.” “Tomei esta decisão no final do 9 ano.” B3</p> <p>“Professores ... após a retenção no 10 no curso de humanidades, mudei de curso.” B4</p> <p>“Fui eu” ... “No nono ano.” B5</p> <p>“Eu” ... “No nono ano” B6</p> <p>“Os meus pais Quando me acabou o 9ºano foi a minha mae que me deu esta expectativa.” B7</p> <p>“Eu” ... “9ºano” B8</p> <p>“Os principais intervenientes fui eu própria ... 9ºano.” B9</p> <p>“Ninguém, foi uma decisão minha” “no fim do 9 ano letivo.” B10</p> <p>“A principal interveniente na minha escolha fui eu.” “A toma da minha decisão ocorreu nos finais do meu 9º ano.” B11</p>

		<p>“Foi a aconselheira ...No 9 ano, enquanto fazia as 200 perguntas reparei que estava a colocar bastante coisas relevada ao Curso.” B12</p>
	<p>Os cursos profissionais respondem a todo o tipo de alunos, os que têm grande sucesso escolar e os que têm dificuldades? Porquê?</p>	<p>“Sim, pois dão atenção a todos e mesmo os com mais dificuldade acabam por aprender e muitas vezes acabar por terem mais sucesso do que os que não tinham dificuldades nenhuma.” B1 “Sim, normalmente as pessoas acham que só os com dificuldades vêm para este tipo de curso, para ser uma forma mais fácil de acabar o secundário, mas também existe vários alunos com capacidades que preferem vir para estes cursos porque é algo que eles realmente gostam.” B2 “Sim, consigo ver isso pelo meu próprio exemplo, obtive sucesso. Porém sei que na minha turma também tem pessoas com dificuldades as quais por vezes ajudei. Ou seja, um curso profissional serve para qualquer tipo de alunos que se demonstre interessado por tal. Diferentemente dos tabus, pois normalmente diz se que só tem estudantes que não querem estudar mas não é verdade, conheci muita gente em Cursos Profissionais que seguiram estudos e que faziam o curso porque gostavam da área, e também já conheci pessoas que escolheram o curso por acharem mais fácil, o que não é verdade pois cada curso tem a sua dificuldade e quem se quer sair bem tem sempre de se esforçar, num curso profissional para além de se esforçar a estudar para ter boas notas, temos de nos esforçar no trabalho também, no estágio. É há alunos que se esforçam para isso e outros não, como acontece no ensino regular também.” B3 “na minha opinião sim, pois os que têm grande sucesso mesmo que depois queiram seguir estudos basta fazerem exames e podes seguir na mesma, e para os alunos que têm mais dificuldades é mais fácil terminar o 12 ano, pois não exige muito estudo.” B4 “Sim correspondem a todos alunos.” B5 “Sim pois o curso profissional é para nos preparar para uma profissão que gostemos.” B6 “Sim porque quem quer por exemplo seguir restauração pode ir para um curso.” B7 “Sim, porque podem querer optar por outras áreas de cursos e entrar no mercado de trabalho mais facilmente.” B8 “Sim, porque têm maiores ofertas em relação ao trabalho e a áreas a seguir.” B9 “sim, porque não é um curso para pessoas com menos capacidade, ou com mais capacidade.” B10 “Sim, os cursos respondem a todo o tipo de alunos, pois é um método que existe para nos preparar melhor para o mundo e numa área específica que gostemos.” B11 “Porque qualquer um pode fazer o curso, querendo apenas fazer o 12 ano ou seguindo para vida profissional.” B12</p>

Quadro 24 - Precursores da Escolha

4.3.3. Caracterização do curso

Neste ponto, “Caracterização do Curso”, importa aceder ao parecer dos alunos sobre o curso frequentado, os seus pontos fortes e pontos fracos, diferenças entre esta oferta formativa e os Cursos Gerais e a evolução das opiniões ao longo da respetiva frequência.

	Operacionalização/questões	Respostas
CARACTERIZAÇÃO DO CURSO	A frequência do curso correspondeu às tuas expectativas? Porquê?	“Não, eu esperava menos. Foi uma experiência bastante boa, tanto como colegas como professores que sempre nos ajudaram e fizemos várias atividades e simulações de venda.” B1 “Sim, quando vim para curso profissional estava á espera do pior, porque as pessoas de fora traumatizaram me, então quando cheguei estava com poucas expectativas, mas com o passar do tempo essas expectativas foram muito bem correspondidas.” B2 “Sim, de início as expectativas não eram muitas mas foram superadas. A minha adaptação ao curso e à turma foi boa, o que me ajudou a ter a certeza que fiz a escolha certa.” B3 “mais ou menos, pois eu não tinha grandes expectativas deste curso.” B4 “Sim o curso é bom para quem quiser aprender um pouco da área de restauração.” B5 “Não, gostava de ter maior frequência e aprender mais aprofundado sobre esta área.” B6 “Sim porque aprendi muito no que eu quero seguir.” B7 “Sim, porque aprendi coisas que não sabia que na área de restauração existiam.” B8 “Sim, porque aprendi mais do que pensava que poderia aprender sobre esta área.” B9 “sim, foi o que eu esperava.” B10 “A frequência do curso correspondeu às minhas expectativas, porque estava à espera de um curso que me preparasse para o mundo e me ensinasse teoricamente e prático.” B11 “Correspondeu, pois no meu caso é apenas para completar o 12 ano, mas pode haver quem queira seguir.” B12

<p>Quais são, na tua opinião, os pontos fortes e os pontos fracos do Ensino Profissional? (estrutura modular, Estágio, PAP, ...)</p>	<p>“Ponto forte o Estágio, pois prepara-nos para um dia trabalhar e não ser algo novo.” “Ponto fraco a PAP que acaba por ser muito stress.” B1</p> <p>“O ponto fraco, na minha opinião, é a carga semanal, apesar de muitos não o saberem o curso profissional tem uma carga semanal maior que os dos cursos normais, o que é mau por um lado porque normalmente temos muitos trabalhos para fazer por vezes nem tempo temos para nós. Já os pontos fortes são o estágio, com o estágio ganhamos uma noção de como é a vida depois da escola.” B2</p> <p>“Um dos pontos fracos é a carga semanal, por vezes é complicado geri-la, acho que, pelo menos no meu curso, poderiam alternar entre semanas de aulas e estágio, pois torna-se cansativas as aulas por as termos com muita frequência e termos uma grande carga semanal de aula, principalmente no 11.º ano. Um dos pontos positivos é sem dúvida a possibilidade de termos o estágio, ajuda-nos imenso na adaptação do mundo de trabalho e já vamos muito bem preparados para uma futura profissão.” B3</p> <p>“pontos fortes, são que arranjam trabalho nessa área mais facilmente, pois já temos a experiência de estágio. os pontos fracos é que podíamos estudar mais e ter um curso normal, pois ficávamos com trabalhos melhores etc.” B4</p> <p>“Os pontos fortes são o estágio que ensina nos a trabalhar em equipa com as pessoas pontos fracos são dependendo da Turma e de todo o resto acho que não a muitos pontos fracos.” B5</p> <p>“Pontos fortes é que saímos melhor preparados para o mundo do trabalho, acho o estágio bom pois assim vamos nos interagindo com o mundo e a PAP da para nos resumir tudo o que aprendemos e nos faz lembrar o que sabemos.” B6</p> <p>“No estágio os pontos fortes era servir os clientes os pontos fracos é de não fazer nada. “...“Na pap os pontos fortes é de estar a evoluir o meu trabalho todo e os pontos fracos é que o trabalho foi muito.” B7</p> <p>“Pontos fortes: um melhor conhecimento na área de curso que se está integrado. Pontos fracos: a reprovação na pap ficar com o 9ºano depois de ter trabalhado 3 anos no curso.” B8</p> <p>“Pontos fortes: maior conhecimento em relação a todos os aspetos do curso em que se permanece Pontos fracos: ter três anos de curso e ter a possibilidade de ficar sem eles por causa da pap no final do ano.” B9</p> <p>“as coisas mais complicada é mesmo a PAP, é um trabalho que tem que ser feito com muita cabeça.” B10</p> <p>“Os pontos fortes é o estágio, a PAP, como pontos fracos por vezes calha a atitude da turma que interfere no nosso ensino e forma de aprendizagem.” B11</p> <p>“Na minha opinião o único ponto fraco é caso um dia queira seguir outro curso <i>profissional</i> pode não conseguir.” B12</p>
--	---

<p>Que diferenças encontras entre estes cursos e os cursos gerais?</p>	<p>“Acaba por não ser tão puxado. E várias pessoas julgam os de curso profissional sem motivo.” B1 “O nível de exigência entre um e outro.” B2 “A maior diferença para mim é o facto de nos Cursos Profissionais termos uma formação em contexto de trabalho e nos cursos gerais, torna-se tudo muito teórico e as experiências de trabalho são poucas e a preparação para um trabalho futuro também.” B3 “cursos gerais exige muito estudo, Cursos Profissionais exige pouco estudo, ou ate mesmo nenhum estudo.” B4 “Neste curso profissionais podes estudar a área que queres nos outros curso sem ser profissionais não tem assim muita opção além da saída de trabalho que podemos ter.” B5 “É um curso que tem mais prática enquanto os gerais é mais teórica.” B6 “É estagiar.” B7 “Exige mais sabedoria.” B8 “Algumas das diferenças é que num curso profissional é preciso ter mais responsabilidade e disciplina, por causa da quantidade de trabalhos a gerir e tarefas.” B9 “nos cursos profissionais temos estagio e temos a PAP, nos cursos gerais temos os Exames.” B10 “A diferença que notei é que é muito mais aprofundado e preparativo.” B11 “A diferença principal, é não ir trabalhar mal acabe o 12 ano, e ter que tirar outro curso a mais.” B12</p>
<p>A tua opinião / atitudes face ao curso mudaram ao longo da sua frequência?</p>	<p>“Sim, pois no inicio achava que não me ia dar grandes benefícios, mas fui vendo que me preparou para trabalhar em qualquer mercado, como estagiária aprendi muito, tive boas e más experiências. E o curso acabou por me surpreender muito pois tinha muito medo e insegurança de não me encaixar em nenhum tipo de mercado e não ser boa o suficiente, mas surpreendentemente acabei por gostar e me “encaixar.” B1 “Sim.” B2 “Não, nada mudou. Sempre mantive o meu empenho.” B3 “Não.” B4 “Sim mudaram.” B5 “Sim, comessou a ficar mais rigoroso e nós fomos aprendendo mais.” B6 “Nao desde do 10 ano ate ao 12 ano continuou sempre igual.” B7 “Não!” B8 “Sim, estava bastante entusiasmada no 10º ano mas depois como já trabalhava apanhei locais de trabalho menos bons e comecei a não gostar tanto da área. B9 “alteraram ligeiramente.” B10 “A minha opinião e atitudes mudaram pelo lado positivo, pois me mostrou que realmente os cursos profissionais exigem o seu esforço tanto ou mais que nos gerais.” B11 “Mudou, no início eu estava empolgado no entanto no estágio não gostei muito e mudei de opinião.” B12</p>

	Se pudesses voltar atrás farias a mesma escolha?	<p>“Sim faria, o curso que queria não há nesta zona, logo seria impossível fazer o que realmente queria, então acho que o curso de comércio foi sem dúvida a melhor escola.” B1</p> <p>“Sim, até faria mais cedo.” B2</p> <p>“Sim, faria a mesma escolha, não me arrependo pois adaptei me bem ao curso, às aulas e adquiri muita experiência profissional em contexto de trabalho.” B3</p> <p>“talvez não.” B4</p> <p>“Em princípio sim.” B5</p> <p>“Sim pois é uma área que gosto.” B6</p> <p>“Sim.” B7</p> <p>“Faria.” B8</p> <p>“Se pudesse voltar atrás faria a mesma escolha, porque não tenho possibilidades financeiras para poder mudar me para o Porto para tirar o curso que gostaria no início do 10º ano.” B9</p> <p>“Sim.” B10</p> <p>“Se pudesse voltar atrás, faria a mesma escolha para um curso profissional, seja este curso ou outra área.” B11</p> <p>“Provavelmente eu iria para comércio, para poder experimentar essa área pois parece algo interessante.” B12</p>
--	--	--

Quadro 25 - Caracterização do Curso

4.3.4. Perspetivas para o futuro

A categoria “Perspetivas para o Futuro” visa explorar de que forma estes alunos equacionam o seu futuro escolar e profissional, o que pretendem fazer após a sua conclusão, qual o contributo da frequência do curso para esse futuro e, ainda, conhecer os conselhos que dariam a um jovem que se encontrasse a concluir o 9.º ano. Aferimos que:

	Operacionalização/questões	Respostas
PERSPETIVAS PARA O FUTURO	O que pensas fazer depois de concluir o curso?	<p>“Arranjar um trabalho para poder tirar o curso de tatuagens.” B1</p> <p>“Um dos meus objetivos é prosseguir os estudos, mas neste momento não tenho tantas certezas.” B2</p> <p>“Depois de concluir o curso pretendo fazer outro tipo de cursos para adquirir mais conhecimentos sobre outras áreas também.” B3</p> <p>“Trabalhar.” B4</p> <p>“Acabar o 12 ano.” B5</p> <p>“Entrar na faculdade e continuar a aprender de restauração.” B6</p>

		<p>“Ir me candidatar para a tropa e depois me candidatar para a gnr.” B7</p> <p>“Trabalhar.” B8</p> <p>“O que penso fazer é trabalhar e poder tirar formação que quero, que é auxiliar de crianças.” B9</p> <p>ir trabalhar para a area do curso.” B10</p> <p>“Depois de concluir pretendo tirar uma formação, e enquanto isso aproveitar este curso e trabalhar nesta área.” B11</p> <p>“Ir trabalhar para fora do país, para poder ganhar o meu e ter uma vida.” B12</p>
	<p>Pensas que este curso contribuirá para o teu futuro profissional? De que forma?</p>	<p>“Sem dúvida que sim, preparou-me tanto fisicamente como psicologicamente para o “mundo” do mercado, mesmo não sendo o que quero para a minha vida, o curso ajuda-me para ter um trabalho e assim realizar o que quero para a minha vida. Além disso aprendi tudo o que podia saber sobre empreendedores.” B1</p> <p>“Sim, com este curso encontrei um novo “amor”, que é vender, então sei que futuramente é algo que gostaria de fazer.” B2</p> <p>“Sim, e muito. Já pude ter essa percepção este ano, pois, no ano passado estagiei numa das lojas da Sonae e adquiri muitos conhecimentos que posso aplicar em qualquer outra loja da Sonae ou em qualquer tipo de superfície comercial. Este ano estou a estagiar no Continente, pertencente também à Sonae e logo no primeiro dia comecei a adaptar me bem e já consegui exercer as minhas funções sem praticamente ajuda nenhuma.” B3</p> <p>“penso que sim, pois ja tenho alguma experiencia nos supermercados, pois ja tive estagio 3 vezes e isso faz com que a experiencia ajude no trabalho futuro.” B4</p> <p>“Sim por causa do trabalho acho que posso ter várias saídas com este curso B5</p> <p>“Sim pois me esta a preparar para o mundo do trabalho.” B6</p> <p>“Sim para as vezes se quiser entrar para um restaurante.” B7</p> <p>“Sim, em como conclui um curso profissional e posso entrar mais facilmente para o trabalho pretendido na área da restauração.” B8</p> <p>“Penso que sim, porque a área de restauração é uma área com bastante concorrência e uma área que há sempre trabalho.” B9</p> <p>“sim, da forma de arranjar um emprego mais rapido relativo a esta área.” B10</p> <p>Penso que contribuirá para o meu futuro, principalmente no meu primeiro trabalho, contribuirá de forma positiva no meu futuro profissional.” B11</p> <p>“Pode contribuir sim, acho que aumentou a sociabilidade com as pessoas.” B12</p>
	<p>Que conselhos darias a um jovem que se encontre a concluir o 9º ano?</p>	<p>“Para fazer e seguir o que gosta, não ser influenciado por nada nem ninguém, não ir para algo só porque todos os amigos vão, e se tiver a mesma complicação que eu em não poder seguir o que queria, ir para um curso que o vai ajudar a preparar para o futuro.” B1</p> <p>“pensa muito bem antes de entrares nos cursos normais e estuda mais os profissionais.” B2</p> <p>“Se não tiveres a certeza do que seguir, escolhe um curso profissional, as variedades são muitas, embora que na minha escola hajam apenas dois, há muitas outras escolas com outros cursos, há cursos para todos os gostos. O beneficio é que ao escolher um curso profissional que se goste e</p>

	<p>que nos consigamos empenhar, há grandes probabilidades de ficarmos a trabalhar naquele setor, e com os estágios podemos adaptar nos bem a um futuro trabalho e adquirir muitas experiências, por vezes até adquirimos experiências que nos ajudam não só profissionalmente mas também na vida pessoal...e se nos estágios nos esforçarmos e nos dermos bem no trabalho, podemos ficar lá a trabalhar depois de concluir o nosso curso.“ B3</p> <p>“para fazer pelo menos um curso profissional pois ficava com o 12 ano e mais facilitado de arranjar emprego, pois fica com o diploma de curso.“ B4</p> <p>“Para ele escolher o que gosta se mais de um curso ou normal.“ B5</p> <p>“Para ele escolher o que goste mais.“ B6</p> <p>“Ir para o curso de restauração mas ao inicio era dificil mas depois habituei me bem.” B7</p> <p>“Se quiser seguir regular terá disciplinas que requerem mais sabedoria e são aprofundadas. Já um curso profissional requer na mesma sabedoria mas são disciplinas mais fáceis e os professores ajudam os alunos para que eles obtenham boas notas.“ B8</p> <p>“Os conselhos que daria seria para que eles pensassem bem na escolha deles e se realmente quiserem seguir um curso para seguirem não para acabar o 12º ano mas por gostar realmente daquela área.“ B9</p> <p>“pensar bem no que ia escolher, porque pode ser o futuro dele.“ B10</p> <p>“O conselho que daria a um jovem do 9º ano, seria sem dúvida seguirem um curso profissional na área que achem que se identifiquem, caso vejam que não se identificam tanto, acaba por ser uma mais valia para os mesmos.“ B11</p> <p>“Eu diria que mesmo que não seja essa a área que irão prosseguir, é uma área que se sai bastante preparado e com várias saídas no futuro.“ B12</p>
--	--

Quadro 26 - Perspetivas para o Futuro

Da análise das várias categorias e subcategorias percebemos que:

1. As razões apontadas para a escolha de um curso profissional, têm a ver com: (a) possibilidade de concluir mais rapidamente o 12.º ano (B1, B4, B7); (b) permitir a aquisição de novas competências (B3); (c) obter experiência de trabalho (B1, B3, B10); (d) entrar mais facilmente no mercado de trabalho (B8, B9, B11); (e) obter melhor média final de curso (B2).
2. A opção pelo curso profissional resulta, sobretudo de: (a) decisão pessoal (B3, B5, B6, B8, B9, B10, B11); (b) influência dos pais (B7); (c) influência dos professores (B2, B4); (d) irmão (B1); e (e) orientação da psicóloga (B12).
3. Na maior parte dos casos, a decisão pela frequência de um curso profissional ocorreu durante e no final do 9.º ano (B1, B3, B5, B7, B8, B9, B10, B11, B12). Em dois casos, já durante o 10.º ano (B2, B4) e num caso no 8.º ano (B6).
4. Todos os alunos consideram que os Cursos Profissionais respondem a todo o tipo de alunos alegando que os cursos não se dirigem a pessoas com mais ou menos capacidades, mas para alunos que pretendem uma preparação para uma profissão (B6, B7, B8, B9, B11, B12) e uma maior facilidade no acesso ao mercado de trabalho. Acrescentam que todos os alunos recebem atenção e mesmo os que têm dificuldades acabam por aprender e ser bem-sucedidos (B1). Mais, há alunos com capacidades que ingressam nestes cursos por gosto (e.g. B2, B11), e ainda, que os que têm dificuldades conseguem concluir o 12.º ano com maior facilidade (B1) e os que têm grande sucesso escolar podem, igualmente, prosseguir estudos (B3, B4).
5. A totalidade alunos respondem que o curso correspondeu às suas expectativas, justificando que aprenderam muito sobre a área do curso. Em alguns casos, ultrapassou as expectativas dado a ideia inicial que lhes tinham transmitido sobre esta oferta formativa; 2 alunos respondem “sim” e “mais ou menos”, porque, no primeiro caso, gostaria de ter aprofundado mais a aprendizagem na área e, no segundo, não tinha grandes expectativas em relação ao curso.

6. Como pontos fortes são apontados o estágio que ensina a trabalhar em equipa e prepara para o mundo de trabalho e a consequente facilidade em arranjar trabalho e a PAP que leva a resumir e a relembrar tudo o que aprenderam. Como pontos fracos apontam a carga horária excessiva, acrescida da quantidade de trabalhos a realizar e a PAP, por ser muito trabalhosa, causar muito stress e poder comprometer a conclusão do 12.º ano. Ainda afirmam que podem constituir pontos fracos a constituição da turma, o facto de não poder tirar outro curso profissional na sequência deste e se estudasse mais (num curso geral), podia obter melhores trabalhos.
7. A diferença que encontram entre estes cursos e os cursos gerais assenta no nível de exigência, que não é “tão puxado” (B1) nos Cursos Profissionais. Os cursos gerais exigem mais estudo (B2, B4), são mais teóricos (B6), proporcionam poucas experiências de trabalho (B3), assim como pouca preparação para o trabalho futuro (B3). Os Cursos Profissionais são mais práticos (B6), aprofundados (B11), exigem mais sabedoria (B8), responsabilidade e disciplina para gerir trabalhos e tarefas (B9). Preparam mais porque permitem estudar uma área de trabalho e incluem a Formação em Contexto de Trabalho (B3, B7).
8. As suas opiniões/atitudes face ao curso mantiveram-se ou melhoraram, ao longo da sua frequência porque puderam aperceber-se dos benefícios da frequência desta oferta formativa. O curso começou a ficar “mais rigoroso” (B6) e as aprendizagens a serem maiores e permitiu constatar que a frequência de Cursos Profissionais exige tanto ou mais esforço que a dos gerais (B11). Em dois casos, mudaram no sentido negativo por não terem gostado das experiências de estágio (B9, B12).
9. A maior parte dos alunos faria a mesma opção se pudesse voltar atrás mesmo que optassem por outra área de formação (B1, B2, B3, B5, B6, B7, B8, B9, B10, B11).
10. Depois de concluir o curso a maior parte dos alunos pretende começar a trabalhar (B1, B4, B7, B8, B9, B10, B12) dos quais 2 pretendem obter outra formação em simultâneo – tatuagens (B1), auxiliar de crianças (B9), 3 prosseguir estudos a nível superior (B2, B6, B11).

11. Todos os alunos respondem afirmativamente, quando questionados se este curso contribuirá para o seu futuro profissional, pela preparação adquirida, através dos estágios, para o mundo de trabalho (inclusivamente a nível de sociabilidade).
12. Como conselhos para jovens que tenham concluído o 9.º ano, sugerem, essencialmente, que pensem bem e sigam o que gostam. Estudarem bem os Cursos Profissionais (as variedades são muitas) antes de tomar uma decisão. Na via das dúvidas, escolher um curso profissional, mesmo que não seja na sua área preferencial, a frequência de um curso profissional é uma mais-valia para o futuro (B11, B12). O benefício é que, ao escolher um curso profissional, é possível adquirir experiências, nomeadamente através da Formação em Contexto de Trabalho, que ajudam não só profissionalmente, mas também a nível pessoal. Além disso, há grandes probabilidades de ficar a trabalhar naquele setor e se se esforçarem nos estágios e se derem bem no trabalho, podem ficar a trabalhar na entidade de acolhimento depois de concluir o curso.

CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo fazemos a síntese interpretativa dos principais resultados do estudo, cuja finalidade passa por perceber e compreender as motivações e expectativas que levam os alunos a optar por esta via de ensino e, desse modo, contribuir para iluminar as situações/problemas que estão frequentemente associadas ao Ensino Profissional, pese embora o reconhecimento da mais valia dos Cursos Profissionais na promoção do sucesso escolar e da confiança num projeto de vida mais ligado aos desafios das novas sociedades (Alves, 2019; Azevedo, 2019, 2020; Bernardo, 2020; Costa, 2019; Damásio, 2019; OCDE, 2020; T. Rodrigues, 2021a, 2021b). Disso, nos dão conta as taxas de sucesso verificadas ao longo dos anos – conforme relatório "Situação após 3 anos dos alunos que ingressam nos Cursos Profissionais", DGEEC, 2021, segundo o qual, a percentagem de alunos que conclui os Cursos Profissionais em três anos tem vindo a aumentar. Entre os alunos que ingressaram nesta oferta educativa em 2012/2013, verifica-se que 53% concluíram o ensino secundário no tempo normal, portanto até ao final de 2014/2015. Entre os alunos que ingressaram em 2017/2018, a percentagem análoga de conclusão em três anos subiu para 65%.

A pensar nesta realidade e tendo em atenção os resultados aferidos neste trabalho de investigação, com a concretização da análise documental, dos questionários, das entrevistas e da nossa experiência e observação livre (Soares et al., 2011; Mónico et al., 2017), enquanto docente nestes ciclos de estudos, procuramos, assim, identificar os pontos convergentes e divergentes da perceção dos alunos do Ensino Profissional e os do Ensino Geral. No concreto, é pelo recurso à triangulação de dados (Decrop, 2004) que reunimos, agora, condições para a discussão dos resultados.

Numa primeira apreciação geral, percebemos não existirem grandes diferenças entre os grupos de alunos dos dois cursos – Ensino Profissional e Ensino Geral. Circunstância que parece indicar uma perspetiva mais positiva destes em relação ao Ensino Profissional e à possível desconstrução de alguns estigmas associados aos Cursos Profissionais e aos alunos que os frequentam. A investigação contemporânea remete-nos, ainda, para a necessidade de derrubar velhos estereótipos a favor de uma nova linha de pensamento. Os Cursos Profissionais continuam a poder sustentar a sua valorização social sobre dois

esteios centrais, a saber, o sucesso escolar e a empregabilidade dos jovens que qualifica, elementos sobre os quais deve continuar a repousar a credibilidade destes cursos (CNE, 2021).

O EFP é um facilitador da inovação e uma base essencial para o crescimento verde, digital e sustentável. Aumenta a resiliência dos países à crise, desenvolve oportunidades de qualidade de aprendizagem ao longo da vida para todos os cidadãos e transforma os desafios digitais e verdes em forças motrizes que são capazes de reconciliar a recuperação sustentada, a sustentabilidade ambiental e a distribuição justa dos benefícios do crescimento entre todos os cidadãos e sociedades. (Declaração de Osnabrück, 2020)

Ressalta da nossa investigação uma maior compreensão e um maior reconhecimento pelos Cursos Profissionais. Os grupos de alunos inquiridos, reconhecem as potencialidades destes cursos e sobretudo a possibilidade de acesso a um projeto de vida mais articulado e sustentado nos seguintes fatores:

- Oportunidade para concluírem um dado ciclo de estudos;
- Proximidade ao mercado de trabalho;
- Maior proximidade dos alunos aos professores e dos professores aos alunos;
- Bom ou Muito Bom relacionamento com professores, colegas e outros elementos da comunidade educativa;
- O recurso por parte dos professores a metodologias mais interativas;
- A inexistência de um perfil de aluno EP por comportamentos disruptivos e/ou por retenções;
- Os conteúdos das aulas são mais práticos e direcionados para uma profissão;
- Utilidade e ligação da escola ao mercado de trabalho através de estágios;
- Experimentação, em tempo útil, do aprendido, em diferentes instituições e áreas de trabalho;
- As expectativas à saída acima das iniciais.

Fundamentos habitualmente citados quer nos referenciais normativos (Decreto-Lei n.º 26/89, de 21 de janeiro), enquanto alternativa ao Ensino Geral,

“visando proporcionar aos jovens a preparação para a vida ativa, através de modalidades alternativas ao sistema formal de ensino, numa perspetiva de aproximação entre a escola e o mercado de trabalho, possibilitando a sua inserção no mesmo ou prosseguimento de estudos” (Barbosa et al., 2019), e

para garantir a sequência de estudos e certificados profissionais, quer aos jovens que permanecem no sistema escolar quer aos que, por razões diversas, decidem abandonar tal sistema, mas desejam preparar-se para a vida ativa, através de esquemas de aprendizagem a desenvolver numa interação entre a escola e o mundo do trabalho (Despacho Normativo n.º 194-A/93, de 21 de outubro),

quer na literatura específica (Azevedo, 2019; Esteves & Branco, 2018; Gonçalves & Martins, 2008).

O Ensino Profissional é, de facto, “uma modalidade de aprendizagem mais prática e experimental, mais integrada entre teoria e prática, escola e trabalho, disciplina e projeto, uma formação mais ligada aos contextos de vida, qualificação essa que nunca impediu o prosseguimento de estudos para aqueles que o desejassem realizar” (Azevedo, 2019, p.17). Perspetiva reconhecida por 43,3% alunos do 9.º do EG quando “concordam” (EG=33) e “concordam totalmente” (EG=9) com a afirmação de que os alunos dos Cursos Profissionais “têm mais facilidade em entrar no mercado de trabalho” e por 51,5% quando “concordam” (EG=38) e “concordam totalmente” (EG=12) que os mesmos alunos “estão mais motivados para começar a trabalhar”.

O Ensino Profissional, para além da dimensão de preparação técnica para o início da vida profissional ativa numa determinada ou em determinadas saídas profissionais, caracteriza-se por ser uma resposta muito eficiente no desenvolvimento destas competências (pessoais e sociais) cada vez mais necessárias para a capacitação dos nossos jovens para o início de uma vida ativa que se quer de sucesso profissional e de inclusão efetiva. (G. Silva, 2020, p. 433).

Na prática, Guimarães (2021) confirma: “A motivação, a proatividade, a capacidade crítica de decisão, as *soft skills* que trazem ajudam a que o desempenho dos alunos do Ensino Profissional seja tão bom ou melhor do que o dos outros alunos.” Santos (2022) reforça a importância das *soft skills*, os *quatro C*: a capacidade de comunicação, a capacidade de colaboração, pensamento crítico e o pensamento criativo e, vai mais longe, acrescentando um quinto C, que é o da confiança.

Assim, a ideia que lhe está subjacente é que o EP segue uma lógica diferente, porquanto proporciona aos estudantes uma educação e formação articulada entre a teoria e a prática e desse modo “aprendizagens diversificadas, de acordo com os seus interesses, em linha com o prosseguimento de estudos ou a inserção no mercado de trabalho” (Preâmbulo da Portaria n.º 235-A/2018, de 23 de agosto).

A escolha vocacional é um processo complexo que engloba uma série de decisões (Pereira & Carvalho, 2021) e exigente que envolve fatores – internos: características individuais dos sujeitos e externos: nível socioeconómico, classe social, oportunidades profissionais ou de emprego, família e grupo de pares (Imaginário, 1997; Grings & Jung, 2017; J. Silva, 2004). Constata-se a necessidade de orientação que, regra geral, acontece no seio familiar - Pais (EP=51,8%;29 e EG=67,0%;65) e Irmãos (EP=39,3%;22 e EG=44,3%;43) – complementada pela escola (e.g. Diretor de Turma, Professores, Psicóloga), como identificámos das respostas dadas pelos alunos do Ensino Geral.

“O Ensino Profissional, por vir sendo crescentemente escolhido como uma primeira opção de escolaridade, por parte de um cada vez maior número de jovens, possui condições favoráveis ao desenvolvimento e assunção dos valores, atitudes, comportamentos e novas naturezas de competências” (Penim, 2021), o que pode constatar-se pela média de idades (17 anos) dos alunos que se encontram a frequentar o 10.º, 11.º e 12.º anos do EP.

Na verdade, os dados convergem no sentido de que a motivação para a opção por um curso profissional reside, na maioria das vezes, na dinâmica e na natureza dos processos de ensino e de aprendizagem desenvolvidos neste ciclo de estudos, porque associados a estratégias e metodologias de ensino e de aprendizagem ativas. O trabalho realizado com base na metodologia do projeto, por exemplo, permite a participação de todos, construindo saberes em ritmos de aprendizagem diferentes e o saber em ação, potencializando o trabalho colaborativo, uma vez que

os projetos o cruzamento de saberes e de competências. (Orvalho et al., 2021, p.67). Os alunos do Ensino Profissional afirmam que “as aulas são mais interessantes”, 64,3% (n=36), os conteúdos das aulas são mais práticos e direcionados para uma profissão, 80,4% (n=45). Donde resulta, um “Bom” e “Muito Bom”, 76,8% (n=43) relacionamento entre alunos e professores no Ensino Profissional, bem como uma maior proximidade à comunidade e às instituições, 73,2% (n=41). Estes alunos valorizam as dinâmicas utilizadas, desde as visitas de estudo, 83,9% (n=47), os trabalhos de projeto, 78,6% (n=44), bem como, as práticas simuladas, 75,0% (n=42) e a Formação em Contexto de trabalho, 91,1% (n=51) que permitem pôr em prática os conhecimentos adquiridos. Aspetos valorizados pelos alunos para/na frequência de um Curso Profissional e que correspondem ao âmbito, princípios e finalidade dos Cursos Profissionais, enquanto alternativa ao Ensino Geral.

Mais, os alunos do Ensino Geral referem que, no Ensino Profissional, os alunos são coautores do seu processo de aprendizagem “os conteúdos lecionados são mais específicos e úteis do que no Ensino Geral”, 34,0% (n=33), processo que lhes possibilita “experimentar um sentimento de responsabilidade e de autonomia”, 34,0% (n=33).

A relevar, ainda, o facto de os alunos do Ensino Profissional considerarem que as suas notas melhoraram, 78,6% (n=44) com a frequência deste tipo de ensino, o que nos permite concluir que muitos alunos encontram nesta Oferta Formativa caminhos alternativos de sucesso relativamente ao Ensino Geral e maior participação no seu processo de aprendizagem.

Em 2019, Azevedo, reforçava a ideia de que os alunos têm de ser, cada vez mais, protagonistas nas escolas e nos cursos. Ou seja:

os jovens precisam de ambientes muito positivos de aprendizagem, que fomentem a motivação e o trabalho constante e dinâmico, ambientes de trabalho sério, de autonomia, esforço e alegria, que promovam a aquisição permanente de conhecimentos e de competências para a vida, ambientes colaborativos e de incentivo mútuo, que desafiem os jovens para a compreensão do mundo que os rodeia e para a vontade e determinação de nele intervir de modo inovador e sempre para o melhorar. (pág. 324)

E assim, potencializar a aprendizagem autêntica (Azevedo, 2011, p.134) e, dessa forma, o desenvolvimento humano pleno. Neste plano, ganha enfoque o recurso às inteligências múltiplas (Gardner et al., 2010) e a partir delas a possibilidade para adquirir as competências necessárias (PASEO) para fazer face aos desafios da sociedade atual. Neste processo, o professor é o guia para os seus alunos, levando-os a pensar e a dedicarem-se à aprendizagem, tornando-os, desta forma, mais críticos, participativos e conscientes (Glasser, 1998, p.218-262). Então, o papel do educador pode ser entendido como um facilitador, alguém que prepara o terreno para o desenvolvimento do saber (Freire, 2011, p.25).

O desafio é enorme, mas possível, disso nos dão conta as taxas de sucesso já referidas e que resultam do desempenho dos alunos e dos professores que paulatinamente geram a vontade para projetos futuros, quer de natureza académica (EP=46,4%;26) quer no quadro da profissão que aspiram vir a abraçar (EP=60,7%;34). No que respeita ao prosseguimento de estudos dos alunos do Ensino Profissional, trata-se de uma conquista recente, já que no passado o acesso ao ensino superior implicava a realização de exames nacionais.

Em 2018, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico – OCDE, destacou a importância da adaptação do sistema de acesso ao Ensino Superior à diversidade de estudantes provenientes do ensino secundário, independentemente de concluíram a via científico-humanística, um curso profissionalizante ou um curso artístico especializado. E, em 2020, o Decreto-Lei n.º 11/2020, de 2 de abril, cria concursos especiais de ingresso no ensino superior para os estudantes que tenham concluído o nível secundário de educação através das vias profissionalizantes e de cursos artísticos especializados, o que vem "reequilibrar a igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior".

E, nas palavras do atual Ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, “O Ensino Profissional constitui um motor do desenvolvimento do nosso sistema educativo, proporcionando um conjunto de percursos formativos que têm de ser diversificados, mas ajustados aos diferentes perfis dos nossos jovens” (2021b).

CONCLUSÕES

A nossa experiência de mais de 20 anos ao serviço da Educação e Formação Profissional, tendo lecionado Cursos Tecnológicos, Cursos Técnico-Profissionais, Cursos de Educação e Formação e, nos últimos anos, Cursos Profissionais no Agrupamento de Escolas de Pinheiro, levam-nos a querer compreender as motivações e expectativas que levam os alunos a optar pela frequência do Ensino Profissional.

Nesta etapa, os estereótipos sociais acerca do perfil dos estudantes que optam por Cursos Profissionais ou por Cursos Científicos-Humanísticos assumem ainda grande relevância. Efetivamente, o Ensino Profissional tende a ser socialmente percebido como mais fácil e, por associação, surge a tendência para se considerar que os estudantes que o frequentam possuem um histórico de insucessos – absentismo, indisciplina, retenções - fatores a que se associam a gostarem menos de estudar e/ou serem pessoas menos capazes.

A revisão da literatura dá-nos conta de uma imagem social a melhorar, fruto da “fraca reputação” (OCDE, 2018) em que o Ensino Profissional ainda se vê envolvido, como um tipo de ensino destinado a alunos com um menor desempenho escolar no Ensino Geral, predominantemente oriundos de meios mais desfavorecidos. O Ensino Profissional está associado, por tradição, a uma oferta formativa pouco positiva, procurado maioritariamente por alunos pouco motivados pelo estudo e pela própria escola, mas também na convicção de que se trata de uma via de ensino “mais facilitadora para a concretização da escolaridade obrigatória correspondente ao 12.º ano”.

Será esta uma escolha resignada ou a alternativa para a construção de um projeto de vida saudável e sustentável?

Neste capítulo apresentam-se as conclusões do nosso estudo, que procura responder à questão central que norteou toda a investigação: *Quais as motivações e expectativas que levam os alunos a optar pela frequência do Ensino Profissional?*

Para esse efeito, delineámos um conjunto de subquestões que balizaram o estudo:

Quais são as razões que justificam a opção pelo Ensino Profissional? A oferta local condiciona a escolha do curso? Quais as suas expectativas?

Os resultados (e a experiência) dizem-nos que a escolha assenta primordialmente em quatro razões:

1. Perspetivar uma forma diferente e mais prática para concluir o 12.º ano;
2. A oportunidade para aceder, de modo precoce, ao mercado de trabalho;
3. Permanecer no meio e, preferencialmente, na escola onde frequentaram o 9.º ano de escolaridade e, desse modo, manter o contacto direto com a família e com os seus pares;
4. Obter melhor média final de curso, em áreas onde lhes é possível desenvolver competências diferenciadas das adquiridas no ensino geral.

Em que momento da vida escolar efetuou a escolha pelo Ensino Profissional? Houve orientação? De quem?

Ressalta neste estudo que a escolha ocorre, essencialmente, no final do 9.º ano, mostrando que a decisão é adiada praticamente até ao limite, o que nos leva a concluir que estes jovens ainda não têm ideias definidas em relação ao seu futuro escolar. Com efeito, muitos alunos no 9.º ano ainda não conseguem discernir, verdadeiramente, as suas aspirações. Os alunos entrevistados aludem ao facto de a frequência desta oferta formativa, facilitar o acesso ao mercado de trabalho, dotando-os de competências pessoais e profissionais úteis, independentemente da profissão que venham a exercer no futuro. De notar que, uma percentagem significativa faz a escolha já no ensino secundário, quer por não se identificarem com este tipo de oferta formativa quer por sentirem dificuldades em acompanharem as matérias.

Os Pais e os Irmãos são quem mais intervêm nesta escolha, embora os alunos que se encontram a terminar o 12.º ano apontem para uma decisão pessoal. No entanto, esta ocorre, particularmente, em situações em que o aluno já vivenciou essa experiência através de irmãos ou amigos.

Quais os aspetos mais valorizados pelos alunos na frequência de um Curso Profissional? Quais as dificuldades sentidas?

Comparativamente ao Ensino Geral, como fatores preferenciais principais, encontramos o facto de o Ensino Profissional orientar para o mercado de trabalho,

os conteúdos das aulas serem mais práticos e direcionados para uma profissão o que gera mais motivação para estudar e para trabalhar, adquirir mais responsabilidade e autonomia, o que nos permite confirmar a intenção dos alunos de ingressar rapidamente no mercado de trabalho.

É, também, notória a referência a que os professores desenvolvem uma relação pedagógica mais próxima, mais acessível, porquanto apoiam e ajudam sempre que há dificuldades, por isso, os alunos consideram o relacionamento com os professores “Muito Bom” e, ainda, um maior desempenho na aproximação à comunidade e às instituições. De referir, também, a larga importância atribuída à Formação em Contexto de Trabalho, essencialmente como meio de preparação para o mercado de trabalho.

Os alunos consideram que as suas notas melhoraram desde que frequentam o Ensino Profissional, o que nos permite concluir que muitos alunos encontram nesta oferta formativa caminhos alternativos de sucesso relativamente ao Ensino Geral e, desse modo, experimentam sentimentos e competências de autoestima e de um saber fazer que os motiva para, em algumas situações, prosseguir estudos superiores.

Pese embora a frequência e conclusão do curso constitua motivo de orgulho, subsiste, ainda, alguma reticência nesta matéria, o que se confirma pelo número de alunos que responde apenas parcialmente a esta questão. É facto que a carga pejorativa associada aos Cursos Profissionais persiste. Todavia, a mudança está em curso. Nas palavras dos alunos inquiridos, a frequência do curso correspondeu e ultrapassou as suas expectativas.

Quais as perspetivas futuras dos jovens do EP após a conclusão do curso?

Dos resultados, fica visível a prerrogativa para o acesso ao mercado de trabalho, mas, também, para prosseguir estudos em áreas diversas da área de formação frequentada.

As medidas legislativas mais recentes (artigo 60.º do Decreto-Lei n.º 92/2014, de 20 de junho e Decreto-Lei n.º 11/2020, de 2 de abril), como a implementação de sistemas de garantia de qualidade (dos processos formativos e dos resultados obtidos pelos alunos) e a criação de concursos especiais de ingresso no ensino superior (para titulares dos cursos de dupla certificação do ensino secundário e

cursos artísticos especializados), vêm conferir e reforçar um maior crédito nesta alternativa ao Ensino Geral, porquanto o primeiro permite o enraizamento de uma cultura de melhoria contínua estratégica para o Sistema Nacional de Qualificações, motor para o reforço da confiança nas modalidades de dupla certificação do Sistema, concorrendo para:

- a maior atratividade da EFP junto dos jovens e encarregados de educação;
- a credibilização do sistema de EFP;
- o envolvimento nos processos de garantia da qualidade da oferta de EFP por parte dos empregadores;
- a notoriedade da EFP junto da população em geral (Guia para o Processo de Alinhamento com o Quadro EQAVET, 2020, p.5);

e o segundo cria as condições necessárias à implementação de um novo regime de acesso ao Ensino Superior que valoriza as especificidades curriculares destas vias de qualificação secundária, acautelando o princípio da equidade e igualdade de oportunidades e indo ao encontro de uma das prioridades do país, a de elevar o nível de qualificação e competências da população portuguesa. (<https://www.dges.gov.pt/>)

O desenvolvimento curricular aberto e flexível dos Cursos Profissionais, centrado no perfil de competências do aluno para o século XXI e nos novos perfis profissionais de saída definidos para cada área de educação e formação, com garantia da qualidade em termos de resultados da aprendizagem, dos processos, dos recursos e da empregabilidade dos seus diplomados, constitui, atualmente, o desafio das escolas para fazer face às exigências do futuro.

Os Cursos Profissionais, enquanto alternativa formativa, apoiam a existência de percursos educativos que sirvam os desafios das novas e complexas sociedades.

O mundo atual coloca desafios novos à educação. O conhecimento científico e tecnológico desenvolve-se a um ritmo de tal forma intenso que somos confrontados diariamente com um crescimento exponencial de informação a uma escala global.... É neste contexto que a escola, enquanto ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde os alunos adquirem as múltiplas literacias que precisam de mobilizar, tem que

se ir reconfigurando para responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas (PASEO, 2017, p.3).

Vivemos um tempo de grandes inquietudes, circunstância que nos move para “investir nas aptidões e competências das pessoas” (Declaração de Osnabrück, 2020). O futuro da humanidade no planeta está comprometido. A pandemia teve pelo menos o mérito de demonstrar quão frágeis são as nossas vidas e quão enredados estão os nossos destinos (cf. Reimagining our futures together: a new social contract for education, 2021, p.7).

Neste desafio,

o leque de competências a desenvolver terá de responder, nos nossos dias, aos novos desafios, ou seja, fomentar, além da magna competência de saber pensar e ser competente, a capacidade de construção de uma identidade pessoal e de um projeto de vida, a capacidade de distanciamento crítico, mormente face aos media e aos “ecrãs”, a capacidade de resolução de problemas complexos e a capacidade criativa, a capacidade de comunicação e de cooperação com outros e a capacidade de discernimento e de tomada de decisão. (CNE, 2021)

Sabemos que, cumprir a missão da escola é, ainda hoje, um exigente e complexo desafio. Por isso, “as escolas precisam superar e alargar horizontes pedagógicos [e alternativos] que ajudem a criar um outro percurso para cumprir a missão e os pressupostos da escola inclusiva. A perspetiva é orientar para uma aprendizagem crítica flexível e, em particular, para o desenvolvimento humano” (Palmeirão & Alves, 2018, p. 5).

“Em educação não pode haver percursos-não” (Azevedo, 2013, p.46). A propósito, o atual Ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues (2021b), lembra que durante muito tempo, o ensino profissional, foi entendido, como um depósito de insucessos precoces e não como uma estrada alternativa capaz de desenvolver, com os alunos, um trajeto que os oriente para o seu projeto de vida – académico, social e/ou profissional.

Este estudo reflete e é o resultado da nossa tentativa de lançar um olhar factual sobre os Cursos Profissionais do Agrupamento de Escolas de Pinheiro,

procurando dissociar o papel de professora do papel de investigadora para conferir objetividade ao trabalho, mas, numa interpretação final, sem esquecer o caminho percorrido nos últimos catorze anos, como professora da componente técnica e tecnológica, professora orientadora da FCT e da PAP, Diretora de Curso, Coordenadora dos Cursos Profissionais e, mais recentemente, da Equipa EQAVET.

Neste percurso, que resultou no acompanhamento estreito de cerca de 200 alunos durante o ensino secundário profissional, podemos apontar uma taxa de conclusão na ordem dos 90%, resultante, em muitos casos, da mudança das perceções e disposições dos mesmos face ao processo formativo, que mesmo procurando, a priori, neste tipo de ensino uma “forma mais fácil de concluir a escolaridade obrigatória”, se deparam com ambientes de aprendizagem de rigor e de exigência. Com efeito, estes alunos encaram muitos desafios dentro e fora da sala de aula (pelo envolvimento em projetos e atividades práticas) e através da FCT e da PAP, que lhes proporcionam uma aproximação ao mundo de trabalho, assumindo-se como uma prova à capacidade de adaptação a diferentes situações laborais e integração na dinâmica organizacional, possibilitando a consolidação dos conhecimentos adquiridos até à formação atual, conferindo-lhes uma validação externa. Estas valências certificam, na nossa opinião, a essência e a excelência do Ensino Profissional como uma ferramenta com implicações no futuro destes alunos, qualquer que seja a via que sigam: integração no mercado de trabalho, empreendedorismo e/ou prosseguimento de estudos.

Na prática, a via escolhida não coincide, necessariamente, com a área de formação frequentada, no entanto são estes alunos que sublinham a importância das competências sociais e profissionais adquiridas e desenvolvidas e do seu impacto nos seus projetos de vida. Paralelamente, sobressai a vontade de investir numa formação contínua, mesmo que não seja a nível superior, o que reflete o facto de o processo formativo ter proporcionado um sentimento de capacitação que, porventura, não existia e que foi, entretanto, adquirido.

Daqui resultam as nossas impressões de que este tipo de ensino consubstancia projetos de vida que dão resposta às aspirações da grande maioria dos alunos que o frequentam.

Apesar do rigor na organização e sistematização do presente trabalho de investigação, este não se encontra isento de dificuldades e limitações,

nomeadamente as impostas pela pandemia de COVID-19, que foram sendo colmatadas com recurso às tecnologias digitais.

Tendo em conta que o estudo efetuado foi realizado no âmbito de um único estabelecimento de ensino, não é possível generalizar conclusões para outros contextos. Abre, contudo, algumas pistas para investigações futuras, nomeadamente sobre as motivações dos alunos para a escolha deste tipo de oferta formativa, que poderá já não estar tão relacionada com uma trajetória de insucesso, como estudos anteriores apontam.

Como pretensões futuras ficam a possibilidade de replicação deste estudo na divulgação desta oferta formativa, nomeadamente, a nível da orientação vocacional e a intenção de aprofundar este estudo, seguindo os percursos de vida destes alunos, auscultando, através de entrevistas presenciais, professores e empresários, para apurar, junto destes, a evolução da imagem dos cursos profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, R. (2017). *Mobile learning e educação em saúde: estudo de caso no Ensino Superior de Práticas Laboratoriais*. Universidade Aberta.
- Afonso, N. (2014). *Investigação Naturalista em Educação*. Fundação Manuel Leão.
- Almeida, J. e Pinto, J. (1981) *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa. Editorial Presença.
- Alves, J. (2019). *Rever o passado, projetar o futuro*. In Orvalho, L., Rocha, Laura (Orgs.) (2019) *30 Anos de Ensino Profissional: Perscrutar as Intencionalidades e Perspetivar o Futuro*. Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Educação e Psicologia.
- ANQEP. (2021). *Metodologia de Desenho de Qualificações*. CNQ.
- Azevedo, J. (2011). *Liberdade e Política Pública de Educação – Ensaio sobre um novo Compromisso social pela Educação*. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Azevedo, J. (2013). *Como se tece o (in)sucesso escolar: o papel crucial dos professores*. In Machado, J. & Alves, J. (Orgs.) (2013). *Melhorar a Escola*. Católica Editora. Porto, pp. 40-54.
- Azevedo, J. (2014). *Ensino Profissional em Portugal, 1989-2014: Os primeiros vinte e cinco anos de uma viagem que trouxe o ensino profissional da periferia para o centro das políticas educativas* (pp. 1-48). CEDH/FEP Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano. Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa/Porto.
- Azevedo, J. (2019). *Políticas públicas: uma arte de promover o bem comum - O caso das escolas profissionais e do ensino profissional*. In Orvalho, L., Rocha, L. (Orgs.) (2019) *30 Anos de Ensino Profissional: Perscrutar as Intencionalidades e Perspetivar o Futuro*. Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Educação e Psicologia.
- Azevedo, J. (2019). *Políticas públicas: uma arte de promover o bem comum. O caso das escolas profissionais e do ensino profissional*. In Estado da Educação 2018. Edição 2019. Conselho Nacional da Educação
- Barbosa, B., Melo, A., Rodrigues, C., Santos, C., Costa, F., Dias, G., Filipe, S., Traqueia, A. & Nogueira, S. (2019) *Caracterização do Ensino e Formação Profissional em Portugal - Análise de dados secundários, 2015-2019*.

- EDULOG - Fundação Belmiro de Azevedo.
- Cardim, J. C. (1999). *O Sistema de Formação Profissional em Portugal*. Inoform - Instituto para a Inovação na Formação.
- Cedefop (2021). *O sistema de educação e formação profissional em Portugal: descrição sumária*. Luxemburgo: Serviço das Publicações.
- Cerqueira, M., & Martins, A. (2011). *A consolidação da educação e formação profissional na escola secundária nos últimos 50 anos em Portugal*. *Revista Lusófona de Educação*, 17, 123–145.
- Conselho Nacional de Educação. (CNE). (2021). *Recomendação Perspetivar o futuro do Ensino Profissional*.
- Costa, J. (2019). *O preconceito contra o ensino profissional não tem explicação*. <https://www.dn.pt/vida-e-futuro/o-preconceito-contra-o-ensino-profissional-nao-tem-explicacao-11579071.html>, consultado em 06.01.2021
- Creswell, J. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches (3rd ed.)*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Creswell, J. (2014) *Research Design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches* SAGE Publications, Inc.
- Damásio, T. (2019). In Reis C. *O ensino profissional "é uma das melhores formas de qualificação num futuro incerto"* <https://www.dn.pt/educacao-do-dia/03-dez-2019/o-ensino-profissional-e-uma-das-melhores-formas-de-qualificacao-num-futuro-incerto-11551246.html>, consultado em 09.03.2021
- Decrop, A. (2004) *Qualitative Research Practice. A guide for social science students and researchers*. *Rechercher et Applications en Marketing*, v. 19, p. 126-127.
- Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) (2020). *Educação em Números - Portugal 2020*. Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência.
- DGEEC (2020). *Jovens no pós-secundário em 2019 – Percursos de Inserção Escolar e Profissional*. Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência.
- DGEEC (2021). *Situação após 3 anos dos alunos que ingressam em cursos profissionais 2019/20*. Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência.
- Duarte, A. (2012). *A introdução dos cursos profissionais nas escolas públicas: perfil socioeducativo dos alunos*. Lisboa. ISCTE-IUL.
- Esteves, A. & Branco, M. (2018) *O Ensino Profissional na Escola Secundária*

- Pública Portuguesa: Perceções dos seus Principais Agentes Educativos.*
Arquivos Analíticos de políticas educativas.
- eu2020.de (2020). *OSNABRÜCK DECLARATION 2020 on vocational education and training as an enabler of recovery and just transitions to digital and green economies.*
- Fernandes, P. (2009) *Cursos Profissionais: Sinais de Mudança na Homogeneidade?* Lisboa. ISCTE-IUL.
- Freire, Paulo. (1987). *Pedagogia do Oprimido.* Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* Editora Paz e Terra. São Paulo.
- Freixo, M. (2011). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas.* 3.^a ed. Lisboa: Instituto Piaget.
- Galvão C. (2005) *Narrativas em Educação. Ciência e Educação;* v.11, n 2, p. 327-345.
- Gardner, H., Chen, J., Moran, S. (2010). *Inteligências Múltiplas ao redor do Mundo.* Artmed, Porto Alegre.
- Gaspar, T., Aires, M. (2018). Simões, M. (Coord) *Guia para o Processo de Alinhamento com o Quadro EQAVET - Garantia da Qualidade na Educação e Formação Profissional.* Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, I.P.
- Glasser, W. (1998). *Choice Theory. A New Psychology of Personal Freedom.* HarperCollins e-books (2010).
- Gonçalves, J. & Martins, P. (2008). *Cursos Profissionais. Guia prático para o professor.* Areal Editores.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo. Sentido e formas de uso.* Estoril, Principia Editora.
- Guimarães, C. (2021) - *Empregabilidade é um fator que joga a favor e contra a transição para o Ensino Superior.* In *EDUTALKS - Qual o estado das redes de Ensino Profissional em Portugal?* EDULOG - Fundação Belmiro de Azevedo.
- Grings, J., Jungs, C. (2017). *Fatores que influenciam na escolha profissional e a importância da orientação vocacional e ocupacional.* Revista ESPACIOS. Vol. 38 (N.º 15)
- Imaginário, L. (1997). *Questões de Orientação.* Cadernos de Consulta Psicológica,

13, 39-46.

- Jovchelovitch, S.; Baeur, M. (2002). *Entrevista narrativa*. In: Baeur, M. Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Marques, M. (2017). *Perceções e expetativas de alunos do ensino secundário sobre os Cursos Profissionais e os Cursos Científico-Humanísticos*. Universidade de Lisboa.
- Martins, G., Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carillo, J., Silva, L., Encarnação, M., Horta., M, Calçada, M., Nery, R. & Rodrigues, S. (2017) *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação
- Mónico, L., Alferes, V., Parreira, P. & Castro, P. (2017) *A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa*. Atas CIAIQ2017. Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa.
- Moreira, S. (2005) *Análise documental como método e como técnica*. In: Duarte, J.; Barros, A. (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, p. 269-279.
- Moreira, C. (2007). *Teorias e práticas de investigação*. Lisboa: ISCSP.
- Muylaert, C. (2014). *Entrevistas narrativas - um importante recurso em pesquisa qualitativa*. Revista da Escola de Enfermagem da USP.
- OCDE (2018), "Portugal", in *Education at a Glance 2018: Indicadores da OCDE*, Publicação da OCDE, Paris.
- OECD (2019), "What characterises upper secondary vocational education and training?", Education Indicators in Focus, No. 68, OECD Publishing, Paris.
- OCDE (2020), "Portugal", em *Education at a Glance 2020: Indicadores da OCDE*, Publicação da OCDE, Paris.
- Orvalho, L., Portal, M. & Lobato, M. (2021). *O sonho da Igualdade só cresce no terreno do respeito pelas diferenças*. In Palmeirão, C., Alves, J. (Orgs.) (2021) *Mudança em Movimento - Escolas em Tempo de Incerteza* - Universidade Católica Editora.
- Pacheco, T. (2014). *A opção dos jovens pelo Ensino Profissional: contextos e decisões. um estudo de caso*. Universidade dos Açores.
- Palmeirão, C., Alves, J. (2018). *A Escola e a Mudança*. In Palmeirão, C., Alves, J. (Orgs.) (2019). *Escola e Mudança. Construindo autonomias, flexibilidade e*

- novas gráficas de escolarização - os desafios essenciais*. UCP, Católica Editora, pp.4-9.
- Palmeirão, C., Alves, J. (2019). *Da Igualdade de Oportunidades à Equidade Educativa. Caminhos de uma Inclusão Sucedida*. Universidade Católica Editora.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal.
- Passeggi, M., Nascimento, G., & Oliveira, R. (2016). *As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação*. Revista Lusófona de Educação
- Penim, A. (2021). *O desenvolvimento pessoal como alavanca do desenvolvimento e desempenho profissional*. In Estado da Educação 2019. Edição 2020. CNE.
- Pereira, J., & Carvalho, R. (2021). *Ensino profissional: Escolha vocacional ou escapatória para jovens em transição?*. Psychologica, 64(1), 49-67.
- Perrenoud, Ph. (2001). *Construir competências desde a Escola*. Bookman.
- Rodrigues, N. (2019). *Ensino Profissional: valorização de competências, o caminho para o futuro*. Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Católica Braga.
- Rodrigues, T (2021a). *Ensino profissional deve adaptar-se aos jovens e ao mercado – ministro* <https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2021-03-19-ensino-profissional-deve-adaptar-se-aos-jovens-e-ao-mercado-ministro/>, consultado em 16.11.2021
- Rodrigues, T. (2021b). *Cursos Profissionais devem ser adaptados às necessidades do mercado de trabalho*. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=cursos-profissionais-devem-ser-adaptados-as-necessidades-do-mercado-trabalho>, consultado em 10.01.2022
- Roldão, M. (2003). *Gestão do currículo e avaliação de competências*. Lisboa: Editorial Presença.
- Schraiber LB. (1995). *Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica*.

- Serrano, G. P. (2004). *Metodologias de investigação em animação sociocultural*. In J. Trilla (Coord.), *Animação sociocultural: Teorias, programas e âmbitos* (pp. 101- 119). Lisboa: Instituto Piaget.
- Santos, M. (2022). In Andrade, D. & Cardoso, I. *Em 2020, o abandono escolar continuou a reduzir*. JN Jornal de Notícias de 09.01.2022
- Silva, A. (2002). *Ensino Profissional: o caminho percorrido e o caminho a percorrer*. Sindicato dos Professores do Norte, Encontro Nacional de 2002.
<https://www.spn.pt/Artigo/ensino-profissional-o-caminho-percorrido-e-o-caminho-a-percorrer>
- Silva, G. (2020). *Propostas para que o ensino profissional seja a primeira escolha dos jovens*. In O Estado da Educação 2019. CNE
- Silva, J. (2004). *A eficácia da intervenção vocacional em análise: implicações para a prática psicológica*. In M.C Taveira (Coord.). *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 95-125). Coimbra, Editorial Almedina.
- Soares, J., Pereira, T. & Dias, W. (2011). *Método da Observação: reflexões acerca de seu uso e formas de aplicação*. Academia.
- Tashakkori, A., & Teddlie, C. (1998). *Mixed methodology: Combining qualitative and quantitative approaches*. Sage Publications, Inc.
- Tuckman, B. (2000). *Manual da investigação em educação*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Unesco (2021), *Reimagining our futures together: a new social contract for education*.
- Vennesson, Pascal (2008). *Case studies and process tracing: theories and practices*. European University Institute.
- Vieira, M., Carvalho, G., Araújo, M. & Pereira, R. (2018). *Como a Comunidade Científica Portuguesa Analisa a Educação Profissional*. Revista Tempos e Espaços em Educação.
- Yin, R. (2001). *Estudo de Caso. Planeamento e Métodos*. Bookman.
- Young, M. (2010). *The future of education in a knowledge society: The radical case for a subject-based curriculum*. Journal of the Pacific Circle Consortium for Education.

ANEXOS

Anexo 1 - Pedido de Colaboração

PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Exma. Senhora Diretora do
Agrupamento de Escolas de
Pinheiro,

Maria Adília M. O. Pereira de Brito, professora do quadro da Escola Básica e Secundária de Pinheiro, que se encontra a frequentar o mestrado em Ciências da Educação — Especialização em Administração e Gestão Escolar, na Universidade Católica Portuguesa do Porto, sob a orientação da Professora Doutora Cristina Palmeirão, e que se intitula "Ensino Profissional: Um olhar sobre as motivações e expectativas dos alunos", venho por este meio respeitosamente solicitar a V. Exa. a autorização para a realização do referido estudo nesta escola, aplicando questionários aos alunos do 9.º ano de escolaridade e do 10.º, 11.º e 12.º anos dos Cursos Profissionais e a aplicação de entrevistas aos alunos do 12.º ano dos Cursos Profissionais.

O questionário é anónimo e os dados recolhidos serão mantidos confidenciais, respeitando os princípios deontológicos de investigação em ciências sociais, de acordo com o Código de Ética e de Conduta (UCP, 2015) e o estipulado na Lei da Proteção de Dados Pessoais (Lei n.º 58/19 de 08/08/2019).

Agradeço desde já a disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

A investigadora,

Adília Brito

*Autoriza
09/08/2021
A diretora
[Assinatura]*

Adília Brito

**Anexo 2 - Consentimento Informado em participação num estudo de
investigação - questionário**

Adília Brito

Mestrado em Ciências de Educação

Ramo: Administração e Organização Escolar

Universidade Católica Portuguesa

Ex.mo(a) Sr.(a) Encarregado(a) de Educação,

No âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências de Educação, especialização em Administração e Organização Escolar, da Universidade Católica Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora Cristina Palmeirão, estou a realizar um estudo com a temática “*Ensino Profissional: Um olhar sobre as motivações e expectativas dos alunos*”.

Para levar este projeto de investigação a bom porto, será necessário recolher dados entre um conjunto de alunos, através de um questionário que, após análise criteriosa, permitirá tirar conclusões sobre a temática em estudo.

O questionário é anónimo e os dados recolhidos serão mantidos confidenciais, respeitando os princípios deontológicos de investigação em ciências sociais.

Assim, venho por este meio, solicitar o seu consentimento para a aplicação do questionário ao seu educando e utilização dos dados recolhidos para os fins desta investigação.

Agradeço, desde já, a vossa atenção e colaboração neste projeto.

Termas de S. Vicente, junho de 2021

Eu, _____, Encarregado/a de Educação do/a aluno/a _____, a frequentar o ____ ano, na turma _____, com o n.º _____, venho por este meio autorizar que o meu educando participe no estudo “*Ensino Profissional: Um olhar sobre as motivações e expectativas dos alunos*”, através da resposta a um questionário.

Data: ____/____/____

(Assinatura Encarregado de Educação)

Anexo 3 - Consentimento Informado em participação num estudo de investigação - entrevista

Adília Brito

Mestrado em Ciências de Educação

Ramo: Administração e Organização Escolar

Universidade Católica Portuguesa

Ex.mo(a) Sr.(a) Encarregado(a) de Educação,

No âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências de Educação, especialização em Administração e Organização Escolar, da Universidade Católica Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora Cristina Palmeirão, estou a realizar um estudo com a temática “*Ensino Profissional: Um olhar sobre as motivações e expectativas dos alunos*”.

Para levar este projeto de investigação a bom porto, será necessário recolher dados entre um conjunto de alunos, através de um questionário e/ou entrevista que, após análise criteriosa, permitirá tirar conclusões sobre a temática em estudo.

O questionário é anónimo e os dados recolhidos serão mantidos confidenciais, respeitando os princípios deontológicos de investigação em ciências sociais.

Assim, venho por este meio, solicitar o seu consentimento para a aplicação do questionário ao seu educando e utilização dos dados recolhidos para os fins desta investigação.

Agradeço, desde já, a vossa atenção e colaboração neste projeto.

Termas de S. Vicente, junho de 2021

Eu, _____, Encarregado/a de Educação do/a aluno/a _____, a frequentar o ____ ano, na turma _____, com o n.º _____, venho por este meio autorizar que o meu educando participe no estudo “*Ensino Profissional: Um olhar sobre as motivações e expectativas dos alunos*”, através da resposta a um questionário e/ou entrevista.

Data: ____/____/____

(Assinatura Encarregado de Educação)

Anexo 4 - Questionário aos Alunos do Ensino Profissional

Este inquérito é anónimo e integra-se num trabalho e investigação sobre o Ensino Profissional, garantindo-se a confidencialidade das respostas.

Responde a todas as questões. Nas questões de resposta fechada seleciona a tua resposta, nas de resposta aberta utiliza o espaço para o efeito.

Obrigada pela tua disponibilidade, a tua participação é muito importante para o sucesso da investigação.

CARACTERIZAÇÃO PESSOAL

1 - Sexo

- Feminino
 Masculino

2 – Idade

3 - Naturalidade (concelho)

4 - Ano de Escolaridade

- 10.º
 11.º
 12.º

5 - Designação do Curso Profissional

- Técnico Comercial
 Técnico Restaurante/Bar

RELAÇÃO COM A ESCOLA

6 - Como é a tua relação com a escola?

- Gosto de estudar
 Não gosto de estudar
 Tenho dificuldades de aprendizagem
 O que aprendo na escola não tem qualquer utilidade
 Outra: _____

7 - Em casa és incentivado pelos teus pais / familiares / encarregados de educação a estudar?

- Sim
 Não

8 - Achas que a tua turma tem uma atitude que proporciona um clima de aprendizagem em sala de aula?

Sim

Não

9 - Se respondeste NÃO, explica porquê?

10 - Como avalias o teu relacionamento com...

	Muito mau	Mau	Razoável	Bom	Muito bom
Professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistentes Operacionais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11 - Achas que tens um comportamento adequado na escola?

Sim

Não

12 - Se respondeste NÃO, explica porquê?

13 - Achas que os alunos que frequentam os cursos profissionais são mais indisciplinados?

Sim

Não

14 - Sentiste dificuldades em aprender enquanto frequentaste o ensino geral?

Sim

Não

15 - Se respondeste SIM, porquê?

16 - Indica TRÊS disciplinas que, no teu entender, eram as mais difíceis no ensino geral.

- Português
- Francês
- Inglês
- História
- Geografia
- Matemática
- Ciências Naturais
- Físico-Química
- Educação Visual
- Educação Tecnológica
- TIC
- Educação Física

TRAJETÓRIA ESCOLAR

17 - Ao longo da tua trajetória escolar alguma vez ficaste retido / reprovado?

- Sim
- Não

18 - Se respondeste SIM, preenche o seguinte quadro. Se respondeste NÃO, passa à questão 20.

	1	2	3 ou mais
1.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19 - Assinala quais foram, na tua opinião, as TRÊS principais razões para a tua retenção / reprovação.

- Não gostava de andar na escola.
- Não percebia o que os professores diziam.
- Algumas matérias eram difíceis.
- Sou preguiçoso/a e não trabalho, não me esforço por aprender.
- Faltava muito às aulas.
- Tinha de trabalhar e não tinha tempo para estudar.
- Tinha problemas familiares.
- Não estudava.
- Não gostava dos professores.
- Não tinha condições em casa para estudar.
- Tinha problemas de saúde.
- Não tinha amigos na escola.
- A avaliação foi injusta.

Outra _____

20 - Ao longo do teu período escolar interrompeste, alguma vez, os teus estudos?

- Sim
- Não

21 - Se respondeste SIM, indica o motivo. Se respondeste NÃO, passa à secção seguinte.

22 - Indica a razão que mais influenciou a tua decisão de voltar a estudar.

ESCOLHAS E EXPECTATIVAS ESCOLARES

23 - Indica as principais razões por que optaste por um curso profissional: (até TRÊS)

- Aprendo uma profissão
- É uma forma mais fácil de fazer o 12.º ano
- Arranjo emprego com mais facilidade
- Reprovei muitas vezes
- Gosto da área profissional do curso
- É uma formação de carácter mais prático
- Permite a ligação da escola ao mercado de trabalho através dos estágios
- Os meus pais incentivaram-me
- Os meus pais obrigaram-me
- Fui aconselhado pelos Serviços de Psicologia e Orientação
- Fico melhor preparado para ingressar no Ensino Superior
- Fico melhor preparado para ingressar no mundo de trabalho

Outra: _____

24 - Assinala qual a importância que cada uma das seguintes pessoas teve na tua escolha do ensino profissional.

	Não teve importância nenhuma	teve pouca importância	teve alguma importância	teve muita importância
Pais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Irmão/s	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outros familiares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Amigos/colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Diretor de turma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Psicólogo/a da Escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25 - Em que momento do teu percurso escolar fizeste esta escolha?

- Antes do 9.º ano
- Durante o 9.º ano
- No final do 9.º ano
- Já estava no ensino secundário e mudei de área
- Não estava a estudar e decidi regressar
- Outra: _____

26 - O curso profissional que estás a frequentar é a tua primeira escolha?

- Sim
- Não

27 - Se respondeste SIM, indica porque escolheste esta área de formação:

- É a área de que mais gosto
- Penso que tem mais saídas profissionais
- Queria estudar nesta escola independentemente do curso
- Não existiam outras opções na escola
- Outra: _____

28 - Se respondestes NÃO, indica o principal motivo:

- Já não tinha vaga
- O curso que eu queria não existe nesta zona
- Queria estudar nesta escola independentemente do curso
- Não existiam outras opções na escola
- Outra: _____

29 - Se pudesses escolher outro curso profissional, qual escolherias?

30 - Como classificas as tuas expectativas quando entraste para o curso?

- Não tinha
- Pouco elevadas
- Elevadas
- Muito elevadas

31 - Em que medida o curso está a corresponder às tuas expectativas iniciais?

- Muito
- Alguma coisa
- Pouco
- Nada

32 - Quando iniciaste o curso conhecias as competências que devias adquirir durante a formação?

- Conhecia bem
- Conhecia mais ou menos
- Desconhecia

O CURSO PROFISSIONAL

33 - Gostas do curso que frequentas?

- Muito
- Bastante
- Mais ou menos
- Pouco
- Nada

34 - Indica o teu grau de satisfação em relação ao curso que frequentas, tendo em conta os seguintes aspetos:

	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
Horário semanal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Salas de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Equipamentos das salas de aula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Espaços para as aulas práticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Componente de Formação Sociocultural	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Componente de Formação Científica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Componente de Formação Tecnológica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Componente de Formação em Contexto de Trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relação com os professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relação com os colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

35 - Indica como avalias o curso que estás a frequentar, tendo em conta os seguintes aspetos:

	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
Interesse dos conteúdos tratados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimentos de cultura geral	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimentos teóricos obtidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimentos práticos obtidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preparação para a vida profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preparação para o prosseguimento de estudos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

36 - Que importância atribuis às seguintes atividades?

	Nenhuma importância	Pouca importância	Alguma importância	Muita importância
Visitas de Estudo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trabalhos de Projeto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Workshops/Seminários/Palestras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apoio especializado a outras atividades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prática Simulada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mostras à Comunidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atividades Culturais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atividades Desportivas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Intercâmbios com outras escolas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Campanhas de solidariedade e de voluntariado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

37 - Qual a importância que atribuis ao estágio (FCT)?

- Muita importância
 Alguma importância
 Pouca importância
 Nenhuma importância

38 - O que esperas adquirir com o estágio?

- Aprender a trabalhar em equipa
 Melhor preparação para o mundo de trabalho
 Novas competências
 Melhorar o relacionamento com os outros
 Nada. É apenas mais uma componente do curso que estou a frequentar.
 Melhorar os conhecimentos práticos sobre o que aprendi
 Outra: _____

39 - Assinala as afirmações que, na tua opinião, favorecem o ensino profissional relativamente ao ensino geral:

	Sim	Não
Orienta para o mundo de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os conteúdos das aulas são mais práticos e direcionados para uma profissão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As aulas são mais interessantes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As disciplinas são mais fáceis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolvem-se mais atividades lúdicas e pedagógicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Há uma maior aproximação à comunidade e às instituições, quer através de eventos, quer através da FCT	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os professores são menos exigentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os professores ajudam mais quando há dificuldades e são mais acessíveis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

40 - O teu desempenho enquanto estudante, isto é, as tuas notas melhoraram desde que frequentas o ensino profissional?

- Sim
 Não

41 - O facto de frequentares um curso profissional constitui motivo de orgulho para ti?

- Inteiramente
 Parcialmente
 Não

PROJETOS FUTUROS

42 - Quando acabares o ensino profissional tencionas: (UMA opção)

- Ingressar no ensino superior como estudante a tempo inteiro
 Ingressar no ensino superior e trabalhar em simultâneo
 Frequentar um Curso Técnico Superior Profissional e depois ingressar na Licenciatura
 Frequentar um Curso Técnico Superior Profissional e depois começar a trabalhar
 Arranjar um emprego na tua área de formação
 Arranjar um emprego numa área diferente da tua área de formação.
 Fazer outra formação numa área diferente.

43 - Consideras que o curso que frequentas vai ser útil no teu futuro profissional?

- Sim
 Não

44 - Porquê?

45 - Se optares por prosseguir estudos que área gostarias de seguir?

46 - Qual a profissão que gostarias de ter no futuro?

47 - Dos seguintes fatores, assinala os DOIS mais importantes para escolheres uma profissão?

- Boa remuneração
- Alcançar prestígio e reconhecimento social
- Realização pessoal
- Segurança e estabilidade
- Flexibilidade de horário
- Contribuir para a modernização do país
- Possibilidade de ganhar o suficiente para ter uma vida estável
- Concretização de projetos e ideias inovadoras
- Possibilidade de atingir cargos de chefia ou direção
- Facilidade de promoção na carreira
- Ter muito tempo livre

48 - Pensas que o curso profissional que frequentas te vai ajudar a ter essa profissão?

- Sim
- Não

49 - Porquê?

OBRIGADA PELA TUA COLABORAÇÃO!

Anexo 5 - Questionário aos Alunos do Ensino Geral

Este inquérito é anónimo e integra-se num trabalho de investigação sobre o Ensino Profissional, garantindo-se a confidencialidade das respostas.

Responde a todas as questões. Nas questões de resposta fechada seleciona a tua resposta, nas de resposta aberta utiliza o espaço para o efeito.

Obrigada pela tua disponibilidade, a tua participação é muito importante para o sucesso da investigação.

CARACTERIZAÇÃO PESSOAL

1 - Sexo

- Feminino
 Masculino

2 - Idade

3 - Naturalidade (concelho)

4 - Turma

- A
 B
 C
 D
 E

RELAÇÃO COM A ESCOLA

5 - Como é a tua relação com a escola?

- Gosto de estudar
 Não gosto de estudar
 Tenho dificuldades de aprendizagem
 O que aprendo na escola não tem qualquer utilidade

Outra: _____

6 - Em casa és incentivado pelos teus pais / familiares / encarregados de educação a estudar?

- Sim
 Não

7 - Achas que a tua turma tem uma atitude que proporciona um clima de aprendizagem em sala de aula?

- Sim
 Não

8 - Se respondeste NÃO, explica porquê?

9 - Como avalias o teu relacionamento com...

	Muito mau	Mau	Razoável	Bom	Muito bom
Professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistentes Operacionais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10 - Achas que tens um comportamento adequado na escola?

- Sim
 Não

11 - Se respondeste NÃO, explica porquê?

12 - Até ao momento, sentiste dificuldades em aprender?

- Sim
 Não

13 - Se respondeste SIM, porquê?

14 - Indica as disciplinas que, no teu entender, são as mais difíceis (até TRÊS).

- Português
- Francês
- Inglês
- História
- Geografia
- Matemática
- Ciências Naturais
- Físico-Química
- Educação Visual
- Educação Tecnológica
- TIC
- Educação Física

TRAJETÓRIA ESCOLAR

15 - Ao longo da tua trajetória escolar alguma vez ficaste retido / reprovado?

- Sim
 Não

16 - Se respondeste SIM, preenche o seguinte quadro. Se respondeste NÃO, passa à questão 18.

	1	2	3 ou mais
1.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.º ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17 - Assinala quais foram, na tua opinião, as TRÊS principais razões para a tua retenção / reprovação.

- Não gostava de andar na escola.
 Não percebia o que os professores diziam.
 Algumas matérias eram difíceis.
 Não me esforço por aprender.
 Faltava muito às aulas.
 Tinha de trabalhar e não tinha tempo para estudar.
 Tinha problemas familiares.
 Não estudava.
 Não gostava dos professores.
 Não tinha condições em casa para estudar.
 Tinha problemas de saúde.
 Não tinha amigos na escola.
 A avaliação foi injusta.

Outra: _____

18 - Ao longo do teu período escolar interrompestes, alguma vez, os teus estudos?

- Sim
 Não

19 - Se respondeste SIM, indica o motivo.

ESCOLHAS E EXPECTATIVAS ESCOLARES

20 - Quais as tuas expectativas em relação ao ensino secundário? (até TRÊS)

- Aprender sobre temas do meu interesse
- Adquirir novos conhecimentos e competências
- Obter boas qualificações nos exames nacionais
- Ter boas qualificações para entrar no ensino superior
- Ser bem preparado para entrar no mercado de trabalho
- Conhecer novos colegas
- Conhecer novos professores
- Não tenho expectativas

21 - Pretendes continuar a frequentar esta escola?

- Sim
- Não

22 - Se respondeste NÃO, porquê?

23 - Assinala qual a importância que cada uma das seguintes pessoas tem na tua escolha vocacional.

	Não tem importância nenhuma	Tem pouca importância	Tem alguma importância	Tem muita importância
Pais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Irmão/s	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outros familiares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Amigos/colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Diretor de turma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Psicólogo/a da Escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

24 - Que tipologia de ensino pretendes prosseguir no 10.º ano?

- Cursos Científico-Humanísticos
- Cursos Profissionais
- Ainda não sei
- Outra: _____

25 - Se optares pelos cursos científico-humanísticos, qual a área que irás privilegiar?

- Ciências e Tecnologias (CT)
- Línguas e Humanidades (LH)
- Ciências Socioeconómicas (CSE)
- Artes Visuais (AV)
- Outra: _____

26 - Se optares pelo ensino profissional, em que curso estás a pensar inscrever-te?

27 - Se a escola não tiver o curso profissional pretendido, consideras mudar de estabelecimento de ensino?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

O ENSINO PROFISSIONAL

28 - Lê cada uma das frases e decide sobre o teu grau de concordância com cada uma delas. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo totalmente	Discordo	Tenho dúvidas	Concordo	Concordo totalmente
Acho que os alunos dos cursos científicos-humanísticos têm mais oportunidades na entrada para o ensino superior.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Penso que o nível de exigência dos cursos profissionais é mais baixo que o dos cursos científicos-humanísticos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acredito que os alunos dos cursos profissionais têm mais facilidade em entrar no mercado de trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acredito que os alunos dos cursos científicos-humanísticos ficam melhor preparados para a realização dos exames nacionais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Penso que os alunos dos cursos profissionais estão mais motivados para estudar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Penso que os alunos dos cursos profissionais estão mais motivados para começar a trabalhar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A matéria que os alunos dos cursos científicos-humanísticos aprendem é mais útil para o futuro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os alunos dos cursos profissionais obtêm média mais elevada no final do ensino secundário.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os estudantes dos cursos científicos-humanísticos ingressam neste tipo de ensino porque têm menos capacidades para estudar do que os alunos dos cursos profissionais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Penso que os cursos profissionais têm um horário mais leve do que os cursos científico-humanísticos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Penso que os cursos científicos-humanísticos têm um programa mais extenso e difícil do que os cursos profissionais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os alunos dos cursos profissionais conseguem melhores médias de secundário do que os dos cursos científico-humanísticos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os estudantes dos cursos profissionais foram mais apoiados na sua tomada de decisão pela escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os estudantes dos cursos científico-humanísticos, em geral, tiveram menos reprovações no ensino básico do que os alunos dos cursos profissionais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os estudantes dos cursos científico-humanísticos são mais valorizados por	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

parte dos familiares e amigos.

O nível de satisfação dos alunos dos cursos profissionais é mais elevado do que os dos cursos científico-humanísticos.

O sentimento de responsabilidade e autonomia é superior nos cursos profissionais.

As expectativas de futuro são mais negativas nos estudantes dos cursos profissionais.

Os conteúdos lecionados são mais específicos e úteis nos cursos profissionais.

Os alunos dos cursos profissionais escolheram este tipo de ensino porque não têm interesse em prosseguir os estudos.

Penso que os alunos dos cursos profissionais têm mais vantagens na procura de emprego depois do ensino secundário.

OBRIGADA PELA TUA COLABORAÇÃO!

Anexo 6 - Guião da Entrevista dirigida aos alunos do Ensino Profissional

0 – Identificação sociodemográfica

Idade:

Curso: Técnico de Comércio / Técnico de Restauração

Proposta de guião para a entrevista aos alunos do 3.º ano dos Cursos Profissionais do Agrupamento de Escolas de Pinheiro, de acordo com uma abordagem de pesquisa qualitativa usando a técnica de entrevista semiestruturada.

Esta entrevista vai orientar-se por um guião de blocos a abordar livremente sem obedecer a uma ordem determinada. Com esta entrevista pretende-se obter informação complementar àquela que foi recolhida pelos questionários sobre as conceções destes participantes sobre:

1 – PRECURSORES DA ESCOLHA

Quais foram as razões que determinaram a escolha de um curso de natureza profissional.

Quem foram os principais intervenientes que participaram na escolha.

Quando ocorreu esta decisão?

Os cursos profissionais respondem a todo o tipo de alunos, os que têm grande sucesso escolar e os que têm dificuldades? Porquê?

2 – CARACTERIZAÇÃO DO CURSO

A frequência do curso correspondeu às tuas expectativas? Porquê?

Quais são, na tua opinião, os pontos fortes e os pontos fracos do Ensino Profissional? (estrutura modular, Estágio, PAP, ...)

Que diferenças encontras entre estes cursos e os cursos gerais?

A tua opinião / atitudes face ao curso mudaram ao longo da sua frequência?

Se pudesses voltar atrás farias a mesma escolha?

3 – PERSPETIVAS PARA O FUTURO

O que pensas fazer depois de concluir o curso?

Pensas que este curso contribuirá para o teu futuro profissional? De que forma?

Que conselhos darias a um jovem que se encontre a concluir o 9.º ano?

4 – OUTRAS QUESTÕES/ASSUNTOS NÃO ABORDADOS

Obrigada

